

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO RELAÇÕES PÚBLICAS**

JAIANA NASCIMENTO DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DOS PRESIDENCIÁVEIS EM
DEBATES DO 1º TURNO, EM 2018**

**Porto Alegre
2018**

JAIANA NASCIMENTO DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DOS PRESIDENCIÁVEIS EM
DEBATES DO 1º TURNO, EM 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Profa. Dra. Maria Helena Weber

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Jane Fraga Tutikian

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Karla Maria Müller

Vice-Diretor: Ilza Maria Tourinho Girardi

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

Chefe: Maria Berenice da Costa Machado

Chefe substituto: Mônica Pieniz

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES
PÚBLICAS

Coordenadora: Ana Cristina Cypriano Pereira

X00x Santos, Jaiana Nascimento dos

Comunicação e estratégias políticas dos presidencialistas em debates
do 1º turno, em 2018.

Jaiana Nascimento dos Santos. – Porto Alegre, 2018.

115 f.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio
Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.
Curso de Relações Públicas. Porto Alegre, 2018.

Orientação: Profa. Maria Helena Weber

1. Estratégias Políticas. 2. Eleição. 3. Debates. 4. David Horowitz.
I. Weber, Maria Helena. II. Título.

JAIANA NASCIMENTO DOS SANTOS

**COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DOS PRESIDENCIÁVEIS EM
DEBATES DO 1º TURNO, EM 2018**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do
Sul como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Relações
Públicas.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Maria Helena Weber - Orientadora
UFRGS

Prof. Dra. Maria Berenice da Costa Machado
UFRGS

Prof. Me. Marlise Brenol
UFRGS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

AUTORIZAÇÃO

Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) intitulado **COMUNICAÇÃO E ESTRATÉGIAS POLÍTICAS DOS PRESIDENCIÁVEIS EM DEBATES DO 1º TURNO, EM 2018**, de autoria de JAIANA NASCIMENTO DOS SANTOS, estudante do curso de RELAÇÕES PÚBLICAS, desenvolvida sob minha orientação.

Porto Alegre, _____ de _____ de 2018.

Assinatura:

Nome completo da orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Weber

AGRADECIMENTOS

A minha família pelo apoio e incentivo, ao meu marido pelo apoio e por ter sido fonte de inspiração para este trabalho, e a mim, por não ter desistido.

A ignorância do bem é a causa do mal.
(Demócrito)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal compreender e identificar nos discursos de políticos em disputa para cargo majoritário em democracias representativas, quais as estratégias que eles estão utilizando para poder convencer e persuadir a maioria dos eleitores e ganhar a eleição . Nesse sentido o cientista político, David Horowitz, aponta objetivamente naquilo que ele chama de Guerra Política quais seriam as estratégias que um político deve introduzir em suas falas e discursos para ganhar apoio popular. Para o cientista, discursos políticos com falas burocráticas e excessivamente racionais estão destinados ao fracasso. Para construção de estratégias eficazes de comunicação que conquistem apoio massivo e confiança da população é necessário, além de ter objetividade, clareza e simplicidade, introduzir elementos que despertem o lado emocional do receptor a fim de que ele absorva rapidamente a mensagem e se convença de que determinado candidato é o que melhor poderá representá-lo, uma vez que ele foi o mais capaz de compreender seus anseios. O objeto específico dessa análise foram os debates transmitidos por emissoras de televisão durante o 1º turno das eleições de 2018 para presidente da República do Brasil. As falas e discursos analisados na perspectiva da teoria de Horowitz foram as dos candidatos com melhores intenções de voto de acordo com as pesquisas. A partir dessa análise foi possível fazer correlação daqueles que usaram melhor os princípios da Guerra Política com melhor resultado nas eleições, observando pela primeira vez o poder de influência da internet para a opinião pública.

Palavras-chave: Estratégias Políticas.Eleição.Debates. David Horowitz.

ABSTRACT

The present work has for main objective to understand and to identify in the politicians' speeches in dispute for majority position in representative democracies, which the strategies that they are using to convince and to persuade most of the voters and to win the election. In that sense the political scientist, David Horowitz, appears objectively in that that he calls Political War which they would be the strategies that a political one should introduce in their speacks and speeches to win popular support. For the scientist, political speeches with speacks bureaucratic and excessively rational are destined to the failure. For construction of effective strategies of communication that conquer support massivo and trust of the population is necessary, besides having objectivity, clarity and simplicity, to introduce elements to wake up the emotional side of the receiver so that he absorbs the message quickly and it is convinced that certain candidate is what best can represent him, once he was the most capable of understanding their longings. The specific object of that analysis was the debates transmitted by television channels during the 1° shift of the elections of 2018 for President of Brazil. The speacks and speeches analyzed in the perspective of the theory of Horowitz were the one of candidates with better vote intentions in agreement with the researches. Starting from that analysis it was possible to do correlation of those that used the principles of the Political War better with better result in the elections, observing for the first time the power of influence of the internet for the public opinion.

Keywords: Political strategies. Election. Debates. David Horowitz.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Total de eleitores aptos a participar nas Eleições Gerais de 2018.....	36
Quadro 1 - Perfil político.....	37
Quadro 2 - Propostas	39
Figura 2 - Ordem e disposição dos candidatos no debate da TV Bandeirantes.....	59
Figura 3 - Ordem e disposição dos candidato no debate da TV Globo	90
Figura 4 - Resultado eleições 1º turno	110

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	PROCESSOS DEMOCRÁTICOS NA ÓTICA DO CIDADÃO COMUM E A GUERRA POLÍTICA	14
2.1	Democracia representativa, cultura política e eleições	14
2.2	Conceito de política	19
2.2.1	Política como estratégia discursiva.....	20
2.2.2	Guerra política	22
2.3	Democracia brasileira e cenário político	27
2.3.1	Eleições	29
3	ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2018	33
3.1	Níveis da eleição	33
3.2	Questões legais	35
3.3	Perfil do eleitor	35
3.3.1	Dados estatísticos.....	36
3.4	Arena da disputa presidencial.....	36
3.4.1	Os candidatos à presidência da república	37
3.4.2	Propostas.....	39
4	CAMPANHA E DEBATE ELEITORAL	488
4.1	A campanha.....	499
4.2	O debate eleitoral	511
4.2.1	Teoria.....	511
4.2.2	Procedimentos metodológicos.....	566
4.2.3	Categorização e aplicação de conceitos.....	577
5	ANÁLISE DO DEBATE NO 1º TURNO (TV BANDEIRANTES)	599
5.1	Descrição do debate	599
5.2	Análise.....	633
6	ANÁLISE DO DEBATE NO 1º TURNO (TV GLOBO)	90
6.1	Descrição do debate	90
6.2	Análise	92
7	ANÁLISE COMPARATIVA	108
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
	REFERÊNCIAS	1133

1 INTRODUÇÃO

Política é um tema que me interessou desde sempre, não diretamente por suas questões burocráticas ou pelas propostas e planos apresentados e defendidos pelos políticos, mas por seu inegável e importante viés psicológico. É instigante tentar compreender as razões que levaram as pessoas a apoiarem Hitler durante o Terceiro Reich, por exemplo. Quais seriam as estratégias utilizadas por líderes totalitários em seus discursos, propagandas e debates para conseguirem tantos fiéis seguidores? Como conseguem construir em torno de si uma aura intocável e blindada contra qualquer tipo de ataque ou crítica, tornando inútil toda tentativa externa de modificar a percepção de seus fiéis? Mesmo que na prática tais ideias, por vezes, sejam cruéis e desastrosas para a sociedade como um todo.

Devido a esse interesse, encontrei, através de pesquisas na Internet, o blog *ceticismopolitico.com* cujo autor possui interesses que vão diretamente ao encontro do meu: política (mais especificamente políticos) e suas estratégias discursivas a fim de ganhar a batalha na arena pública, conquistando, assim, cada vez mais militantes e defensores de seus planos e ideais. Nesse site, o dono Luciano Ayan (pseudônimo de Carlos Augusto de Moraes Afonso), escritor do livro “Liberdade ou Morte” (2016), disponibilizou sua tradução do livro de uma das principais influências para o blogueiro, o livro “*The Art of Political War*” (2001), de David Horowitz. Este autor trata em seu livro sobre a Guerra Política, que seria basicamente as artimanhas e estratégias discursivas utilizadas, mais comumente, por atores políticos em debates e pronunciamentos a fim de derrotar o adversário (seus opositores partidários e ideológicos) - leia-se “derrotar” nesse caso, como a estigmatização e degradação da imagem política do opositor.

Pensando em cidadania, estudar e compreender fenômenos políticos é algo de extrema importância, visto que é um prisma para entender o Estado e suas dinâmicas de funcionamento, bem como seus processos de governo. Por consequência, o entendimento mais aprofundado e reflexivo desses fenômenos pode levar à Ciência Política, uma vez que, para realização de tal estudo, é crucial analisar como foram e são os processos políticos, para, então, entender como deveriam ter sido e tornar possível fazer projeções de modelos políticos para alguma cidade, estado e/ou nação. Logo, todo esse conhecimento permite, para aqueles que

o alcançam, decidir melhor quem serão nossos representantes e que irão, por sua vez, comandar/governar esse “ser” tão abstrato, porém tão real no que diz respeito a capacidade de influir nas questões mais simples às mais complexas do nosso dia: o Estado.

Para o curso, também se trata de um trabalho de relevância e que vai diretamente ao encontro dos interesses da faculdade que estou cursando: Relações Públicas. Ser estudante de Comunicação Social e, portanto, estudante dos fenômenos de comunicação, entre eles os políticos, faz com que, pensar como os atores políticos constroem seus discursos, elaboram suas estratégias e a forma como decidem se posicionar na arena política, seja interessante para quem quer pensar estrategicamente a comunicação (objetivo principal do curso).

Apesar de meu interesse no início da graduação não ter sido no âmbito político, ao longo do tempo ele foi se modificando. O universo político é algo instigante, principalmente para quem possui interesse em comunicação de massas como eu, pois, mais do que outros temas, esse parece ser o que une mais profundamente os dois principais assuntos (na minha opinião) do curso de Relações Públicas: comunicação e psicologia. Estes, intrínsecos para o tema deste trabalho, unido é claro com a Ciência Política. Então, diante do exposto, ter escolhido esse tema parece ser algo não somente natural, mas inevitável.

O tema e, mais especificamente, o meu problema de pesquisa remetem a um assunto em evidência. O momento atual não é favorável para os políticos, que além de lidar com a mídia tradicional, agora precisam lidar com os cidadãos que, mais do que nunca, estão mais céticos e atentos as suas promessas e discursos. Tal desconfiança deve-se, provavelmente, não só aos recentes escândalos de corrupção evidenciados pela Lava-Jato e amplamente divulgados pelas mídias tradicionais (jornais, rádios e canais de televisão), mas também à Internet.

Contudo, o que me proponho neste trabalho não só é um exercício de cidadania, mas um comprometimento com o curso de Comunicação Social, que tem por objetivo, entre outros, observar o fenômeno da comunicação de forma crítica para além do senso comum, tentando refletir, inclusive, sobre os limites éticos e morais dos atores políticos na construção de suas estratégias políticas em busca do poder, justificando, assim, o problema de pesquisa deste trabalho.

Diante do exposto, um evento político (no Brasil) recente e significativo para ser analisado sob esse prisma são os **discursos dos presidentiáveis nos debates**

políticos televisionados no Primeiro Turno das Eleições de 2018. Os debates escolhidos para realizar a análise ocorreram na TV Bandeirantes e na TV Globo entre os seguintes candidatos: Alvaro Dias, Cabo Daciolo, Geraldo Alckmin, Marina Silva, Jair Bolsonaro, Guilherme Boulos, Henrique Meirelles e Ciro Gomes.

O livro base para sustentar as análises será o de David Horowitz, "*The Art of Political War*". O **Problema de pesquisa** será: que estratégias foram utilizadas pelos presidenciáveis no debate político televisual durante suas campanhas de eleição e que tiveram mais êxito de acordo com a proposta teórica de Horowitz?

O **objetivo geral** é o de identificar, nas falas dos candidatos nos debates televisuais, durante suas campanhas de eleição, os elementos estratégicos da Guerra Política defendidos por David Horowitz. Os **objetivos específicos** são: observar a evolução dos candidatos que participaram do primeiro e último debate do 1º turno; comparar as performances, identificando qual candidato se saiu melhor e compreender se a utilização das estratégias de David é eficaz observando os resultados das urnas.

Este trabalho foi dividido em 8 capítulos. No primeiro, a introdução; no segundo, consta a fundamentação teórica; no terceiro, foi tratado sobre eleições brasileiras de 2018; no quarto, dedicou-se a abordar sobre campanha e debate eleitoral; no quinto, inicia-se a análise do debate no 1º turno (TV Bandeirantes); no sexto, análise do debate no 1º turno (Tv Globo); no sétimo, é realizada a análise comparativa; e, por fim, no oitavo capítulo, constam as considerações finais.

2 PROCESSOS DEMOCRÁTICOS NA ÓTICA DO CIDADÃO COMUM E A GUERRA POLÍTICA

Inicialmente foram conceituados os pilares dessa análise: democracia, cultura política e eleições. Foi abordada a visão de empoderamento do cidadão comum em sistemas democráticos do professor de Filosofia da USP, Renato Janine Ribeiro, bem como sua perspectiva histórica sobre o tema. A fim de compreender em qual contexto de cultura política os atores políticos da eleição de 2018 e seus discursos aqui analisados estão inseridos, foi utilizado o artigo de Baquero, Ranincheski e Castro, “A formação política do Brasil e o processo de democracia inercial”, publicado na Revista Debates. Após, foi discutida qual a delimitação de política seria a utilizada e, então, iniciou-se a abordagem sobre política como estratégia discursiva, tendo como teoria central a Guerra Política de David Horowitz. Após a evolução do processo eleitoral no Brasil, contada por Manoel Rodrigues Ferreira, foi narrada de forma sintética, procurando compreender a evolução do papel do eleitor. Questões burocráticas e legais referentes aos níveis de eleição e processos eleitorais, bem como dados estatísticos do IBGE e perfil sociológico do eleitor, também foram explicitados. Estreitando mais a perspectiva de análise, foram elucidadas, em um quadro demonstrativo, as propostas e perfil político dos principais candidatos à presidência nas eleições de 2018. Para tratar de aspectos da campanha eleitoral e suas estratégias, recorreu-se à teoria de Carlos Augusto Manhanelli. Antes de iniciar a análise, a abordagem de Maria Helena Weber e Carmen Abreu, para compreender os debates-políticos-televisados, foi explanada. Por fim, depois de discutidos os procedimentos metodológicos, deu-se início a análise dos debates, observando a performance discursiva e fala dos principais candidatos, de acordo com as pesquisas, na perspectiva teórica de Horowitz e Weber.

2.1 Democracia representativa, cultura política e eleições

De acordo com o professor de filosofia política da USP, Renato Janine Ribeiro, a democracia representa o poder do povo e é o termo que, desde os gregos, é utilizado para se referir aos pobres, possui forte elemento social. “A democracia é o regime do povo comum, em que todos são iguais. Não é porque um se mostrou mais corajoso na guerra, mais capaz na ciência ou na arte, que terá direito a mandar

nos outros” (RIBEIRO,2008, p.9). Timothy Sisk (2015) também acredita que o legítimo poder da democracia reside “na mão” dos cidadãos comuns, e que a democracia vai além das eleições, por isso diálogo e debates envolvendo participação ativa do povo é fundamental. Para ele, a participação de comunidades seria o caminho, uma vez que permite a influência mais direta e dá voz aos indivíduos comuns. A nível comunitário, “os cidadãos podem aprender sobre as formas de dar voz às suas opiniões de forma mais efetiva nas comunidades onde moram” (SISK, 2015, p. 20).

Entretanto, o grau dessa participação ativa é a principal diferença entre a democracia antiga e a moderna, de acordo com Ribeiro (2008). Na primeira, o indivíduo decidia diretamente os rumos políticos de sua sociedade, na segunda, perdeu sua liberdade para decidir, pois “terceirizou” seu poder de decisão:

O pressuposto da democracia direta era a liberdade. Os gregos se orgulhavam de ser livres. Isso os distinguiu de seus vizinhos de outras línguas e culturas. Ser grego ou helênico não era uma distinção racial, mas linguística e cultural. Quem falasse grego era grego, não importando o sangue que corresse em suas veias. Os gregos consideravam os outros povos, tais como os persas, inferiores, mas — ao contrário dos racistas modernos — não por uma diferença genética, e sim por não praticarem a liberdade. (Ter a liberdade significava praticá-la.) Só eles, que decidiam suas questões, eram livres(RIBEIRO, 2008, p. 10).

O regime durou algumas centenas de anos e, somente no final do século XVIII, os regimes democráticos voltaram a existir, mas nada parece se igualar ao que era em Atenas quanto à amplitude do poder de decisão daqueles que eram considerados legítimos para votar, afirma o filósofo.

Apesar de ampla, a liberdade não era para todos. O autor faz ponderações quanto a isso, dado que o regime ateniense “negava participação na ágora às mulheres, aos menores de idade, aos escravos e estrangeiros. Hoje aceitamos a exclusão dos menores, mas não a das outras categorias” (RIBEIRO, 2008, p.12). Por conseguinte, como ele mesmo afirma, não era um regime perfeito, mesmo assim a democracia antiga é, muitas vezes, vista como superior à moderna, pois, “perdemos muito da dimensão pública” (RIBEIRO, 2008, p.13) quando “terceirizamos” nosso poder de decisão, uma vez que abdicamos do nosso direito de participar ativa e diretamente nas decisões. Talvez essa característica de eleger aqueles que farão o “trabalho duro” tenha nos “acostumado mal”.

Pagamos impostos, obedecemos às leis [...] - mas não nos chamem para mexer no cordame, ajeitar a vela! Se nos pedem isso, protestamos. E dizemos que o Estado não cumpre sua tarefa (porque não acreditamos, nem nas democracias, que o Estado somos nós)(RIBEIRO, 2008, p.13).

A liberdade moderna consiste, então, no direito de se submeter às leis, de ter garantido seu direito de ir e vir, de não ter sua liberdade cerceada pela vontade arbitrária de uma ou mais pessoas, de expressar-se, da propriedade privada. Portanto, o cidadão moderno que vive em sociedades democráticas representativas ganhou mais liberdades individuais e perdeu seu poder de decisão direto na arena pública. No entanto, o poder de um político só existe porque lhe foi dado o poder para agir por e em nome de outras pessoas, logo, o primeiro poder é submetido ao segundo, afirma Charaudeau (2013).

A democracia representativa traz outras implicações, pois todo o indivíduo inserido em seu sistema está submetido à vontade da maioria, ou seja, nem sempre sua decisão será a escolhida, já que os representantes escolhidos são reflexo do voto da maioria e não da totalidade dos eleitores. Diante desse cenário, é possível inferir dois tipos de representação: o primeiro em que o representante é escolhido pelo representado devido as suas promessas eleitorais (mesmo que depois não as cumpra), o segundo tipo seria aquele em que o escolhido irá representar as pessoas que não votaram nele, ou pior, que votaram em seus adversários, “mas como pode alguém me representar, se discordamos?” (RIBEIRO, 2008, p.25). O que acontece no segundo tipo não é mais a representação do indivíduo e sim da coletividade, e “a minoria está obrigada a apoiar a maioria, o vencido a seguir as regras determinadas pelo adversário” (RIBEIRO, 2008, p.25). De acordo com Ribeiro (2008, p. 25), é dessas discordâncias que uma sociedade moderna é formada:

De nenhuma sociedade, no mundo moderno e democrático, espera-se que seja unânime. Mas quer-se que ela continue sendo sociedade, apesar de suas divergências internas. É preciso que todos façam parte dela, mesmo quando discordam. E esse o sentido de haver um conjunto só, que reduz seus desacordos a uma vontade única, através do voto.

Até mesmo em Atenas havia a prevalência da vontade da maioria, o que não havia era “[...] o desinteresse expandido, a separação entre políticos profissionais e eleitores entediados. Contudo, numa sociedade complexa, em que nos dividimos entre inúmeros afazeres, quem de nós se entusiasma em ir a assembleias?” (RIBEIRO, 2008, p.25).

Outra questão é que, ao quantificar o processo de decisão, a qualidade das escolhas não está sendo priorizada. Na Idade Média, o rei ou o bispo tinha a incumbência de avaliar a “sanidade” das decisões tomadas pela maioria, em uma tentativa de qualificar as decisões. Atualmente, “votamos, como poderíamos sortear. Mas o resultado vale, porque foi aceito como legítimo” (RIBEIRO, 2008, p.23). Dessa maneira, na democracia representativa, deve-se considerar que o voto com consciência é compartilhado com o voto superficial, intuitivo ou até mesmo irresponsável, fazendo desse momento “uma loteria” (RIBEIRO, 2008, p.24). A existência da boca de urna é uma prova disso: “o que chamamos de ‘boca de urna’ é sinal de que muita gente chega ao dia decisivo sem saber quem escolher” (RIBEIRO, 2008, p.24). Tal fato faz com que alguns defendam o voto facultativo, como uma forma de aumentar a qualidade das decisões no processo democrático, mesmo não sendo possível saber se isso resolveria o problema, afirma Ribeiro (2008).

Para Ribeiro (2008), a configuração moderna da democracia brasileira deixou os cidadãos mais “preguiçosos” para a discussão da coisa pública. Esse desinteresse torna praticamente inviável o retorno da democracia direta. Há quem diga, com certa parcela de razão, que essa inviabilidade se deve ao fato da impossibilidade de reunir todos em praças públicas, ou coisa que o valha, mas esse é um argumento superficial, pois “ignora a dimensão do desinteresse pela política. Se o problema fosse só o do tamanho do território, as pessoas votariam animadas, participariam de organizações voluntárias; enfim, a política estaria em nosso sangue” (RIBEIRO, 2008, p.22). Esse desinteresse é compreensível, “afinal, a política de hoje é tão falsa, tão afastada das pessoas, que elas perdem o empenho por ela” (RIBEIRO, 2008, p.20).

O sentimento de desconfiança pela política e instituições, apesar de acreditar na democracia, deve-se ao “conjunto de elementos estruturais, históricos e conjunturais da formação política brasileira e na continuidade de um padrão de fazer política que torna o cidadão um mero espectador da política” (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p.88). De acordo com os autores, isso caracteriza um paradoxo, um descompasso, dado que acreditar nas instituições é premissa para construir uma cultura democrática, lembrando que crenças inabaláveis também podem atrapalhar a consolidação do sistema democrático. Acreditar nas instituições é muito importante para a construção de uma cultura

democrática(BAQUERO;RANINCHESKI; CASTRO, 2018), porém não é o fato de haver eleições que irá garantir que o povo confie em suas instituições e representantes(BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018).

O Brasil vem passando por uma crise política, que iniciou em 2013 com os protestos de rua, intensificou-se nas eleições de 2014 com o impeachment de Dilma Rousseff e, em 2015, com a Operação Lava-Jato, que identificou a corrupção sistêmica instaurada no país, mas foi a história política do país que fomentou a institucionalização de uma cultura daquilo que os autores chamam de “democracia inercial” (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p.93).

Toda “a construção do sistema político no Brasil foi [...] profundamente marcada pela interferência do Estado” (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p.90). No século XX, o Brasil sofreu vários golpes:

Em 1930 com a subida do político Getúlio Vargas; em 1937, o mesmo presidente realiza o chamado golpe branco, fechando o Parlamento e governando em estado de exceção por oito anos, saindo apenas pelas pressões internacionais e nacionais, num contexto de fim da II Guerra Mundial. Este período ficou conhecido na história brasileira como Estado Novo. De inspiração fascista, tanto as ações do Estado quanto o pensamento dominante foram se consolidando. Em 1955, há novamente uma tentativa de golpe em relação ao presidente eleito Juscelino Kubistchek. E, finalmente, em 1964, as forças autoritárias impõem um golpe de Estado militar que durará 20 anos. Neste período de ditadura militar, funcionam algumas das instituições assim chamadas democráticas, como eleições para alguns cargos políticos (exceto para presidente da República e governadores de Estado). O funcionamento destas instituições, no entanto, não corresponde à ideia ou à realidade de uma democracia. Novamente a cultura autoritária se impõe à política brasileira (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p.90).

Posterior a esses processos, iniciou-se a redemocratização com as pessoas indo às ruas reivindicando “Diretas Já” em 1984. O movimento visava a aprovação da emenda Constitucional para eleições diretas para presidente, direito, este, cerceado à população há vinte anos, mas o Congresso não aprovou e, somente cinco anos depois, o brasileiro pode escolher seu presidente. Tudo isso sinaliza “marcas de uma cultura de decisão de cima para baixo” (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p.91), uma população que sempre recorre ao Estado como solução de todos os males. A busca de “abrigo” no Estado também é uma característica das empresas. Na formação política do Brasil, o movimento das elites econômicas e políticas tinham como objetivo implementar o sistema capitalista e colaborar com o Estado nas crises sociais e produtivas. Todavia, o capitalismo

moderno e liberal não vingou no Brasil e a consequência foi que as empresas privadas, com medo de investir no Brasil, passaram a recorrer ao Estado para que solucionassem seus problemas.

Uma das heranças históricas que prevalecem no Brasil é a força do Estado e das lideranças pessoais na política, além da tradição de conflitos entre visões autoritárias e liberais. Outra característica histórica, já presente no período colonial, e também no período republicano (1889), é o embate entre os grupos sociais desfavorecidos e as elites econômicas. A história do Brasil é, neste sentido, a história das pressões sociais pela formação de uma sociedade mais justa socialmente, de um lado, e o desenvolvimento econômico nacional associado internacionalmente com a forte participação e intervenção do Estado, de outro (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p.92).

Portanto, nossa cultura política é Estadista com tendência a cultuar figuras políticas e a polarização, onde o conflito entre classes também se faz presente.

2.2 Conceito de política

Reinaldo Dias, autor que trata de temas específicos como políticas públicas, juntamente com a autora Fernanda Matos, considera que “a política assim como as políticas públicas estão relacionadas com o poder social” (DIAS; MATOS, 2012), contudo, a primeira é um conceito bem mais amplo e relacionado diretamente com o poder. Para delimitar melhor esse conceito, será utilizada a proposta de Rua (2009) que recorre a dois termos em inglês: *politics* e *policies*. Eles contêm possibilidades de entendimento da política, que apesar de se completarem quando separadamente analisadas, distinguem-se claramente. *Policies* seria entendido como a própria ação do governo e que tem por objetivo garantir a segurança de um território específico, assegurando a ordem e realizando ações que atendam demandas da sociedade. Já *politics* refere-se a interações e estratégias, entre atores políticos e organizações, com o intuito de alcançar certos objetivos que seriam: a construção de consenso e luta pelo poder. Ao encontro dessa última definição, a afirmação de Dias e Matos (2012) complementa quando dizem que a política “remete a uma atividade que tem regras de jogo específicas - dinâmica partidária e eleitoral - e um estilo próprio de interesse pelo público e atributos de liderança”. Nessa direção, a política pode ser utilizada por uma empresa, grupo social, clube, família e também por um político que precise conquistar e ampliar seu apoio e poder.

Assim sendo, o conceito *politics*, proposto por Ruz (2009), será o norteador para pensar a política, e, mais especificamente, como os políticos a utilizam em sua busca por apoio popular em campanhas eleitorais. A expressão é pertinente, já que abriga a premissa de que política é estratégia, haja vista que se refere, mormente, à busca de apoio popular mediante persuasão, característica, esta, que será amplamente, aqui, analisada.

2.2.1 Política como estratégia discursiva

O discurso permite aquilo que a política busca: persuasão e/ou sedução a fim de obter adesões, rejeições ou consensos, afirma Patrick Charaudeau (2013). Por isso, política e discurso estão intrinsecamente ligados, dado que não há o primeiro sem o segundo, de acordo com o autor. Esse fato justifica, portanto, o estudo político através do discurso.

Em democracias, não é incomum que “o povo vote em um político mais em razão de sua imagem e de algumas frases de efeito que ele ou ela profira do que em razão de seu programa político” (CHARAUDEAU, 2013, p.78). Nesse sentido, David Horowitz (2001) afirma que há uma diferença profunda entre “proposta política” e “política”. Por exemplo, se um político elabora um bom programa de governo e/ou uma estratégia promissora para economia, não necessariamente isso significa que fizeram uma boa estratégia política. O sucesso de uma estratégia é alcançado na medida em que impossibilita que os adversários e eleitores não deturpem os objetivos das informações contidas nela. Nesse sentido, trata-se mais de perspicácia discursiva na apresentação da proposta política, que a qualidade das propostas em si.

O político tem, então, uma dupla missão, de acordo com Charaudeau (2013, p.79), pois “deve convencer todos da pertinência de seu projeto e, por outro lado, deve fazer o maior número de cidadãos aderirem a esses valores”, através de “discursos simples portadores de mitos, de símbolos ou imaginários que encontram eco em suas crenças; imagens fortes suscetíveis de provocar adesão pulsional” (CHARAUDEAU, 2013, p. 78). Para o convencimento massivo, David Horowitz (2001) fala de estratégia semelhante que seriam as frases de efeito, que pouco ou nenhuma ligação com a realidade precisam necessariamente ter para convencer o espectador. Essas frases possuem poder decisivo que “nem contra-argumentos e

nem a razão podem combater[...]. As pessoas alcançadas pela frase de efeito [...] nunca irão ouvir os contra-argumentos ou as evidências que refutam a calúnia imposta [...]” (HOROWITZ, 2001). O filósofo Luiz Felipe Pondé (2018) faz considerações muito pertinentes com relação a isso, ele afirma:

Existe uma relação intrínseca entre democracia e sofística, sofística em filosofia significa relativismo da verdade, isto já apontado na Democracia Ateniense. Essa é uma grande crítica que Platão faz a democracia, certo? Isso não quer dizer que a gente conheça um outro regime melhor, não estou defendendo a ideia que exista um outro regime melhor. Mas, sim, que existe um problema da relação entre democracia e a ideia de verdade, porque a democracia é um regime argumentativo retórico, hoje nos diríamos marketeiro, e, portanto, mediado por toda uma série de mecanismo e intermediações que torna claramente difícil você ter [...] e isso você vê em todos os casos, vamos citar o exemplo da morte infeliz da vereadora no Rio de Janeiro, a suposta tentativa ou tentativa de ataque a caravana do Lula, só para ficar em dois casos muito recentes. Como isso vai gerando interpretações, especulações no mundo hermenêutico interpretativo e a democracia tem uma vocação para isso.

Então, o sofisma ganha espaço nas discussões políticas, na medida em que “o discurso político tende mais a incitar a opinião do que a argumentar” (CHARAUDEAU, 2013, p. 94). Para tanto, a razão precisa compartilhar espaço com as paixões no processo persuasivo, “o campo político é por excelência o lugar em que as relações de poder e de submissão são governadas por princípios passionais” (CHARAUDEAU, 2013, p. 93). Espinosa acreditava, inclusive, que as paixões são as responsáveis pelos fundamentos da sociedade política, afirma Patrick Charaudeau (2013), e, em sistemas democráticos, a causa que desperta paixões é a causa do povo, diz Horowitz (2001).

Todo “processo linguageiro que tenda a influenciar o interlocutor” (CHARAUDEAU, 2013, p. 81) busca, ao menos em certa medida, afetá-lo sentimentalmente.

É à medida que as emoções correspondem a representações sociais, constituídas por uma mistura de julgamentos, de opiniões e de apreciações, que elas podem desencadear sensações ou comportamentos, que elas podem ser utilizadas para tentar seduzir, ameaçar, aterrorizar, enfim, atrair um interlocutor ou um auditório (CHARAUDEAU, 2013, p.90).

O lado emocional do eleitor é, então, sem dúvida, algo que deve ser muito explorado pelos políticos, principalmente aqueles em campanhas eleitorais, haja

vista ser um recurso discursivo/persuasivo muito poderoso para conquistar apoio e angariar votos da população.

2.2.2 Guerra política

David Horowitz, cientista político, é o escritor do livro *“The Art of Political War”* de 2001. Sua obra trata de Guerra Política e sustenta a maior parte de sua teoria baseado no cenário político dos Estados Unidos em 2000, onde o fato político de mais relevância era o escândalo sobre assédio sexual em que Bill Clinton, presidente na época, estava envolvido. De acordo com o autor, esse foi o “pior escândalo da Casa Branca desde Watergate” (HOROWITZ, 2001). Clinton, casado com Hillary Clinton, era acusado de ter relações sexuais com sua estagiária Mônica Lewinski, no entanto, apesar da péssima repercussão de seu adultério perante o povo americano, Bill consegue persuadir a opinião pública a seu favor utilizando com maestria os princípios e estratégias daquilo e que ele chama de Guerra Política. O grande diferencial do presidente americano foi que ele prestou “atenção à voz do povo” (HOROWITZ, 2001).

“A razão pela qual Bill Clinton sobreviveu ao impeachment, permanecendo em alta nas pesquisas, é que ele entendia o que o eleitorado queria e deu isso a eles (ou pelo menos os fez pensar que tinha dado)” (HOROWITZ, 2001).

Para continuar no governo e não sofrer o impeachment, o então presidente, chegou inclusive a defender opiniões que iam contra a ideologia do Partido Democrata - o partido de esquerda dos Estados Unidos - o qual fazia parte:

Enquanto a maioria esquerdista do seu partido caminhava contra itens como livre comércio, reforma da previdência, orçamentos equilibrados e uma posição dura contra o crime, Clinton seguiu uma “triangulação” estratégica com os republicanos para fazer exatamente o oposto (HOROWITZ, 2001).

Para Horowitz (2001), estar atento ao desejo do eleitorado é questão crucial para sobrevivência política de qualquer partido e/ou candidato, governos e governantes. Dar ao povo o que ele quer, seja em forma de discurso ou de ações concretas, é, inclusive, preceito básico da democracia. Portanto, qualquer candidato que queira conquistar eleitores e vencer as eleições deverá compreender que: se o povo quer, ele está certo.

Assim, um justificado respeito pelo julgamento do povo é um imperativo moral, bem como uma necessidade política. Se você não tem fé no bom senso a longo prazo do público americano, então você realmente não tem fé no sistema que os Pais Fundadores estabeleceram. Se os fundadores não tivessem a fé original no bom senso supremo do povo americano, eles nunca teriam adotado uma Constituição sustentada pela idéia de que a soberania reside na sua vontade (HOROWITZ, 2001).

Denise Mantovani (2017) aponta dois conceitos de Bourdieu (2007) que ajudam a compreender as “condições” para obter sucesso na tentativa de atender ao desejo do eleitorado: *habitus* e *campo*. O primeiro refere-se à capacidade que determinado agente possui em criar - construir simbolicamente um “objeto”. Para fins desse trabalho, esse conceito pode ser aplicado aos “agentes que estão vinculados aos meios de comunicação social na definição e na construção simbólica da realidade” (MANTOVANI, 2017, p. 41). Contudo, o agente criador do *habitus* deve sempre ater-se ao *campo* em que está inserido, sob pena de ser ignorado ou até mesmo excluído simbolicamente do espaço público. Isso porque o campo é o responsável por “ditar” as regras, “dar” os limites de ação desse agente. O campo é como se fosse a instituição de um espaço social, ou seja, nele estão arraigadas as leis, as hierarquia, a moral e os pontos de vista sobre as coisas.

“No interior do campo é que se delimitam as cumplicidades e oposições, o espaço legítimo de discussões, a definição das regras e condutas, excluindo as tentativas “não previstas” que colocam em risco a própria existência do campo” (MANTOVANI, 2017, p. 42).

Essas constatações são relevantes para os políticos que estão em campanha eleitoral para eleições majoritárias, pois, independentemente de sua ideologia, eles deverão ater-se ao fato de que suas falas, campanha e/ou discursos, devem estar dentro do campo cultural, moral de regras e leis da sociedade para a qual eles se dirigem e pleiteiam voto. Isso é fundamental para que ele não seja subitamente rejeitado pela população, visto que o próprio campo, nesse caso a sociedade e eleitores, irá negá-lo como representante, uma vez que não o enxergam como alguém capaz administrar a sociedade preservando a cultura.

A adesão e o engajamento a essas regras e valores são o que vai permitir ao agente estabelecer relações da concorrência e de conflito em busca de domínio, prestígio e poder no interior do campo, sem que, com isso, esteja em risco a essência constitutiva (doxa) do campo (MANTOVANI, 2017, p.42).

Foi justamente por ter essa compreensão que Clinton conseguiu apoio do povo americano, que por sua vez relutou em desejar seu impeachment. Ele sustentou seu discurso de defesa em princípios conservadores, ou seja, deu ao povo americano o que ele queria. Concomitante a isso, seus aliados trataram de colocá-lo como vítima das questões relativas às investigações do assédio sexual, afirmando que o governo estava cometendo abuso de invasão de privacidade, o que, de acordo com David Horowitz (2001), seria, provavelmente, o posicionamento político mais interessante para quem pretende vencer a “batalha”. De acordo com o cientista, “em uma democracia, este é o primeiro – e talvez único – princípio supremo da guerra política: o lado dos oprimidos, que é o lado do povo, ganha” (HOROWITZ, 2001). A inanição do Partido Republicano frente às artimanhas de Bill foi determinante para sucesso das estratégias do(s) Democrata(s), pois permitiu que seu adversário definisse os termos do debate. “Na guerra política, se apenas um lado atira, o outro lado em breve cairá morto” (HOROWITZ, 2001), e quando os republicanos “[...]encontraram sua voz coletiva, eles ignoraram as preocupações imediatas do eleitorado americano e basearam o seu julgamento em questões que eram demasiadamente complexas para serem digeridas pelo público” (HOROWITZ, 2001). Isto é, os Republicanos foram ingênuos e optaram por conduzir suas estratégias discursivas para o “mundo” burocrático e maçante das leis cujo eleitor está pouco ou quase nada interessado. Contando que os eleitores prestassem atenção nos detalhes de sua acusação concluindo por si só a legitimidade da mesma. Desse modo, eles acabaram limitando o efeito/alcance persuasivo de suas estratégias; “os republicanos decidiram lutar em um território onde o público não poderia (ou não conseguiria) segui-lo” (HOROWITZ, 2001).

Contudo, David faz um alerta: política é contextual, “se é verdade que o agressor geralmente prevalece, há momentos em que isso não vai acontecer” (HOROWITZ, 2001). Adotar uma postura mais agressiva e combativa, apontando apenas os problemas do adversário, apesar de, por vezes, ser necessário, é politicamente perigoso. Portanto é desejável ser propositivo e apontar soluções sempre que possível, pois de modo geral “é melhor ser visto como um pacificador do que como um fomentador de guerras, mas nem sempre isso é possível. Se forçado a lutar, então lute para vencer” (HOROWITZ, 2001). O desejo de paz e bem-estar social é algo inerente ao povo, afirmam Kuntz e Luyten (1982).

De acordo com Horowitz (2001), a Guerra Política tem princípios, entre os quais, compreender que argumentos racionais, carregado de palavras ininteligíveis para a maioria das pessoas, sustentado pela literalidade das leis e regras burocráticas, torna o discurso político além de maçante, desinteressante e incompreensível para os eleitores. Portanto, agir “como se a vitória dependesse de argumentos racionais e princípios cuidadosamente articulados no decorrer do discurso” (HOROWITZ, 2001) é desastroso para qualquer estratégia política. “A audiência da política não é feita de fidalgos de Oxford, e as regras são completamente diferentes” (HOROWITZ, 2001).

Você tem apenas trinta segundos para estabelecer o seu ponto. E mesmo que tenha tempo para desenvolver um argumento, a audiência que você precisa alcançar (os indecisos, assim como aqueles que ficam pelo “meio do caminho”, e que não estão prestando muita atenção) não irá absorvê-lo. Suas palavras passarão por cima de suas cabeças e o resto nem sequer irá ouvi-lo (ou se o fizerem, rapidamente o esquecerão), pois estão envolvidos pela pressão e correria do dia-a-dia(HOROWITZ, 2001).

Por óbvio, se o candidato e sua equipe compreenderem e direcionarem a campanha para produzir frases de efeito que posicionem o político como um benfeitor na mesma medida em que tentem associar a imagem de seus adversários como inimigos do povo – outro princípio da Guerra - as chances de ser neutralizado pelos seus oponentes será drasticamente reduzida. Lembrando que essa estratégia deverá ser colocada em prática com cautela, pois o eleitorado poderá associar a imagem do candidato a alguém excessivamente crítico e egoísta, lembra o autor(HOROWITZ, 2001). Além disso, poderá dar margem para que o adversário político o defina como uma ameaça devido ao excesso hostilidade, apesar de o agressor geralmente prevalecer. Fazendo uma analogia com o futebol, para David Horowitz (2001), na política, assim como no futebol, a equipe que joga para não levar gol dificilmente ganhará.

Posição definida por medo e esperança é outro princípio defendido pelo cientista e foi exatamente desse princípio que Dilma Rousseff se apropriou com maestria na propaganda exibida na televisão durante sua campanha eleitoral em 2014, propaganda em que a candidata retratava um cenário quase apocalíptico onde mostrava um prato de comida vazio caso o adversário, no caso Aécio Neves, vencesse as eleições.De acordo com Horowitz (2001), fazer o eleitor sentir medo de uma eventual vitória de seu rival político, atacando a ideologia/ideias que seu

opponente defende para os rumos do país, estado ou cidade, além de diminuir a capacidade de conquistar votos, pode neutralizar também a capacidade de seu adversário oferecer esperança ao eleitorado e projetar a imagem dele como o “salvador da pátria”. Sobre dar esperança ao povo, Horowitz (2001) afirma que oferecendo “[...] ao povo esperança e a si próprio como o fornecedor desta esperança, você mostra o seu melhor lado e maximiza seu potencial apoio”. O símbolo maior da esperança será sempre o candidato. O Brasil é repleto de exemplos nesse sentido, artifícios desse tipo são comumente usados por políticos e candidatos no país. Figuras antagônicas como Jair Bolsonaro e Guilherme Boulos são exemplos notórios dessa estratégia, ambos se posicionam como salvadores da população brasileira, cada um com sua bandeira, o primeiro declara-se defensor da pátria, família e contra violência, o segundo, dos mais pobres e das minorias.

Independente da estratégia que o político estiver usando no momento, tudo o que disser deverá ser da forma mais clara, alta e objetiva possível, afirma Horowitz (2001):

Simplifique o discurso e torne-o rápido – um slogan é sempre melhor. Repita-o sempre. Coloque-o na televisão. Radio é um bom meio, mas com poucas exceções, apenas a televisão alcança um público significativo em termos eleitorais. Na política, televisão é realidade.

Na verdade, essa estratégia é importante para conquistar novos eleitores, visto que as pessoas que já apoiam o político são capazes de ouvi-lo atentamente por um longo período, pontua. Isso não quer dizer que o discurso direcionado para o público cativo não deva ser estratégico, contudo não são esses discursos que irão decidir as eleições. “As audiências que irão determinar seu destino são as audiências que você antes de tudo precisa persuadir” (HOROWITZ, 2001). O autor também afirma que foco é importante, se o discurso focar em muitos pontos, a eficácia da estratégia estará comprometida, uma vez que a mensagem será difusa e nenhum ponto ficará evidenciado. “Os símbolos e frases de impacto determinam o voto” (HOROWITZ, 2001). Desse modo, é possível concluir que, para o cientista político, é preferível defender menos “bandeiras”, que “abraçar” várias causas, mesmo que necessárias, pois isso dispersa o foco e diminui o impacto que cada proposta terá.

“Palavras cuidadosamente escolhidas e frases são mais importantes que parágrafos, discursos, plataformas de partido e manifestos. O que você projeta através de imagens é o que você é” (HOROWITZ, 2001).

Lembrando que a campanha eleitoral que visa vencer e que, por óbvio, objetiva conquistar a maioria do eleitorado, por questão estratégica, tem número limitado de pautas a defender, deverá ter cautela e optar por defender pautas que a maioria também defende. Dessa forma, os candidatos podem transformar a campanha em uma causa a favor de toda nação, despertando o lado passional do povo, dando margem que ele os percebam como legítimos salvadores.

Então, política acaba sendo, muitas vezes, esse “jogo” da retórica, onde quem convence melhor, ganha. Maria das Graças Rua (2009, p. 17) fala que candidatos fazem “uma série de promessas em termos de promoção do bem-estar social, levando os indivíduos a acreditarem na sua boa vontade e no seu altruísmo”, quando na verdade querem tirar a vantagem na crença e esperança de seus leitores, colocando seu interesse individual em detrimento do público. “Por isso, frequentemente, as pessoas tornam-se céticas e tendem a considerar a política (e os políticos) algo que é, por natureza, nocivo à sociedade” (RUA, 2009, p. 18).

2.3 Democracia brasileira e cenário político

Além do debate que ocorre na sociedade sobre a confiança da sociedade em relação as urnas eletrônicas, alguns eventos políticos, que aconteceram no início da segunda década do século XXI, deixaram muitos reflexos na cultura política do país, bem como trouxeram reflexões para o debate público. Entre eles, escândalos de corrupção envolvendo a campanha da presidenta Dilma Rousseff e a Petrobras e os protestos de rua de junho de 2013.

Durante o primeiro mandato da presidente Dilma Rousseff, eventos relacionados à corrupção em instituições brasileiras importantes como a Petrobras abalaram o cenário mais positivo e de suposta vantagem eleitoral para a candidata. O tema corrupção não é novo na política brasileira, mas tomou uma dimensão essencial no debate eleitoral de 2014 por ocorrer em um cenário político bastante distinto dos anteriores: imediatamente após as manifestações de rua de junho de 2013. Tais manifestações tiveram como motivação inicial a contestação aos aumentos das tarifas públicas e que refletiam (não implicavam) uma mudança em curso na forma das novas gerações se relacionarem com o mundo (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p.94-95).

Devido aos fatos, - de acordo com Baquero, Ranincheski e Castro (2018) - o sentimento público e o debate político pré-eleitoral, em 2014, era de um desejo de mudança profunda nas instituições e na política. Paradoxalmente, as pessoas esperavam que essas mesmas instituições seriam as responsáveis por ensejar a transformação desejada. Em pesquisa realizada pelo *World Values Survey*, mostrou-se de forma objetiva que a confiança do brasileiro, além de ser menor nas instituições de partidos políticos, Congresso Nacional e Governo Federal - quando comparadas com outras 13 instituições como Igrejas, Forças Armadas e Polícia -, também diminuiu em 2014 se comparada ao ano de 2007. A mídia também teve um papel importante para intensificar todo esse sentimento de descrença e ojeriza, afirmam. “Se a confiança nas instituições e na democracia não é alta na América Latina, particularmente no Brasil, um sentimento difuso de antipolítica somente fortalece o descrédito” (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p. 97). No entanto, a crença na importância do processo democrático aumentou conforme a mesma pesquisa, apesar do otimismo com relação ao sistema também estar abalado.

Esses acontecimentos também sinalizaram um crescente individualismo por parte dos mais jovens, que entendem que o papel do político é atender e se preocupar com suas demandas individuais, mas sem abandonar as “raízes coletivistas que fundam a sociedade brasileira: os jovens esperam que o Estado resolva os problemas sociais (e os seus, individuais)” (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p. 96).

Se essa premissa tem consistência, o que parece ser sustentado pelos dados e pela teoria, se pode concluir que as perspectivas de fortalecimento democrático não são otimistas, uma vez que quando os cidadãos expressam uma fé mínima nessas instituições, a legitimidade e autoridade das instituições políticas são constantemente desafiadas. Embora a desconfiança nos partidos também seja uma característica de sociedades com democracias mais antigas, a diferença é que avaliações negativas em democracias consolidadas não ameaçam a democracia, o que não pode ser dito em relação aos países da América Latina, onde sempre existe o temor de instabilidade política recorrente e possibilidades de ruptura institucional (CASTRO, 1997; 2014b apud BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p. 102).

Devido a essa herança histórica de “eles contra nós”, bem como a atual conjuntura do país contaminada por escândalos de corrupção e uma grave crise econômica, a cultura política do Brasil é de descrédito nas instituições, afirmam os

autores. A solução, paradoxalmente, está na “mudança de práticas e hábitos políticos social e culturalmente arraigados em toda a sociedade” (BAQUERO; RANINCHESKI; CASTRO, 2018, p. 102), ou seja, a solução estaria na própria política. Sisk (2015) acredita no protagonismo do indivíduo nessa mudança: indivíduos instruídos e informados participam mais propositivamente da vida democrática e estreitam o espaço entre o cidadão e a elite política. Essas características tendem a melhorar as relações entre os cidadãos e são capazes de construir uma comunidade autossuficiente e com espírito cívico, afirma.

Anos consecutivos de eleições não restauraram a confiança das pessoas nas instituições e nos gestores públicos, para contornar a situação o investimento do Estado precisa ser muito mais do que a garantia do processo eleitoral.

2.3.1 Eleições

O direito ao voto do povo brasileiro não teve que ser conquistado ou permitido por alguém, afirma Manoel Rodrigues Ferreira (2001, p. 35), autor do livro “A Evolução do Sistema Eleitoral Brasileiro”: “a tradição democrática do direito de votar, de escolher governantes (locais), está de tal maneira entranhada na nossa vida política, que remonta à fundação das primeiras vilas e cidades brasileiras, logo após o Descobrimento”. Antes da independência, o povo escolhia seus governantes a nível municipal, que durante os primeiros três séculos chegavam a ter mais poder que os governadores (representantes dos portugueses).

As câmaras municipais, isto é, os representantes do povo tinham o direito de se dirigir diretamente aos reis de Portugal, sem que o fosse por intermédio dos governadores. E, freqüentemente, faziam-no para reclamar contra os próprios governadores e contra outros membros da administração geral (FERREIRA, 2001, p.76).

Eram regidos pelo código eleitoral da Ordenação do Reino (que durou até 1828), onde todos podiam votar, o voto era secreto e não havia hierarquia. A eleição era indireta: as pessoas escolhiam seis eleitores que escolheriam os oficiais da câmara. No dia 19 de junho de 1822, foi criada a primeira lei eleitoral no Brasil (inspirada em outros países), “sua redação simples e acessível. Não havia, ainda, partidos políticos. O sistema era indireto, em dois graus: o povo escolhia eleitores, os quais, por sua vez, iriam eleger os deputados” (FERREIRA, 2001, p.121). Em

1822, ao ganhar a independência, paradoxalmente o povo brasileiro perde seus direitos políticos de voto em massa, o direito passa a ser um privilégio: “somente podiam ser eleitores os assalariados das mais altas categorias e os proprietários de terras ou de outros bens que lhes dessem renda” (FERREIRA, 2001, p.122).

O poder político, baseando-se na propriedade, desde a Grécia, com Aristóteles, até Locke, filósofo inglês do século XVII, constituía preocupação dos que se dedicavam ao estudo das doutrinas políticas. John Locke, por exemplo, ia buscar a origem e o fim do Estado na propriedade. Dizia ele: “Portanto, a grande e primordial finalidade que une os homens em comunidades e os obriga a organizar-se em governo não vem a ser mais do que a conservação da propriedade (FERREIRA, 2001, p.130).

Essa linha de pensamento acreditava que, se os pobres votassem, ou eles venderiam seu voto aos ricos, ou iriam votar de tal maneira que iriam desmoronar a estrutura social. Contudo, essa filosofia influenciou mais os EUA que o Brasil, visto que, aqui, algumas classes de assalariados podiam votar.

Em 1824, D. Pedro I outorga a primeira Constituição política do Brasil e instaura 4 poderes: Legislativo, Moderador, Executivo e Judicial. Em 1828, surge a lei que iria substituir as Ordenações do Reino. A principal mudança foi que o eleitor analfabeto também poderia votar. Em 1831, surgem os primeiros partidos políticos: Restaurador, Republicano e Liberal (ainda não havia legislação sobre os partidos políticos).

Com o aparecimento desses partidos, ainda pouco estáveis, as lutas políticas ganharam intensidade. E era nos dias de eleição que os adversários se enfrentavam e procuravam ou ganhá-las ou tirar a limpo as suas questúnculas. As lutas políticas, antes das eleições, obedeciam à certa moderação, quase que se restringiam a discussões no Parlamento(FERREIRA, 2001, p.168).

No final do século XIX, os principais conflitos políticos da época giravam em torno do processo eleitoral: “as fraudes, a corrupção, a intervenção das autoridades no dia das eleições, a inexistência de título de eleitor, a eleição indireta (em dois graus), os processos de eleição, as restrições do voto (privilégio), as incompatibilidades” (FERREIRA, 2001, p. 187). Nesse contexto, pela primeira vez a Justiça (a comum, não a Eleitoral) passou a ter atribuições importantes no processo eleitoral com a Lei de 20 de outubro de 1875 - conhecida como a *Lei do Terço*, pois os votantes decidiam dois terços dos eleitos. Essa lei também foi a responsável por

instituir pela primeira vez o título de eleitor no país, fato, este, muito importante para a evolução do Sistema Eleitoral, de acordo com Ferreira (2001). Poucos anos, após a Lei do Terço, D. Pedro II, a pedido do Partido Liberal, decidiu abolir as eleições indiretas e fazer valer as diretas. A partir dessa decisão iniciou-se o processo de promulgação da “Lei Saraiva”, ou “Lei do Censo”, em 1881.

Essa foi a lei mais importante para a vida política do país, uma vez que pela primeira vez foi instituído o sistema de eleições diretas, porém ainda haviam restrições quanto classe social e renda. “Ao findar o Império, a 15 de novembro de 1889, o Brasil possuía uma legislação eleitoral perfeita. A Lei Saraiva, de 1881, foi a culminância de um processo evolutivo que durou 67 anos, desde os primeiros dias da Independência” (FERREIRA, 2001, p. 247).

Entretanto, com o surgimento da República trouxe consigo a “origem dos nossos males políticos durante todo esse interregno: as leis eleitorais feitas para ganhar eleições” (FERREIRA, 2001, p. 251). A República anulou a Lei Saraiva e substituiu a Justiça pela polícia e as leis eleitorais permitiam todo o tipo de fraude. Outra característica foi que a noção de unidade nacional foi substituída pelas Constituintes estaduais, cada estado, além de sua própria constituição, tinha também sua própria lei eleitoral.

A Revolução de 30 deu fim a essas características da República, iniciando um dos mais importantes períodos para a vida política brasileira:

Inicialmente, a instituição de uma Justiça Eleitoral independente de injunções políticas, e que coloca o Brasil acima dos países mais civilizados do globo; a instituição do voto feminino; a adoção da representação proporcional; o registro de partidos políticos; a cédula oficial e única nas eleições majoritárias; volta à unidade nacional em matéria eleitoral, retirando dos estados o direito de legislar e restabelecendo o sistema que prevaleceu no Império (FERREIRA, 2001, p. 323).

Atualmente o processo eleitoral no Brasil é responsabilidade da Justiça Eleitoral (JE) para todas as esferas (municipal, estadual e federal). Contudo, à nível federal, a JE possui como órgão máximo que é o Tribunal Superior Eleitoral (TSE), localizado em Brasília. Há Tribunais Regionais com juízes e juntas eleitorais. A Justiça Eleitoral também é responsável por verificar se a legislação, pertinente ao processo eleitoral, está sendo cumprida e possui a incumbência de julgar os processos relacionados à eleição. O JE é o responsável, portanto, pela votação,

totalização e divulgação dos resultados, cadastro eleitoral, candidaturas, prestação de contas eleitorais e diplomação dos eleitos.

Em 2000, as eleições passaram a ser totalmente informatizadas. Em 2008, iniciou-se o sistema biométrico de identificação do eleitor e a Justiça Eleitoral vem providenciando gradativamente o recadastramento biométrico de todo o eleitorado brasileiro. De acordo com JE, as digitais cadastradas por esse sistema representam mais um grande avanço na garantia da segurança do voto no Brasil.

No entanto, apesar de o TSE afirmar que “em todo o processo eleitoral, há mecanismos para garantir a normalidade dos pleitos, a segurança do voto e a liberdade democrática”(TSE, 2018), a confiabilidade nos resultados das urnas eletrônicas começou a ser contestada publicamente, em programas de televisão, rádio, plataformas digitais, entre outras, após as eleições presidenciais de 2014. Tal desconfiança começou quando veio à mídia o fato de que a empresa que faz o processo eleitoral no Brasil, *Smartmatic*, não é aceita em nenhum outro país, além da Venezuela, conhecida por estar em regime ditatorial instaurado por Nicolás Maduro. Além disso, especialistas garantem que as urnas eletrônicas podem ser facilmente *hackeadas*, como o professor do Instituto de Computação da Unicamp, Diego Aranha. O professor participou de um teste promovido pelo próprio TSE, onde profissionais da área da Tecnologia da Informação participaram de uma espécie de competição cuja meta era tentar quebrar o código de segurança, o que de fato aconteceu.

Diante de tal situação, foi protocolado o Projeto de Lei do Senado nº 406 (2014), de autoria de Ana Amélia Lemos, que impõe o acoplamento às urnas eletrônicas, contudo, o Supremo Tribunal Federal, em 06/06/2018, por oito votos a dois, concordou com a ação da Procuradoria Geral da República, que, por sua vez, apontou que tal medida colocaria em risco o sigilo do voto impresso. “Com a conclusão do julgamento, valerá a medida cautelar que derruba o voto impresso para a eleição de outubro” (TSE, 2018). Contudo, o Tribunal ainda irá ter de julgar o tema de maneira definitiva para os próximos pleitos. Portanto, as urnas eletrônicas, instituídas desde 2000, continuaram valendo para as eleições de 2018.

3 ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2018

3.1 Níveis da eleição

No Brasil, a política é dividida em três poderes: executivo, legislativo e judiciário. Cada um desses poderes é subdividido em outros três grupos: federal, estadual, municipal. O cargo de Presidente está dentro do poder executivo, já a nível estadual, o de governador, e a nível municipal, o de prefeito.

Os cargos do executivo eleitos diretamente pelo povo através das eleições majoritárias, são:

- a) o cargo de presidente da República é o mais importante do país. Quem está de posse de cargo tem a função de chefe do Estado bem como do governo. Também é incumbido pela administração federal, publicar, sancionar e promulgar leis, vetar projetos de lei, total ou parcialmente. Nomear e exonerar Ministros do Estado. É o responsável pela execução e regulamentação e expedição dos decretos que tratem da organização e funcionamento da administração federal, quando não implicar em aumento de despesa, nem criação ou extinção de órgãos públicos, e extinção de funções ou cargos públicos quando vagos. É o comandante das forças armadas. Pode decretar estado de defesa ou sítio, bem como executar intervenção federal. Editar medidas provisórias com força da lei. Pode também conceder indultos e comutar penas e diversificar funções diplomáticas. O mandato é de quatro anos, podendo ser prorrogado por igual período, caso reeleito;
- b) o cargo de governador é o mais importante dentro de cada estado. Representa os interesses do Estado junto à Presidência com as tarefas de buscar investimentos. É incumbência do governador exercer a direção superior da administração estadual e nomear secretários e altos dirigentes das empresas estatais. Também, propõe, aprova ou veta leis e baixa decretos e regulamentos. Elabora o plano orçamentários para os próximos anos e o submete à aprovação da Assembleia Legislativa Implementa políticas públicas e programas estaduais em áreas como saúde e educação, e conta com o auxílio dos secretários estaduais. Também tem o período de quatro para governar podendo ser reeleito;

c) o cargo de prefeito refere-se à autoridade máxima na estrutura administrativa do município. É o responsável por definir onde serão aplicados os recursos de impostos e aqueles repassados pelo estado e pela União. Também deve zelar pela boa administração da cidade (pavimentação de ruas, transporte público, organização do trânsito construção e manutenção de espaços públicos, desenvolvimento urbano, saneamento, zelar pelo meio ambiente planejar, concretizar obras, creches, escolas e postos de saúde). Atende a comunidade e desenvolve as funções sociais, garantindo o bem-estar dos seus habitantes. Apresenta projetos de lei à câmara municipal, além de sancioná-los ou vetá-los. O mandato do prefeito tem duração de quatro anos, podendo ser reeleito.

Os cargos do legislativo eleitos diretamente pelo povo através das eleições, são:

- a) o cargo de senador é para representar os estados brasileiros, em cada estado são eleitos três e essa quantidade não muda. Não há limite para reeleição e seu mandato é de oito anos. A função de deputado e senador é semelhante, elabora as leis, vota projetos de leis criados pelo presidente e pelos tribunais superiores. Revista as decisões das Câmeras dos Deputados;
- b) o cargo de deputado federal são os representantes do povo. Criam e modificam leis que são sancionadas pelo presidente da república. O período do mandato é de quatro anos sem limites para reeleição. O sistema que os elege é proporcional, ou seja, se um deputado não tiver alcançado de votos que precisa, poderá ser eleito de acordo com o número de votos conseguidos na legenda do seu partido;
- c) os cargos de deputado estadual são eleitos também pelo sistema proporcional, considerando os votos da legenda de seu partido. As atribuições estão agregadas às sugestões e alterações das leis estaduais. É o responsável por fiscalizar as contas do governo estadual, criar comissões parlamentares de inquérito e participa ativamente nas funções da Assembleia Legislativa Estadual. O mandato é de quatro anos e não existe limite para reeleição;
- d) o cargo de vereador é aquele que atua à nível municipal. Sua atribuição é de aprovar leis referentes a vida da cidade (transporte público, vias

públicas, fiscalização sanitária, entre outros). Também elaboram projetos, aprovam ou não leis que serão avaliadas na câmara durante as sessões. Podem ser fiscais do povo, apontando, denunciando e apurando erros. O tempo de mandato é de quatro anos, com possibilidade de reeleição.

É de suma importância que o cidadão saiba a competência e atribuições de cada cargo, pois, além de saber as possibilidades de interferência de cada candidato de sua escolha, poderá identificar a veracidade de suas promessas.

3.2 Questões legais

Na Constituição Federal de 1988 consta que o alistamento eleitoral e o voto são: facultativo dos indígenas, analfabetos, os maiores de setenta anos, os maiores de dezesseis e menores de dezoito anos; obrigatório para os maiores de dezoito anos; proibido para os estrangeiros e, durante o período do serviço militar obrigatório, os conscritos.

Referente às condições para elegibilidade, a Constituição dispõe: nacionalidade brasileira; pleno exercício dos direitos políticos; alistamento eleitoral; domicílio eleitoral na circunscrição; filiação partidária; idade mínima de trinta e cinco anos para presidente e vice-presidente da República e senador, trinta anos para governador e vice-governador de estado e do Distrito Federal, vinte e um anos para deputado federal, deputado estadual ou distrital, prefeito, vice-prefeito e juiz de paz, dezoito anos para vereador.

3.3 Perfil do eleitor

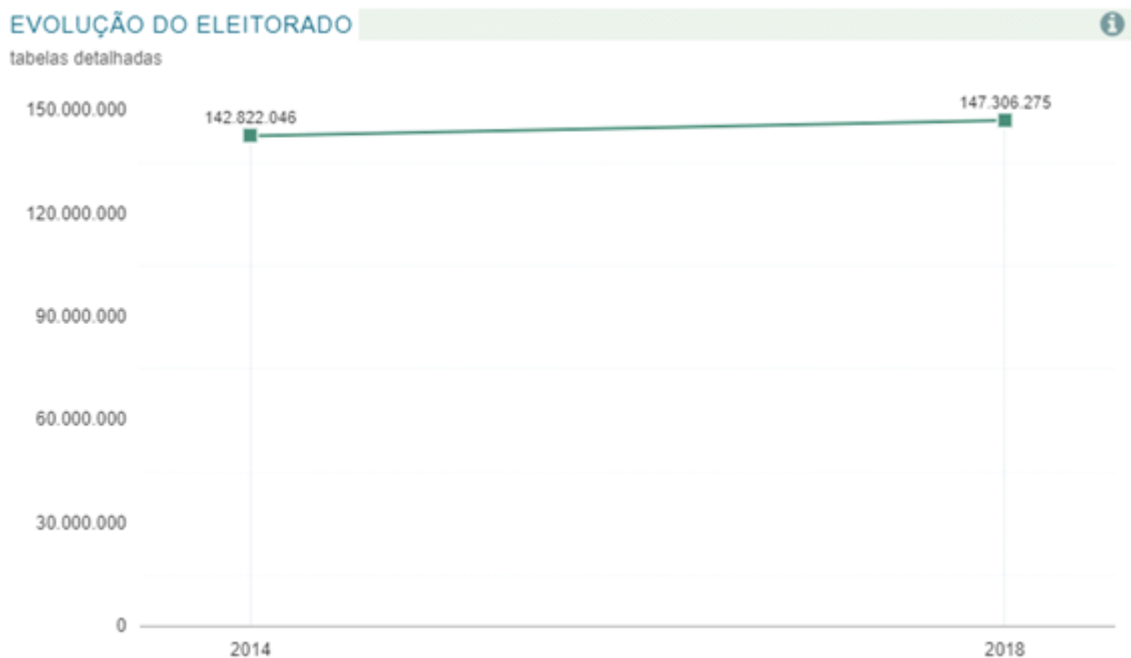
Tratando de aspectos sociológicos sobre o perfil do eleitor no Brasil, Carlos Augusto Manhanelli (1988) destaca que o processo eleitoral contém três leis que definem as características mais preponderantes desse eleitor. A primeira lei é a da indiferença que diz respeito aqueles cidadãos que simplesmente não dão importância para as eleições, e que se o voto não fosse obrigatório possivelmente mais da metade das pessoas não votariam. A segunda, refere-se ao fato de o brasileiro é procrastinador, ou seja, um número expressivo da população deixa para decidir o voto muito próximo ao dia da eleição. E a última lei trata da efemeridade da opinião do eleitor, que ora dá voto para determinado candidato e pouco tempo

depois pode mudar sua intenção oscilando significativamente as pesquisas de intenção de voto. Essa última característica faz com que “qualquer acontecimento, fala ou ação do candidato pode influir na decisão final” (MANHANELLI, 1988, p.16).

3.3.1 Dados estatísticos

O total de eleitores aptos a participar nas Eleições Gerais de 2018 passou de 147.302.354 para 147.306.275, conforme Figura 1.

Figura 1-Total de eleitores aptos a participar nas Eleições Gerais de 2018



Fonte: Da autora (2018).

3.4 Arena da disputa presidencial

Os candidatos à presidência da República para as eleições de 2018, são: Alvaro Dias (Podemos), Cabo Daciolo (Patriota), Ciro Gomes (PDT), Eymael (DC), Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), Guilherme Boulos(PSOL), Henrique Meirelles (MDB), Jair Bolsonaro (PSL), João Amoedo (Novo), João Goulart Filho (PPL), Marina Silva (Rede) e Vera Lúcia (PSTU).

O Brasil vem de uma crise política e econômica com mais de 13 milhões de desempregados, altos índices de inflação e violência (mais de 60 mil homicídios por ano) e o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff (em 2015), eleita em 2014.

A Lava Jato - operação que visa investigar e punir crimes de corrupção - colaborou para fomentar essa crise, tendo como o auge de sua repercussão a prisão, em abril de 2018, do ex-presidente Lula (2002 - 2010), eleito pelo Partido dos Trabalhadores. Toda essa situação gerou uma forte polarização ideológica no país. Devido a esse cenário, muitos jornalistas e especialistas dizem que essa é a eleição para presidente mais importante, desde a redemocratização no Brasil.

3.4.1 Os candidatos à presidência da república

Quadro2-Perfil político

Candidato	Partido	Vice/ Coligações	Trajectoria Política	Currículo
 Alvaro Dias	Podemos	Paulo Rabello de Castro – Partido Social Cristão (PSC) / “Mudança de Verdade”: Podemos, PRP, PSC, PTC.	<ul style="list-style-type: none"> - Governador/PR - Quatro vezes Senador/PR - Deputado Federal/PR - Deputado Estadual/PR - Vereador/ Londrina - Primeira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Licenciado em História pela Universidade Estadual de Londrina; - Doutor em Administração Governamental pela <i>Southern States University</i>.
 Cabo Daciolo	Patriota	Suelene Balduino - Patriota	<ul style="list-style-type: none"> - Deputado Federal/RJ - Primeira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Sargento no corpo de bombeiros; - Formado em turismo.
 Ciro Gomes	Partido Democrático Trabalhista (PDT)	Kátia Abreu - PDT / “Brasil Soberano”: PDT e Avante.	<ul style="list-style-type: none"> - Deputado Estadual/CE - Deputado Federal/CE - Prefeito/Fortaleza - Governador/CE - Ministro da Fazenda/FHC - Ministro da Integração Nacional/Lula - Terceira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Advogado; - Formado em Direito.
 Fernando Haddad	Partido dos Trabalhadores (PT)	Manuela D’Ávila - Partido Comunista do Brasil (PCdoB) / “O Povo Feliz de Novo”: PROS, PCdoB, PT	<ul style="list-style-type: none"> - Ministro Educação/Lula e Dilma - Prefeito/São Paulo - Primeira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Formado em Direito; - Mestre em Economia; - Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo; - Professor universitário.

(Continua)

(Conclusão)

Candidato	Partido	Vice/ Coligações	Trajetória Política	Currículo
 Geraldo Alckmin	Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)	Ana Amélia Lemos - Partido Progressista (PP) / "Para Unir o Brasil": PSDB, PP, PTB, PSD, SD, PRB, DEM, PPS, PR.	<ul style="list-style-type: none"> - Vereador/ Pindamonhangaba - Prefeito/ Pindamonhangaba - Deputado Estadual/SP - Deputado Federal/SP - Governador/SP (duas vezes) - Segunda disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Faculdade de Medicina de Taubaté. - Médico.
 Guilherme Boulos	Partido Socialismo e Liberdade (PSOL)	Sônia Guajajara - Socialismo e Liberdade (PSOL) / "Vamos sem Medo de Mudar o Brasil": PSOL e PCB.	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto (MTST) - Primeira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Formou-se em Filosofia na Faculdade de Filosofia pela USP - Formou-se em Letras e Ciências Humanas (FFLCH) - Professor em escolas públicas no Estado de São Paulo.
 Fernando Meirelles	Movimento Democrático Brasil (MDB)	Germano Rigotto – MDB / "Essa é a solução": PHS E MDB	<ul style="list-style-type: none"> - Ministro da Fazenda pelo Governo Temer - Presidente do Banco Central - Primeira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Formado em engenharia - cursou Administração em Harvard
 Jair Bolsonaro	Partido Social Liberal (PSL)	Antonio Hamilton Mourão - Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) / "Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos": PRTB e PSL	<ul style="list-style-type: none"> - Vereador/RJ - Sete vezes Deputado Federal/RJ - Primeira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Escola Preparatória de Cadetes do Exército - Academia Militar das Agulhas Negras - Paraquedista na Brigada do estado do Rio de Janeiro. - Educação Física pelo Exército, onde foi Capitão
 Marina Silva	Rede Sustentabilidade	Eduardo Jorge Martins Alves Sobrinho - Partido Verde (PV) / "Unidos para Transformar o Brasil": PV e Rede	<ul style="list-style-type: none"> - Vereadora/ Rio Branco - Deputada Estadual/AC - Senadora/AC - Ministra Meio Ambiente/Lula - Terceira disputa presidencial 	<ul style="list-style-type: none"> - Formou-se em História pela Universidade Federal do Acre - Pós-graduada em Teoria Psicanalítica pela Universidade de Brasília - Pós-graduada Psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília

Fonte: Audiovisual disponibilizado na plataforma digital YouTube pelo canal Nostalgia (2018).



3.4.2 Propostas

Quadro3-Propostas



Candidato	Política e corrupção	Saúde	Educação
 Alvaro Dias	<ul style="list-style-type: none"> - Revisão Constitucional; - Convidar Juiz Sergio Moro para Ministro da Justiça; - Fim do Foro Privilegiado para 55 mil autoridades; - Reduzir o número de ministérios para 14; - Fim auxílio Moradia; - Prisão em segunda instância com diminuição de recursos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Carreira Médico Federal para atender municípios mais carentes; - Eliminar a cobrança de impostos e medicamentos genéricos até 2022 - Padronizar a prática para diminuir variação de diagnósticos. 	<ul style="list-style-type: none"> - A favor do Plano Nacional de educação (PNE) para melhorar a qualidade do ensino que está muito ruim; - Universalizar o ensino integral até 2022; - Solucionar a carência de creches e unidade de educação infantil
	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
	<ul style="list-style-type: none"> - Contra descriminalização das drogas; - A favor da redução da maioria penal; - A favor da flexibilização do Estatuto do desarmamento, com posse nas áreas rurais; 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar 10 milhões de empregos; - Isentar Imposto de Renda para quem recebe até R\$ 5 mil; - Independência Banco Central; - A favor da Reforma da Previdência; - Redução do Estado - Dar incentivos as empresas para estimular contratação 	<ul style="list-style-type: none"> - Aprimorar Bolsa Família para garantir uma “porta de saída”; - Manter e aprimorar ProUni e Fies; - Conceder 5 milhões de novos títulos de propriedade até 2022; - Reformular e integrar todos os benefícios não contributivos, como aposentadoria rural, benefício de prestação continuada, entre outros.
 Cabo Daciolo	Política e corrupção	Saúde	Educação
	<ul style="list-style-type: none"> - A favor do voto impresso. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar leitos e unidades e UTI's; - Padronizar práticas na gestão administrativas; - Criar carreira de estado para médicos; - Atualizar tabela do SUS. 	<ul style="list-style-type: none"> - 10% PIB para educação; - Acabar com ideologia de gênero nas escolas; - Erradicar analfabetismo; - 100% das escolas com banheiros com acessibilidade.

(Continua)



(Continuação)

Candidato	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
 <p>Cabo Daciolo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 10% do PIB para Forças Armadas; - Aumentar efetivo policiais, Federal Rodoviária e Ferroviária; - Piso Salarial para profissionais Segurança Pública; - Reestruturar Sistema Penitenciário 	<ul style="list-style-type: none"> - Auditoria na dívida pública; - Reduzir taxa de juros, carga tributária e despesa pública; - O comunismo não terá vez; - Retirar impostos para abrir o mercado e dar mais empregos; - Pegar fundo de sonegadores que representam 400 bilhões; - Abrir para outras empresas explorarem o Pré-Sal. 	<ul style="list-style-type: none"> - Contra legalização do aborto.
 <p>Ciro Gomes</p>	<p>Política e corrupção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fortalecer mecanismos de transparência; - Fazer a equipe de governo assinar um manual de decência e responsabilidade com o erário. 	<p>Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reduzir a espera para os diversos tipos de atendimentos ambulatoriais; - Investir em campanhas de prevenção e de vacinação; - Ampliar o acesso a serviços de abastecimento de água, coleta e tratamento de esgoto e resíduos sólidos. 	<p>Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Creches em tempo integral para crianças de 0 a 3 anos em parceria com as Prefeituras; - Nas universidades, oferecer mais vagas, manter as cotas, ampliar produção nas áreas de ciência, tecnologia e inovação; - Fortalecer instituições de pesquisa; - Criar escolas profissionalizantes de tempo integral; - Eliminar subfinanciamento causado pelo teto dos gastos.



(Continuação)

Candidato	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
 <p>Ciro Gomes</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Criar Polícia de Fronteiras; - Criar programa para jovens egressos no sistema prisional; - Implantar sistema nacional de inteligência em segurança pública; - Polícia irá focar o combate ao crime organizado; - Focar em medidas que previnam os homicídios. 	<ul style="list-style-type: none"> - Gerar 2 milhões de empregos no primeiro ano de governo com retomada de obras paradas; - Criar programa Nome Limpo que retira as pessoas do SPC; - Reindustrializar o país para gerar mais empregos; - Reduzir Imposto Pessoas jurídica, mais pobres e classe média e aumentar impostos para os mais ricos; - Reforma da Previdência; - Reforma trabalhista, mas diferente da atual; - Políticas de inovação e estímulo para os quatro grandes setores do Brasil; 	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliar programas sociais como o Bolsa Família; - Renda mínima para os menos favorecidos; - Programa de acompanhamento para os primeiros 1000 dias de vida de crianças carentes; - Políticas para as mulheres como aumentos de vagas em creches, igualdade salarial, criação de delegacias; - Coibir ou obstar crimes LCBTIfóbicos; - Manter a política de cotas e estimular ações de políticas afirmativas para as empresas.
 <p>Fernando Haddad</p>	<p>Política e corrupção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Nova Constituição; - Ampla reforma política, como financiamento público exclusivo de campanhas, fidelidade partidária, sistema eleitoral proporcional, fim de coligações proporcionais, voto em lista com paridade racial e de gênero; - Reformar Tribunais de Contas, alterar critérios de nomeação e instituir tempo para mandatos; - Aperfeiçoar transparência e prevenção à corrupção; - Reformar Poder Judiciário e Sistema de Justiça, como eliminar auxílio moradia, reduzir férias de 60 para 30 dias e aplicar teto constitucional. 	<p>Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar Rede de Especialidade multiprofissional; - Plano Nacional para o envelhecimento ativo; - Prontuário eletrônico com histórico para o paciente do SUS. 	<p>Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contra Escola Sem Partido; - Escola com ciência e cultura para valorizar a diversidade; - Prova Nacional para ingresso docente na educação básica; - Priorizar Ensino Médio; - Expandir matrículas do Ensino Superior, ensinos técnico e profissional; - Revogar teto dos Gastos.



(Continuação)

Candidato	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
 <p>Fernando Haddad</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Plano Nacional para redução de homicídios; - Aprimorar a política de controle de armas; - Alterar política de drogas e prevenir seu uso; - Retomar investimento das Forças Armadas; - Ministério da defesa voltará a ser ocupado por um civil; - Reforma da Legislação para que a privação da liberdade seja adotada apenas para crimes violentos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revogar medidas do governo de Michel Temer como: Teto dos Gastos, Reforma Trabalhista e mudanças no marco regulatório do Pré-Sal; - Redução de juros, criação de linhas de crédito, plano emergencial para emprego da juventude e retomada do Programa Minha Casa Minha Vida; - Isentar Imposto de Renda até 5 salários mínimos, e aumento de imposto para os mais ricos; - Tributar grandes movimentações financeiras; - Estimular reindustrialização, com investimento de bancos públicos; - Tributação progressiva sobre os bancos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Combater desnutrição infantil; - Criar um Sistema Nacional de Direitos Humanos; - Plano para redução mortalidade juventude negra; - Impulsionar ações afirmativas nos serviços públicos; - Promover reforma agrária, titular terras quilombolas e demarcar áreas indígenas; - Criminalizar LGBTIfobia e implementar programas de educação para a diversidade e criar nacionalmente o Programa Transcidadania – concessão de bolsas de estudo no ensino médio e fundamental para travestis e transexuais em situação de vulnerabilidade
 <p>Geraldo Alckmin</p>	<p>Política e corrupção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Reforma política, como voto distrital para reduzir número de partidos; - Reduzir Ministérios, cargos públicos e cortar despesas do Estado como mordomias e privilégios; - Descentralizar o poder e dar mais autonomia a estados e municípios; - Voto facultativo; - Aprimorar sistemas de combate a corrupção, como a Controladoria Geral da União. 	<p>Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ampliar e melhorar Programa Saúde de Família; - Cadastro único para todos os usuários do SUS; - Ações voltadas à prevenção da gravidez precoce e apoio integral de gestação. 	<p>Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prioridade a primeira infância. Zerar fila nas creches; - Investir em formação e qualificação de professores; - Estimular parcerias entre universidades e empresas; - Fortalecer ensino médio e técnico; - Crescer 50 pontos em 8 anos no PISA.



(Continuação)

Candidato	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
 <p>Geraldo Alckmin</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reduzir o número de homicídios, para pelo menos, 20/100 mil habitantes, com a ajuda dos estados e municípios; - Combater crime organizado e tráfico de armas e drogas com a integração e inteligência das polícias; - Criar Guarda Nacional para atuar em todo o país; - Programa de combate as drogas em todo o país; <ul style="list-style-type: none"> - Tornar mais difícil progressão de pena; - Posse de arma em zona rural. 	<ul style="list-style-type: none"> - Privatizar empresas estatais; - Reforma da previdência; - Reduzir imposto de renda pessoa jurídica; - Prioridade aos investimentos em infraestrutura; - Políticas de incentivo para que o Norte e Nordeste explorem plenamente suas potencialidades; - Abrir economia e fazer comércio com o exterior que represente 50% do PIB; - Simplificar sistema tributário. - Transformar o plano safra em plurianual. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ampliar Bolsa Família; - Pacto Nacional para a redução da violência contra idosos, mulheres e LGBTI; - Políticas afirmativas para a população negra e indígena; - Programa especial de proteção ao idoso.
 <p>Guilherme Boulos</p>	<p style="text-align: center;">Política e corrupção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Indulto ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; - Referendo para as modificações Constitucionais de Temer; - Eliminar “super-salários” e super-aposentadorias”. Revogar proposta de 16% de ajuste do Judiciário; - Igualdade no tempo de Tv e fundo partidário para os partidos; - Cortar privilégios como auxílio-moradia. - Mandatos executivos possam ser revogados após dois anos, com novas eleições. - Fim da possibilidade de reeleição ilimitada para cargos no Legislativo. 	<p style="text-align: center;">Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estabelecer teto de espera a consultas e procedimentos na atenção especializada; - Expandir e fortalecer a rede pública e na entrega de medicamentos; - Revogar teto dos Gastos e aumentar investimento para 3% do PIB. 	<p style="text-align: center;">Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Plebiscito para emenda do Teto dos Gastos; - Valorizar professores com maiores salários; - Creches em tempo integral para mães que trabalham; - Sistema Nacional de Educação para coordenar direcionamento de recursos públicos; - Criar 1 milhão de vagas na universidade pública e aumentar o investimento na área;



(Continuação)

Candidato	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
 <p>Guilherme Boulos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Desmilitarização da Polícia Militar; - Aumentar investimentos em inteligência; - Fim da guerra contra as drogas e legalização da maconha; - A favor do Estatuto do Desarmamento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Revogar Reforma Trabalhista; - Enfrentar “bolsa-banqueiro” e bolsa empresário”; - Programa Levante Brasil para investimentos na saúde, segurança e educação; - Investir em mobilidade urbana; - Reforma Tributária, reduzindo imposto para os mais pobres e classe médio e aumentando para os mais ricos; - Contra capitalização para a Previdência; 	<ul style="list-style-type: none"> - Demarcar terras indígenas, quilombolas e povos tradicionais; - Transformar Bolsa Família em uma Renda Básica de Cidadania Universal. Eliminar as atuais condicionalidades, como frequência escolar e atualização da caderneta de vacinas; - Aumentar piso do Bolsa Família para meio salário mínimo; - Lista Suja do Machismo para empresas que paguem menos para mulheres; - Debate de gênero nas escolas; - Abrir arquivos militares da ditadura.
 <p>Fernando Meirelles</p>	<p>Política e corrupção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Favorável Lava-Jato; - Contra politização da política. 	<p>Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - Agendamento de consultas pelo celular; - Ampliar serviços de atenção básica e fortalecer e ampliar o Programa Saúde da Família; - Recuperação financeiras dos hospitais filantrópicos; - Retomar mutirões de saúde. 	<p>Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Criar o Pró-Criança, espécie de ProUni em creches para famílias o Bolsa Família; - A favor do Escola sem Partido.

(Continuação)

Candidato	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
 <p>Fernando Meirelles</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Melhorar a situação financeira dos governos estaduais, maiores responsáveis pela segurança; - Aumentar policiamento ostensivo, com parcerias público-privadas; - Investir em inteligência; - Reformar o sistema penitenciário, e separa chefes de quadrilhas dos de menor periculosidade; - Plano nacional para proteção das fronteiras. 	<ul style="list-style-type: none"> - Terminar obras paralisadas; - Facilitar inserção de jovens no mercado de trabalho; - Implementar 15 medidas desburocratizantes; - Simplificar o regime tributário; - Fazer o país crescer 4% ao ano; - Primeira medida Reforma da Previdência; - Privatização como prioridade; - Imposto sobre dividendos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Criar cartão da família: um crédito extra de até 30% do valor recebido pelos beneficiários do Bolsa Família, para ser usado livremente; - Garantir pelo menos 30% de mulheres nos Conselhos Administrativos das Estatais; - Incentivar a redução da diferença salarial entre homens e mulheres; - Criar o Pro-Criança, um Pró-Uni das Creches.
 <p>Jair Bolsonaro</p>	<p style="text-align: center;">Política e corrupção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentar ao Congresso as “Dez Medidas Contra a Corrupção”; - Cortar Ministérios e nomear 5 gerais como ministros; - Recursos públicos serem liberados automaticamente e sem intermediários para os prefeitos e governadores. 	<p style="text-align: center;">Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - Prontuário Eletrônico Nacional interligado; - Diminuir mortalidade infantil com saneamento básico e medidas preventivas; - Médicos de Estado para atender áreas remotas e carentes; - Mais Médicos só podem atuar se aprovados pelo Revalida; - Profissionais de Educação Física no Programa de Saúde da Família; 	<p style="text-align: center;">Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Não admitir ideologia de gênero nas escolas; - Diminuição de cotas raciais, apesar de defendê-las; - Educação à distância para alunos do interior; - Ampliar o número de escolas militares.

(Continuação)

Candidato	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
 <p>Jair Bolsonaro</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Redirecionar Direitos Humanos para as vítimas da violência; - Reformular Estatuto do Desarmamento. Defende Direito a posse e porte de armas por todos; - Reduzir maioria penal para 16 anos; - Acabar com progressões de penas e saídas temporárias; - Fim das audiências de custódia; - Penas duras para crimes de estupro e castração química voluntária para redução da pena; - Tipificar como terrorismo as invasões de propriedades rurais e urbanas; - Garantir excludente de ilicitude para o policial em operação; - Mudança de código penal para estabelecer legítima defesa. 	<ul style="list-style-type: none"> - Deixar comunismo e socialismo e praticar livre mercado; - Diminuir 20% da dívida pública através de privatizações; - Balcão Único para abrir e fechar empresas; - Extinguir Ministério das Cidades e mandar dinheiro diretamente para o município; - Tornar Brasil centro mundial de pesquisa e desenvolvimento de grafeno e nióbio; - Redução de impostos para todos; - Defende privatizações, menos de setores estratégicos com a Petrobras; - Fazer inovações na Carteira de Trabalho; - Ministério da Economia que abarcará funções da Fazenda, Planejamento e Indústria e Comércio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Garantir que todo brasileiro tenha renda igual ou superior ao que é pago pelo Bolsa Família; - O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) “tem que ser rasgado e jogado na latrina”, pois é um estímulo a vagabundagem e à malandragem infantil.
 <p>Marina Silva</p>	<p>Política e corrupção</p> <ul style="list-style-type: none"> - Presidencialismo de proposição. Formação de ministérios com base em um programa; - Acabar com reeleição; - Fim do foro privilegiado; - Voto distrital; - Candidaturas independentes para acabar com monopólio dos partidos; - Indicador de metas para todas as políticas públicas; 	<p>Saúde</p> <ul style="list-style-type: none"> - Recuperar o SUS, com investimento na atenção básica, médicos da família e melhoria nos postos de saúde; - Melhor integração da saúde mental com a atenção básica; 	<p>Educação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Política Nacional Integrada para a Primeira Infância. Ampliar oferta para crianças de 0 a 3 anos, e universalizar a educação infantil na faixa etária de 4 a 5 anos; - Valorizar os professores, com ações para aprimoramento; - Incentivar a expansão da educação integral;

(Conclusão)

Candidato	Política e corrupção	Saúde	Educação
 <p data-bbox="264 1198 413 1225">Marina Silva</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Incorporar mais tecnologia na gestão pública; - Tornar obrigatório a contratação de seguro-garantia nas obras públicas; - Conselho para regulamentar a transparência ativa e eficaz para a sociedade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Fortalecer políticas voltadas a qualidade de vida, como prevenção de acidentes de trânsito, redução da violência, controle para diminuição dos níveis de poluição, alimentação saudável, redução no uso de agrotóxico; - Utilização da tecnologia para melhorar serviços no SUS, como agendamento de consultas por meio eletrônico. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manter política de cotas nas universidades; - Defender escola pública laica. Política de prevenção ao bullying, violência e discriminação.
	Segurança	Economia e emprego	Política sociais e direitos humanos
	<ul style="list-style-type: none"> - Contra flexibilização para o uso de armas; - Elaborar Plano Nacional de Segurança Pública para atuação integrada entre governo federal, estados e municípios; - Inteligência e tecnologia para combater o crime organizado; - Integração, treinamento e valorização dos policiais; - Acabar com comandos criminosos nos presídios; - Plebiscito para legalização das drogas; - Fortalecer Forças Armadas. 	<ul style="list-style-type: none"> - É contra emenda do Teto dos Gastos aprovada por Michel Temer, mas defende limite de gastos públicos; - Revisar Reforma Trabalhista Michel Temer; - Reforma da previdência logo no começo do governo, encarando o problema dos privilégios; - Não elevar carga tributária. Diminuir Imposto de Renda sobre Pessoas Jurídicas e elevar alíquota do imposto sobre herança; - Simplificar Tributos; - Acabar com “bolsa empresário”; - Analisar privatização de empresas estatais, com exceção da Petrobras e bancos estatais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Manter Bolsa Família e dar acesso a microcrédito para aqueles que quiserem empreender; - Ministério do Trabalho irá fiscalizar empresas para que cumpram a lei que determina que homens e mulheres ganhem igual; - Plebiscito sobre aborto; - Demarcação de terras indígenas e quilombolas; - Universalizar saneamento com parcerias público-privado; - Resolução de conflitos no campo; - Garantir e ampliar serviços de saúde para LGBTI; - Promoção de saúde das mulheres e direitos reprodutivo.

Fonte: Audiovisual disponibilizado na plataforma digital YouTube pelo canal Nostalgia (2018).

4 CAMPANHA E DEBATE ELEITORAL

A mídia possui papel central nas democracias e grande poder de manipulação; ela não se restringe apenas a informar e relatar acontecimentos, ela pode também “[...] induzir a uma crença ou a uma crítica, além de influenciar ações ou opiniões [...]”, afirma Denise Mantovani (2017, p. 31).

Os recursos utilizados para que o indivíduo possa construir seu universo de informações, os elementos que o orientam e o condicionam socialmente a determinados comportamentos e visões de mundo são formas de exercer poder, por meio de “instituições culturais” que transmitem informações(MANTOVANI, 2017, p. 32).

Atualmente a propagação da informação pela mídia é constante e multidirecional, isso exige esforços dos atores políticos não só no momento da campanha eleitoral, ou seja, há “a necessidade de preocupar-se com a visibilidade de seus atos de forma cotidiana”(MANTOVANI, 2017, p.43). Apesar da preocupação com repercussão de seus atos, os políticos devem desejar essa visibilidade, mas desde que forma positiva, pois “a maneira como o agente político estará presente na esfera de visibilidade pública (determinada pelo campo da mídia) pode assegurar um reconhecimento público de sua existência”. Portanto, existir na mídia de massa é existir para a massa, e a imagem que ali for constituída “será tomada pelo público com a constituição de sua natureza e do seu caráter”(GOMES, 2004, p.115 apud MANTOVANI, 2017, p. 57).Para Kuntz e Luyten (1982), no entanto, o verdadeiro potencial de uma estratégia de marketing para campanhas eleitorais reside no “corpo a corpo”, ou utilizando um termo da mais comumente conhecido da área: promoção no “ponto de venda”. Entretanto, não negam que “todo produto depende de veiculação” (KUNTZ;LUYTEN, 1982, p. 18), por isso todo marketeiro político irá procurar o maior alcance pelo menor valor possível e, quanto maior a abrangência da representação pleiteada, e em se tratando de eleições proporcionais (onde vence o candidato com maior número de votos), por óbvio, maior será a amplitude do alcance desejável.

4.1 A campanha

Toda campanha eleitoral precisa de uma estratégia de marketing político, ou seja, precisa basicamente “[...]destacar um nome e suas qualidades junto aos eleitores da forma mais clara e definitiva possível, levando [...]informações de conteúdo que façam o eleitorado assimilá-las com o objetivo de [...] eleger o dono do nome a um cargo eletivo” (MANHANELLI, 1988, p. 13). O foco no nome do candidato justifica-se, visto que o Brasil é um país que vota em candidato não em partido, afirmam Kuntz e Luyten (1982).

É crucial a qualidade das informações adquiridas, quanto mais precisas forem, por óbvio, mais assertivas as ações estratégicas, afirma Manhanelli (1988). Compreender quem é o eleitor, quais “suas necessidades, anseios, desejos” (MANHANELLI, 1988, p.16) é a parte principal para que o candidato possa pautar suas estratégias e “orientar a campanha no sentido de satisfazer as necessidades dos eleitores” (MANHANELLI, 1988, p.18). De acordo com Mantovani (2017), o “lugar” mais indicado para apreensão dessas informações, reside na mídia de massa (rádio, televisão e jornais). São elas as responsáveis por definir “relevância ou marginalidade de temas ou acontecimentos” (MANTOVANI, 2017, p.56). Os “enquadramentos ou ‘atributos’ com que os jornalistas selecionam e enfatizam seus relatos noticiosos sugerem ao público não apenas o que pensar, mas como pensar sobre os objetos” (MCCOMBS, 2009, p.114 apud MANTOVANI, 2017, p. 52).

Uma vez analisado o cenário, o candidato já poderá realizar a escolha de sua plataforma, ou seja, “o conjunto de ideias, críticas, propostas e posições assumidas” (KUNTZ; LUYTEN, 1982, p.25) durante sua campanha eleitoral. Tal escolha de posicionamento (valorizar determinados atributos) é determinante para a eficácia da campanha, afirmam os autores, visto que, permitirá a formação e fixação da imagem do candidato frente aos seus eleitores, além de dar personalidade à campanha distinguindo-a das demais e assumir o compromisso do candidato perante seus apoiadores (KUNTZ; LUYTEN, 1982).Tão importante quanto à escolha da plataforma, é a forma como ela será executada:

[...]os temas escolhidos deverão ser claros e objetivos, a linguagem empregada deverá evitar termos sofisticados ou rebuscados, a fim de que, uma vez transmitida a mensagem, possa ser rapidamente absorvida e entendida pelo eleitor, qualquer que seja o nível social, cultural ou econômico pois, cabe lembrar, que o candidato dispõe de pouco tempo para

transmiti-la em seus discursos, sob pena de alongar-se demais e acabar entediando seus ouvintes(KUNTZ; LUYTEN, 1982, p.26).

Esse fato sugere outro ponto importante para os candidatos e seus assessores, dado que os mesmos meios de comunicação de massa que possuem potencial de influenciar a relevância de determinados temas e orientar a opinião das pessoas sobre eles, por lógica, também possuem potencial para interferir na imagem dos políticos e partidos. Dessa maneira, quanto mais perspicaz for a leitura da arena pública/contexto, não só melhor direcionadas serão as ações da campanha, como também mais precavido estará o candidato, menos ele se colocará em situações perigosas para sua imagem.

Carlos Augusto Manhanelli (1988) também defende que entender quem são e o que pensam os concorrentes é importante, já que permite que o candidato defina qual a melhor estratégia de combate, uma vez identificados os pontos fracos e fortes de seus oponentes. Assim como David Horowitz (2001), Manhanelli (1988, p. 18) acredita que política é guerra e sustenta sua teoria fazendo analogias com o termo:

Os candidatos e assessores terão que aprender como atacar pela frente e pelos flancos, defender suas posições, quando e onde usar a artilharia (publicidade massificante através de veículos de comunicação) e sua infantaria (militantes que vão às ruas para o corpo-a-corpo), como e quando fazer guerrilha. É um jogo de inteligência, astúcia e audácia, onde precisarão prever os movimentos competitivos, e, ao nível pessoal, equiparar-se a um general com coragem, lealdade e perseverança nas ações impetradas na luta pelos votos.

Nesse sentido, Manhanelli (1988, p. 19) afirma que para vencer uma eleição vale tudo e o “puritanismo não tem lugar”.

A aplicação das primeiras estratégias deve ser direcionada para os grupos que já apoiam o candidato, “pois só é candidato quem tem atrás de si um segmento que o considera líder e o apoia para que tenha poder político e lute pelas ideias e reivindicações deste segmento” (MANHANELLI, 1988, p. 52). Então, é importante que o candidato em um primeiro momento diga ao seu eleitorado aquilo que eles desejam ouvir a fim de consolidá-lo.

Depois a campanha poderá sair em busca de segmentos mais periféricos e com reivindicações e desejos semelhantes com as do eleitorado da base, é o que Manhanelli (1988, p. 54) chama de “efeito espiral, onde, através de um ponto consolidado, parte uma linha cobrindo uma área cada vez maior”. Para aumentar a

“área” social atingida, “analisando sob todos os ângulos as necessidades da sociedade e orientando o candidato sobre a melhor maneira de atendê-las” (KUNTZ; LUYTEN, 1982, p.23) de forma eficiente, Kuntz e Luyten (1982, p. 23) sugerem, ainda, a utilização do marketing (conjunto de esforços para satisfazer determinado público):

[...]estudando e elaborando métodos de ampliar a penetração de um candidato junto ao eleitorado, analisando as alianças mais viáveis, estudando símbolos, slogan, jingles, organizando roteiros e calendários de atuação, adequando cada material, serviço ou brinde, procurando dar personalidade distinta a uma campanha, para que ela aumente as suas possibilidades de memorização por parte do público.

Por esse motivo, é necessária uma leitura atenta do cenário político que busque, em um primeiro momento consolidar o eleitorado já existente, para depois, através de estratégias bem elaboradas de marketing, ampliar expressivamente o apoio ao candidato conquistando mais votos. Preocupando-se sempre em não deixar margem para interpretações negativas por parte da mídia, que coloquem em evidência aspectos negativos do candidato influenciando negativamente sua imagem perante o eleitorado.

4.2 O debate eleitoral

4.2.1 Teoria

Os debates-políticos-televisados são, sem dúvida, o auge do momento político-eleitoral para o eleitor e o candidato, além disso, é um evento que “ocupa o tempo e o espaço televisivo como algo diferenciado” (WEBER; ABREU, 2010, p. 173). Também é quando o debate político ocorre de fato, já que permite “aos candidatos um confronto onde sua individualidade se sobrepõe à campanha” (WEBER; ABREU, 2010, p. 162). As autoras pontuam que, no momento do debate, o político encontra-se despidido de muitos artifícios que dispõe em uma propaganda, por exemplo, ou seja, eles não podem contar com um roteiro fechado, edição de suas falas e exposição somente dos conteúdos que lhe convém (WEBER; ABREU, 2010). Este fato torna o debate eleitoral não só um desafio, mas também uma oportunidade para o candidato. Se apresenta sozinho sem os recursos da campanha, então, ali, por

exemplo. Por isso, a democracia pode estar mais vividamente presente que em outros momentos da disputa eleitoral. Devido a essa característica, durante o debate, o político encontra-se apresentado na sua versão mais “orgânica”, submetido ao espaço e as reações dos adversários, obtendo sob seu controle apenas seu discurso e os acordos previamente firmados. Desse modo,

O “real” da política e a identidade “real” dos candidatos políticos está cada vez mais inacessível a este eleitor, submetido a simulações e versões parciais sobre a ação política. A fetichização da política e a ampliação de requintadas tecnologias e profissionais com *expertise* para promover a imagem das instituições e políticos, ampliam a distância - política - entre a sociedade e os candidatos; entre a informação e a persuasão; entre a ética e a capacidade de representação (WEBER; ABREU, 2010, p. 163).

Assim sendo, o debate-eleitoral na televisão é um momento valioso para a democracia, pois pode ser visto como uma forma de comunicação direta do político com a população, ainda que a televisão seja um meio intermediador e possa causar ruídos para essa proximidade do candidato com o espectador/eleitor. Esse distanciamento ocorre devido às regras, ao cenário e à estética do programa em si que criam “barreiras artificiais”. Essas são a preocupação com ambiência (cenário, sons, mobilização dos atores), o cenário (identidade visual, objetos, cores), o tempo (intervalos, perguntas, respostas) e a direção de cena (mediação, câmeras).

Em suma, é um momento ímpar e crucial para o candidato no que diz respeito à construção de sua imagem e de seu adversário, uma vez que “devidamente ensaiados e preparados, os candidatos disputam tempo, espaço, razões e versões e, neste jogo de cena, incorporam seus papéis e atuam da melhor maneira possível” (WEBER; ABREU, 2010, p. 175). O debate é um lugar onde o candidato tentará convencer o receptor-eleitor usando a estratégia persuasiva de expor ao máximo as fragilidades de seu ‘inimigo político’, ao mesmo tempo em que tentará não revelar as suas. Desqualificando o adversário e qualificando, portanto, o seu discurso, “todo o processo de planejamento do debate, assim como sua execução tem por finalidade provocar reações e disputar opiniões e votos, num processo contínuo de desqualificação do adversário” (WEBER; ABREU, 2010, p.174).

Entretanto, por maior que seja o esforço do candidato e de sua assessoria, a construção da imagem do político dependerá também da repercussão da mídia. “A ‘realidade’ reconhecida, muitas vezes, é aquela retratada pela mídia” afirma Denise

Mantovani (2017, p.34).A autora cita Thompson ao ponderar sobre esse poder da mídia para orientar nossa visão de mundo, ela afirma:

Os recursos utilizados para que o indivíduo possa construir seu universo de informações, os elementos que o orientam e o condicionam socialmente a determinados comportamentos e visões de mundo são formas de exercer poder, por meio de “instituições culturais” que transmitem informações. Essas instituições são definidas por Thompson como a igreja, a escola, ou a indústria da mídia (THOMPSON, 2002b, p.25 apud MANTOVANI, 2017, p.32).

Caberá, então, a sua assessoria, apropriar-se do conteúdo produzido no momento do evento e repercuti-lo na campanha de maneira perspicaz para produzir sentidos e provocar a opinião do receptor-eleitor em prol do candidato. Os resultados dos debates poderão ser estimados por “pesquisas qualitativas e a opinião de comunicadores permitirão aferir sobre nível de credibilidade e a formação da imagem de vencedores e perdedores” (WEBER; ABREU, 2010, p.176).

Apesar de consolidados, esses debates nem sempre foram considerados essenciais, sejam pelos governos vigentes, ou pela própria população, por isso, ainda que seu início tenha se dado há muitos anos, sua permanência na arena política brasileira só se concretizou em 2002.

O primeiro ocorre nos Estados Unidos entre o, então, vice-presidente dos Estados Unidos, Richard Nixon e o senador John Kennedy, em 26-9-1960 (Figura 2) e serve como referência à passagem dos estudos da propaganda política ao *marketing* político. Nesse mesmo ano, o Brasil, também, tenta usar esse novo aparato, quando a TV Tupi (SP) propôs a realização de um debate entre os candidatos à presidência, Mal. Henrique Lott (PSD//PTB) e Jânio Quadros (UDN) que venceu as eleições, mas se recusou a participar (LOURENÇO, 2007 apud WEBER; ABREU, 2010, p.165).

Mesmo durante a ditadura (1964 e 1989) houve debates no Brasil, ao todo três: um no Rio Grande do Sul para disputa ao Senado e duas para disputada ao governo de São Paulo. Contudo, só se solidificaram, em 1989, na maior eleição presidencial da história, ao todo 22 políticos concorriam à eleição presidencial. No entanto, em 2002, somente as emissoras voltariam a transmiti-los ininterruptamente, e a nível federal, estadual e municipal. Ao mesmo tempo em que submete o candidato à determinada estética televisiva e regras do próprio evento, proporciona ao candidato um espaço muito privilegiado e que, de certa forma, legitima sua relevância como figura pública, ponderam Weber e Abreu (2010).

Esses eventos políticos, ao serem transmitidos em canais abertos de televisão, no horário nobre, legitimam ainda mais sua importância, mobilizando a atenção dos telespectadores e proporcionando uma sensação de participação mais direta do cidadão. Dependendo do formato que for escolhido pela emissora, muitas perguntas podem ser formuladas pelas pessoas da plateia e mesmo as que são realizadas pela emissora refletem, de alguma forma, os anseios dos eleitores. O debate político-eleitoral-televisivo é inerente à democracia moderna, bem como uma exigência da sociedade moderna e, portanto, um momento de comunicação pública onde as informações de interesse direto da população podem ser deliberadas.

A exigência desse momento democrático pela sociedade moderna pode ensejar constrangimentos à emissora anfitriã, uma vez que atores políticos cujo posicionamento e, conseqüentemente, estratégia discursiva consiste em demonstrar publicamente seu desafio pelo canal, estão concorrendo à disputa eleitoral.

Ainda sobre a perspectiva do debate para a emissora, Weber e Abreu (2010) alertam para o fato de que os canais de televisão, antes de qualquer coisa, são empresas que visam lucro, por esse motivo, o debate só ocorre se for economicamente vantajoso. Então, a transmissão e organização desses eventos não caracterizam ato benevolente em prol da democracia por parte da emissora, apesar do público acreditar que a razão da transmissão e organização do debate é devido ao comprometimento cívico da empresa.

Nesse sentido, a emissora de TV pensará o debate a partir da sua publicidade, seus anunciantes e, conseqüentemente, no plano de produção, tecnologia e arquitetura do programa. Trata-se de investimento com valor agregado à imagem pública, ou seja, ao promover o debate, será possível visualizar a emissora cumprindo seu dever cívico, colaborando com o campo da política e ratificando sua responsabilidade para com a democracia e o interesse público. A imagem é a emissora promovendo o interesse público (WEBER; ABREU, 2010, p. 171).

Há também, por parte da emissora, uma grande preocupação em assegurar a igualdade de tratamento entre os concorrentes políticos e o rigor quanto ao tempo de fala de cada candidato, essa é a principal garantia de isonomia entre eles. Nessa linha, as teóricas lembram que intensas negociações e estratégias ocorrem no pré-debate, elas acontecem nos bastidores e são importantes para influenciar o resultado final da construção da imagem do político: acordos e regras entre a emissora e os adversários (sorteio de perguntas e resposta, posição no cenário,

temas, tempo, entre outras) com o intuito de diminuir “surpresas” que prejudiquem todo o planejamento pré-debate, pesquisa e qualidade de informações repassadas ao candidato pela assessoria no intuito de identificar a força e a fragilidade de seus concorrentes e tornar o discurso mais assertivo, não podem ser ignoradas. Concluindo, “a qualidade do debate será de caráter estético para a emissora e, para o partido, estará vinculada ao *carisma funcional* do candidato” (WEBER; ABREU, 2010, p. 175).

Por óbvio, os políticos acabam se expondo e investindo muito nesse evento político, por isso, estudá-lo é compreender mais profundamente quem é o candidato, no que ele acredita e o que ele defende, visto que ele terá que responder às questões e apreender isso é o mesmo que identificar quais são e como ele aplica as suas estratégias.

[...] a disputa pela verdade e a competência para governar dependem do funcionamento dessa encenação a partir de itens manejados pelo candidato, como sua atuação no espaço, o duelo discursivo com o adversário e a simulação de diálogo com o eleitor (WEBER; ABREU, 2010, p.168).

Em síntese:

Dois tipos de variáveis são constitutivos desse tipo de cerimônia midiática: variáveis objetivas intrínsecas ao processo de planejamento, execução e repercussão do debate e, as subjetivas dominadas pelo receptor-eleitor e decorrentes da *performance* do candidato, seus argumentos e a formulação discursiva (WEBER; ABREU, 2010, p. 168).

“É o momento em que a dramaturgia explícita na campanha e no marketing eleitoral pretende ser ressignificada para ser compreendida como um momento próximo à verdade” (WEBER; ABREU, 2010, p. 162). Por conseguinte, é um momento crucial e indispensável para solidificação de sua imagem, exigindo muito preparo e estratégias por parte do político e sua assessoria, afirmam as autoras.

Nenhum ator político na atualidade pode prescindir da cena pública. Na perspectiva de Gomes (2004, p. 144), sem tal esfera de exposição pública de massa não haveria acesso relevante ao eleitorado, que possui o recurso fundamental para o campo político: o voto. A presença na esfera da visibilidade pública lhe é, portanto, fundamental”. Ciente dessa necessidade, os candidatos se submetem a todas as regras, recebem orientação de seus consultores e ficarão em sintonia com o mediador, investidos em seus personagens (WEBER; ABREU, 2010, p. 184).

Mais especificamente sobre a estrutura dos debates, Weber e Abreu (2010) os classificam em três tipos fundamentais: convencionais, coloquiais e interativos. O primeiro é caracterizado pelo posicionamento frente a frente dos candidatos dando a ideia de um enfrentamento direto. A segunda permite que os candidatos fiquem sentados e, aparentemente, mais descontraídos. E a terceira permite deslocamentos e interações entre plateia, mediadores e candidatos. Essa classificação pode se estender a mais onze modelos de debates. Abordar as características de cada debate é importante, pois refletem diretamente na postura e desenvoltura do candidato.

4.2.2 Procedimentos metodológicos

Serão analisadas as performances discursivas dos presidenciáveis, durante o primeiro e último debate eleitoral do 1º turno de 2018, transmitidos pela emissora de televisão Bandeirantes, em nove de agosto e outro transmitido pela emissora de televisão Rede Globo, em cinco de outubro, respectivamente. Tal recorte serve para atender ao objetivo de identificar se houve evolução nas performances e estratégias discursivas dos candidatos, bem como para contemplar todos os principais candidatos (com maior intenção de votos nas pesquisas), haja vista, as ausências do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, depois substituído por Haddad no primeiro debate, e de Jair Messias Bolsonaro, no último debate. Este devido ao impedimento médico após o esfaqueamento que sofreu durante ato político, aquele devido à Lei da Ficha Limpa que impede candidatura de condenados em segunda instância, caso do ex-presidente que está preso em Curitiba pela condenação já julgada em segunda instância, por corrupção ativa e lavagem de dinheiro.

Os candidatos com maior intenção de votos de acordo com pesquisa é que serão analisados. De acordo com pesquisa IBOPE divulgada pelo site G1, em 04/08/2018, os candidatos com maior intenção de votos são: **Lula com 23%, Jair Bolsonaro com 18%, Geraldo Alckmin com 15%, Marina Silva com 8%, e Ciro Gomes 4%.**

A descrição do formato e regras de cada debate bem como análise da performance de cada candidato será feita na categorização. Os conceitos e métodos considerados para análise serão os de David Horowitz e Maria Helena Weber.

4.2.3 Categorização e aplicação de conceitos

Dentro da categoria individual descritiva de cada debate, haverá análise performativa categorizada por candidato em ordem cronológica. Desse modo, cada debate será, em um primeiro momento, analisado individualmente dividido por candidato, já que, o objetivo é compreender a performance estratégica do presidenciável em sua totalidade dentro de cada debate, e não em qual estratégia ou tema ele se saiu melhor ou pior.

Após, a performance discursiva dos candidatos será realizada comparativamente e qualitativa entre os dois debates, a fim de averiguar se houve evolução do candidato. Para tanto, essa análise também será categorizada por candidato, contudo, será menos minuciosa, e apontará somente os pontos em que o candidato se saiu melhor ou pior, observando se houve mais apontamentos positivos no último do que no primeiro, para poder concluir se ele evoluiu ou não sua estratégia discursiva, ao longo da campanha eleitoral. Além de comparar as performances identificando qual candidato se saiu melhor.

A análise consistirá em identificar se os candidatos exploram em suas falas/discursos, durante os debates, os princípios e estratégias de David Horowitz (2001). Ou seja, se os candidatos demonstram que estão “ao lado dos oprimidos”, delimitando quem são os oprimidos ao mesmo tempo em que apresentam propostas que os defendam; se seus discursos são “simples (sem palavras difíceis), claros (possuem nexos, sem conceitos técnicos e que não é vago) e objetivos (que não é prolixo e que possui um propósito)” a ponto de tornar o discurso atraente e inteligível para todos os tipos de eleitores de forma; se preocupam-se em emitir “frases de efeito” para tornar mais potente e eficaz sua estratégia de persuasão – as “frases de efeito” contêm elementos do princípio da “simplicidade, clareza e objetividade”, ao mesmo tempo, em que fazem juízos de valor sobre um programa, fato ou imagem de algo ou alguém; se “atacam o adversário, mas sem exageros” – ou seja, atacando apenas a ideia sem atacar o lado pessoal - a ponto de diminuir a possibilidade de degradação de sua imagem, ao mesmo tempo em que aumentam a integridade/moralidade de sua imagem; se o candidato consegue, na mesma medida, “associar eventual vitória de seu adversário ao medo, e a sua, à esperança” para o povo; e, por fim, se ele “prestou atenção na voz do povo” apresentando

propostas e dizendo aquilo que o cidadão deseja. Este último critério será observado - que é o mais determinante para o sucesso das estratégias políticas do candidato segundo Horowitz (2001) - no momento da análise comparativa, considerando o resultado das eleições do primeiro turno de 2018, uma vez, que só é possível saber se o candidato “ouviu a voz do povo” - ou seja, se seu *habitus* estava dentro do *campo* -, ou, ao menos, se foi o que mais ouviu entre os candidatos com o resultado das urnas.

O método de análise proposto por Maria Helena Weber (2010) será utilizado como complemento para análise performativa do candidato dentro de cada debate. Observando ao final, realizadas as análises de Horowitz e Weber, quais as características que foram mais preponderantes durante esse evento político, a fim de concluir o nível de sucesso ou fracasso das suas estratégias políticas. Weber (2010) propõe sugerir se ele(a) deve manter, fortalecer ou excluir os seguintes aspectos quanto à imagem: aparência, olhar, voz, postura, expressão facial, vestuário, nervosismo, segurança, tranquilidade, afetividade, autocontrole, rigidez gestual, mobilidade, beleza, feiura. Também propõe que se observe e comente os seguintes aspectos quanto ao seu discurso/fala: verossímil, duvidoso, claro, confuso, compreensível, incompreensível, emotivo, racional, humorístico, agressivo, agradável, irônico, interativo, excludente, polarizador, entre outros aspectos. Após, avaliar a eficácia e qualidade da performance do(a) candidato(a) (imagem e discurso), a partir dos sentidos (impressões, sensações geradas) produzidos como: credibilidade ou descrença, coerência ou incoerência, capacidade ou incapacidade, força ou fragilidade, diferencial ou semelhante, conhecimento ou ignorância, qualificação ou desqualificação, honestidade ou desonestidade, veracidade ou falsidade, segurança ou insegurança, experiência ou in experiência, competência ou incompetência, entre outros.

É importante dizer que não será feito juízo de valor quanto à veracidade dos conteúdos das falas e discursos dos candidatos.

5 ANÁLISE DO DEBATE NO 1º TURNO (TV BANDEIRANTES)

5.1 Descrição do debate

Foi transmitido pela emissora Bandeirantes, em 9 de agosto de 2018. O apresentador foi Ricardo Boechat (um dos jornalistas mais consagrados do país, âncora do Jornal da Band, na Band News FM, e colunista da Revista IstoÉ). A ordem dos candidatos definida em sorteio, da esquerda para direita, foi: Alvaro Dias, Cabo Daciolo, Geraldo Alckmin, Marina Silva, Jair Bolsonaro, Guilherme Boulos, Henrique Meirelles e Ciro Gomes, conforme Figura 4.

Figura 4 - Ordem e disposição dos candidatos no debate da TV Bandeirantes



Fonte: Transmissão audiovisual do debate disponibilizada no Youtube pela TV Bandeirantes (2018).

Boechat lembra que, até o momento do debate, era o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva foi convidado a participar, mas foi impedido pela justiça.

O programa foi transmitido ao vivo pelo Band News TV, pelas rádios Bandeirantes e Band News FM e pelas plataformas digitais YouTube e o aplicativo para celular. Também havia um estúdio digital juntamente ao Google que iria fornecer aos diversos públicos, como os espectadores reagem ao debate em tempo real pela Internet, algo considerado inovador nos debates televisionados.

Direito de resposta, em caso de ofensa pessoal ou moral, será concedido, após avaliação por uma comissão formada por dois advogados e um jornalista, assim que terminar o tempo de quem está com a palavra.

No primeiro bloco, os candidatos tiveram que responder a uma mesma questão sugerida pelos leitores do jornal Metro. De acordo com o âncora do programa, a pergunta mais enviada pelos leitores foi emprego. Antes de ler a pergunta o apresentador contextualiza a situação do tema no país e menciona o grande desafio que terá o próximo presidente diante da crise que o Brasil vive onde há mais de 13 milhões de desempregados. A pergunta que pede objetividade na resposta e questiona “se eleito que primeira medida tomará para estimular a contratação de trabalhadores? Como essa medida será implementada e a partir de quando? De onde virão os recursos para que seja bem sucedida?”(BAND JORNALISMO, 2018). Cada candidato teve um minuto e meio para resposta.

No segundo bloco, iniciou-se o confronto direto, por ordem sorteada, cada um escolheu para quem dirigiria sua pergunta. Cada candidato pôde ser escolhido até três vezes. Os tempos foram de trinta segundos para pergunta, um minuto e meio para a resposta, réplica e tréplica, cada uma com tempo de quarenta e cinco segundos. Guilherme Boulos começa e pergunta para Jair Bolsonaro, após diversas acusações, “quem é a Val?”. Ciro Gomes é o segundo a fazer pergunta e escolhe Geral Alckmin para responder sobre a questão da Reforma Trabalhista e se ele pretende mantê-la. O terceiro a perguntar é Cabo Daciolo, ele dirige sua pergunta sobre juros e urnas eletrônicas ao candidato Alckmin. O próximo foi Alvaro Dias, ele questionou Jair Bolsonaro sobre questões sociais relacionadas às mulheres. Geraldo Alckmin foi o quinto a perguntar, escolheu Marina Silva para responder questões relativas a propostas para melhoria da saúde pública. Jair Bolsonaro escolheu Alvaro Dias para perguntar sobre a abertura das contas do BNDES. Marina Silva pergunta a Alckmin sobre alianças políticas incoerentes para quem se diz representar a mudança. Henrique Meirelles é o último a perguntar e escolheu Alvaro Dias para responder sobre as causas para os fracassos econômicos do governo anterior.

No terceiro bloco, os jornalistas da Band fazem as perguntas aos presidentes pelas regras definidas em comum acordo com os partidos. Eles escolhem dois candidatos: um para responder, outro para comentar. Os tempos para as falas são os mesmos do bloco anterior, com um minuto e meio para resposta,

quarenta e cinco segundos para a réplica. Sérgio Amaral foi o primeiro, escolheu Marina Silva para responder e Henrique Meirelles para comentar. O jornalista questionou à candidata, se eleita, qual o plano para resolver a questão da falta de investimentos públicos devido ao déficit fiscal de 139 bilhões de reais e que deverá se repetir em 2019. O jornalista Rafael Colombo foi o segundo a perguntar. Seu questionamento foi referente à segurança pública:

64 mil pessoas foram mortas por latrocínio e homicídio, uma das razões para isso é a guerra entre facções criminosas pelo controle para o tráfico de drogas. É possível traçar uma meta de redução de homicídios para os próximos quatro anos? Como reduzir o poder das facções criminosas que comandam o Brasil dentro e fora dos presídios? (BAND JORNALISMO, 2018).

Escolheu Alckmin para responder e Bolsonaro para comentar. A terceira pergunta é da jornalista Lana Canepa; ela dirige sua pergunta ao candidato Alvaro Dias, com comentário de Cabo Daciolo. Entra na questão da violência doméstica afirmando que “ano passado tiveram mais de 600 casos por dia, e a principal vítima é a mulher, a gente mostra quase todos os dias nos jornais, e o feminicídio cresceu quase 8,5%, fez mais de 1.100 mulheres vítimas no ano passado. Como resolver esse problema?”(BAND JORNALISMO, 2018). O quarto e último dos jornalistas a perguntar foi o jornalista Fabio Pannunzio, ele escolheu Ciro Gomes para responder e Geraldo Alckmin para comentar. Pediu que fossem detalhadas melhor as respostas para Reforma da Previdência e para Reforma Trabalhista. Depois a ordem de perguntas se repetiu e Sérgio Amaral faz sua segunda pergunta. Ele escolheu Daciolo para responder e Guilherme Boulos para perguntar. Amaral quis saber como o candidato pretende investir 10% do PIB na educação, 10% nas Forças Armadas e aumentar de 30 mil para 150km as ferrovias, isso além de baixar a carga tributária, com o problema do déficit fiscal apontado em sua primeira pergunta. Depois, Rafael Colombo pergunta para Henrique Meirelles com comentário de Alvaro Dias, se ele tem alguma restrição com relação aos refugiados da Venezuela, bem como se ele tem algum tipo de política econômica para atender essas pessoas. Lana Canepa escolheu Guilherme Boulos, com comentário de Marina Silva, para responder. Ela pergunta sobre a questão da legalização do aborto e, se eleito, como o candidato irá tratar o tema na rede pública. Fabio Pannunzio pergunta ao candidato Jair Bolsonaro com comentário de Ciro Gomes. O jornalista utiliza dados da OCDE que mostram

que, no Brasil, os investimentos no ensino fundamental consistem em somente 3.800 dólares por alunos ao ano, isso é menos que a metade do investimento dos outros países, em compensação gastamos muito mais em ensino superior que, de acordo com o jornalista, já está falido, conclui questionando ao candidato se há perspectiva de inversão dessa lógica do investimento público?

No quarto bloco, volta o confronto direto e cada candidato pode ser questionado até duas vezes. Os tempos são os mesmos, porém a ordem é outra, decidida também por sorteio. O primeiro a perguntar é o candidato Alvaro Dias, ele escolheu Alckmin para respondê-lo, a questão é sobre organizações criminosas mais especificamente sobre a Lava-Jato e o juiz Sergio Moro como Ministro da Justiça. Henrique Meirelles também escolheu Alckmin para respondê-lo, e a questão foi sobre o programa Bolsa Família. Bolsonaro é o terceiro a perguntar e escolhe Cabo Daciolo para responder a pergunta sobre a questão da governabilidade que implica em ratear cargos de acordo com critérios de interesse dos partidos. Após, Geraldo Alckmin pergunta à Marina Silva e diz que quer voltar ao tema da educação. Marina Silva pergunta para Ciro Gomes sobre os problemas da obra de transposição do Rio São Francisco e qual a proposta de seu governo para essa questão. Guilherme Boulos é o sexto a perguntar e escolhe Meirelles, inicia seu questionamento acusando-o de ser igual aos outros, pois favorece o enriquecimento dos bancos enquanto o salário mínimo continua estagnado e o que ele tem a dizer sobre isso. Após, Daciolo pergunta para Ciro Gomes dizendo que ele é um dos fundadores do Foro de São Paulo e o que ele tem a dizer sobre o plano União da República Socialista Latino-Americana (URSA). Ciro Gomes é o último a perguntar e escolhe Jair Bolsonaro, ele questiona como o presidente pretende resolver a humilhação que muitos brasileiros passam de ter o seu nome no SPC.

No último bloco, novamente os jornalistas perguntam para os candidatos baseados nas mesmas regras do terceiro bloco. Pannunzio é o primeiro a perguntar e escolhe Daciolo para responder com comentário de Meirelles, ele questiona o candidato sobre as greves ilegais que participou e o que ele faria se em seu governo acontecesse uma greve igual ao dos caminhoneiros. Canepa escolhe Alvaro Dias para responder com comentário de Cabo Daciolo, seu questionamento é acerca da corrupção e como o candidato fará para combater e punir os corruptos sem afetar o funcionamento da economia brasileira. O jornalista Rafael Colombo pergunta para Ciro Gomes, com comentário de Alvaro Dias, sobre o problema do déficit fiscal e o

pedido de aumento salarial do Supremo que incide em efeito cascata que pode passar de 4 bilhões e se tem dinheiro para tudo isso. Sérgio Amaral pergunta para Marina Silva, com comentário de Jair Bolsonaro, sobre o problema de logística do país, estrutura da malha ferroviária é muito precária, teve apagão, racionamento de água e, com tudo isso, o produto brasileiro no mercado internacional chega a ser até 30% mais caro que os concorrentes, diante desse cenário, o que Marina pretende fazer para melhorar a competitividade do produto brasileiro. Pannunzio novamente é o jornalista a fazer perguntas e escolhe Alckmin, com comentário de Marina Silva, para responder à questão sobre qual será o seu critério para nomear as pessoas em seu eventual governo e o que ele fará a grande quantidade de cargos de confiança que existem atualmente. Lana Canepa pergunta para Bolsonaro, com comentário de Boulos, sua pergunta é sobre os privilégios que agentes públicos têm e o que ele pretende fazer para cortar esses privilégios. Rafael Colombo escolhe Boulos, com comentário de Alckmin, para responder sobre o problema da falta da atualização do imposto de renda que prejudica exatamente os mais pobres. Amaral pergunta para Meirelles, com comentário de Ciro, sobre o problema burocracia para liberação de medicamentos e que acaba matando muitas pessoas.

No final, por ordem sorteada, a emissora abre espaço de um minuto para as considerações finais. A ordem foi respectivamente: Ciro, Boulos, Marina, Bolsonaro, Alvaro, Daciolo, Alckmin e Meirelles.

5.2 Análise

Geraldo Alckmin

No primeiro bloco, foi o terceiro a falar. Respondeu diretamente à pergunta:

[...] esta é questão central, o Brasil voltar a gerar emprego e renda. O Brasil precisa crescer, e para poder crescer precisa ter investimento, investimento é confiança. Então, as primeiras medidas nossas serão pelo lado fiscal, sem aumentar impostos, reduzir despesa para zerar o déficit em menos de dois anos. Segunda medida, simplificação tributária, simplificar, desburocratizar, destravar a economia. A terceira, abertura econômica, os países que passaram de renda média para renda mais alta, todos eles tiveram na abertura da economia um papel fundamental. Fazer acordos comerciais, entrar na aliança do pacífico, junto com o Japão - os países asiáticos. Reduzir custo Brasil, o Brasil ficou caro e por isso e perdeu competitividade. O Brasil da década de 30 até a década de 80 foi o país que mais cresceu no mundo. Precisa voltar a crescer, crescer forte, melhorar o poder de comprar,

aumentar o salário, o salário mínimo, a renda da nossa população. Essa é a nossa prioridade (BAND JORNALISMO, 2018).

Depois mencionou a educação como área estratégica para o crescimento. Apesar, de forma geral, ter sido didático explicando suas soluções, **não foi muito simples e claro**, pois usou algumas vezes palavras e soluções técnicas, como, “*déficit*”, “*fazer acordos comerciais, entrar na aliança do pacífico*”, “*abertura econômica*” e **não foi o objetivo**, pois sua fala densa e cansativa.

No segundo bloco, é o primeiro a ser questionado. Ciro Gomes foi quem o escolheu. Ao responder o questionamento sobre Reforma Trabalhista, assim como Ciro, inicia a fala **amenizando a possibilidade de atacar o adversário** fazendo elogios a Ciro. Responde de forma **objetiva, mas não é claro**, pois não exemplifica muito bem suas ideias, **nem apresenta de forma simples** em suas propostas, pois utiliza alguns termos técnicos. **O problema se repete na tréplica**. Também, é o terceiro a ser questionado, e quem faz a pergunta é Daciolo. Na resposta e na tréplica, é **objetivo** e dessa vez **é mais claro e mais simples, exemplificando melhor suas propostas, mas ainda apresenta algumas questões de maneira técnica**. É o quinto a questionar, e escolheu a candidata Marina Silva para respondê-lo. Faz a pergunta de forma **extremamente, objetiva e simples, mas não deixa muito claro os fundamentos de sua afirmação**, pois fala de forma muito ampla. O tema é saúde. Na réplica, diz que justamente por ser médico sua principal preocupação será em resolver o problema da saúde, que é uma das principais mazelas que afligem a população, com mais atendimento médico e saneamento, **associando, assim, sua eventual vitória à esperança. Aponta de forma objetiva e clara, porém não tão simples** devido à utilização de termos técnicos, a solução. Alckmin também é o sétimo a responder. Marina quem fez a pergunta. Inicialmente, **é claro, simples e objetivo**, ao responder à questão justificando que fazer alianças é a única forma de aprovar rapidamente as reformas que o povo precisa, tentando **associar, portanto, sua eventual vitória à esperança**. Depois muda o assunto e volta a apresentar suas propostas trazendo novamente termos técnicos falando de *impostos com siglas incomuns, usando o termo valor agregado e falando em voto distrital conforme modelo alemão, comprometendo, portanto, a clareza, simplicidade de seu discurso, apesar de tentar ser objetivo*, não tratando muito tempo de um mesmo assunto. Na tréplica, repete novamente algumas de suas propostas de forma superficial, justificando que as alianças partidárias são a única

forma de resolver rapidamente os problemas do país. Depois **ataca o adversário, mas frustra a tentativa**, pois ao final diz que ela tem razão, ao afirmar que Marina também tem práticas semelhantes às que ela o está condenando, e que ela não está errada. Encerra com a seguinte fala: “num quadro tão pluripartidário como o que nós estamos vivendo, as alianças são necessárias, e nós a fazemos para poder implementar na prática. O problema não é só ganhar eleição - a situação do Brasil é grave - mas é governar e governar bem!”(BAND JORNALISMO, 2018), talvez tenha sido uma **tentativa de frase de efeito** ao defender a governabilidade, **mas que ficou um pouco comprometida quebra de pela quebra de nexos ao final da frase.**

No terceiro bloco, responde à questão do jornalista Rafael Colombo sobre segurança pública, com comentário de Jair Bolsonaro.

[...] nós tivemos, no estado de São Paulo, um fato que é reconhecido até internacionalmente: nós tínhamos no ano de 2001, 13 mil pessoas assassinadas, reduzimos para 12, 11, 10, 9, 6, 5, 4, ano passado foram 3.503. Se nós tivéssemos reduzido, poupado uma vida, já teria valido a pena, mas foram 10 mil vidas poupadas, famílias que não foram desfeitas (BAND JORNALISMO, 2018).

Nessa fala demonstra estar **ao lado dos oprimidos**, nesse caso as vítimas e seus familiares. Após, **associa sua eventual vitória à esperança, apresentando propostas de forma clara, simples e objetiva:**

[...] é perfeitamente possível a gente reduzir no Brasil, e o Brasil só está crescendo. Eram, em 2016, 62 mil assassinatos, hoje, 63 mil. Nós vamos enfrentar duramente o crime organizado, especialmente em questão de fronteiras, tráfico de drogas e tráfico de armas, integrando as inteligências das Forças Armadas, das Polícias Federais, dos estados. Também criar uma Guarda Nacional para inclusive proteger também a área rural, aqueles que moram de maneira mais distante. Apoiar os estados, nós vamos ser parceiros dos estados, governadores, prefeitos, trabalhar juntos nesse que é o grande desafio Latino-americano, e inclusive do Brasil (BAND JORNALISMO, 2018).

De forma geral, sua fala, teve um pouco de problema quanto à objetividade, pois se estendeu de forma desnecessária em algumas de suas exposições. Na réplica:

[...] nós temos que agir firmemente na prevenção primária. Hoje a grande vítima é o jovem de menor escolaridade, vítima da droga, dar a mão a esse jovem. Nós vamos levar o programa Recomeço que trata o dependente químico para todo o Brasil, é uma questão de saúde pública (BAND JORNALISMO, 2018).

Mostra-se ao lado dos oprimidos e associa sua eventual vitória à esperança. Continua:

[...] e a outra é fronteira: SISFRON, SIPAM. Tive com general Villas Boas, nós vamos rapidamente expandir a questão da tecnologia, gente, Guarda Nacional, Polícia Federal que tem bons equipamentos ser ampliada, gestão, melhorar a gestão integrando inteligência e tecnologia para combater o crime organizado (BAND JORNALISMO, 2018).

Tenta associar sua eventual vitória à esperança, mas compromete sua estratégia devido ao problema de nexos (clareza) na explicação de sua proposta, e utilização de siglas que comprometem a simplicidade de seu discurso, apesar da objetividade. Ainda no terceiro bloco, é também escolhido, só que agora para comentar a pergunta que foi dirigida ao candidato Ciro Gomes, e feita pelo jornalista Fabio Pannunzio. Discordando de Ciro, acredita que a Reforma Trabalhista foi um avanço, mencionando como uma das causas “a excrescência do imposto sindical que nem os trabalhadores querem, nem os sindicatos querem. Vão ficar realmente os sindicatos sérios que lutam pelos trabalhadores, e vão conseguir a sua contribuição nas convenções coletivas. “Em relação a Reforma da Previdência, a primeira tarefa é acabar com o sistema injusto: o, do INSS é 1.391 reais o valor da aposentadoria, no setor público, chega a 28 mil reais de média na Câmara dos Deputados”(BAND JORNALISMO, 2018). **Associou sua eventual vitória à esperança e ficou ao lado dos oprimidos.**

No quarto bloco, é escolhido por Alvaro Dias para responder sobre questões relacionadas a Lava-Jato e organizações criminosas. Baseou sua resposta toda praticamente no princípio de **associar sua eventual vitória à esperança** afirmando que a Lava-Jato é sim uma conquista da sociedade, e que não pretende em nenhuma hipótese mudá-la e defende “que nós precisamos aprofundá-la, e acabar com aquilo que nós chamamos com de crime de colarinho branco”. Depois apresentou ideias para melhorar a questão da corrupção defendendo o voto distrital, diminuição da quantidade de partidos e melhoraria a Controladoria Geral da União, do Ministério Público. Encerra falando sobre a questão do exemplo, lembra de todos os cargos públicos que teve e afirma: “não tenho nenhuma aposentadoria, abri mão de tudo, tenho o INSS, R\$ 5.000,00 aos 64 anos de idade” (BAND JORNALISMO, 2018). **Foi simples e objetivo, porém nem sempre claro** falando, por vezes, de forma um pouco superficial sobre suas propostas. Ainda sobre o assunto, na tréplica

a Alvaro Dias faz as seguintes afirmações: “há um princípio em medicina que diz em suprimindo a causa o efeito cessa”(BAND JORNALISMO, 2018). Reforma política, essa sim vai fazer uma grande diferença no sentido de melhorar a qualidade da política brasileira. Diminuir o tamanho do Estado, agências de Estado totalmente distantes de partido político. Hoje dos 40 cargos de diretores de agências reguladoras e fiscalizadoras, 32 são nomeações partidárias. No meu governo não terá, como não teve em São Paulo na Asesp nenhuma nomeação de natureza de política partidária esse é o bom caminho reforma do estado reformas de base”. Também é escolhido por Meirelles para responder seu questionamento sobre Bolsa Família. Alckmin elogiou o programa e afirmou que pretende até ampliá-lo. Explicou que o BNDES tem recursos e que ele pretende utilizá-los para investir prioritariamente na área social como o Bolsa Família e especialmente no Nordeste, “ajudei na questão da transposição do Rio São Francisco. Emprego, emprego e emprego, é isso que vai ser o caminho!”(BAND JORNALISMO, 2018), afirma, dessa forma **mostrou-se de forma clara simples e objetiva ao lado dos oprimidos. Após, continua com a mesma estratégia e associa sua eventual vitória à esperança**, lembrando os programas sociais que ele já fez com o seguinte discurso:

[...] aqui em São Paulo, nós temos os programas sociais muito bem avaliados, o programa nosso do restaurante Bom-Prato, há dezoito anos um real, um real, o nosso Renda Cidadã nós substituímos pelo Renda Família, nós abrigamos toda a família. Moradia para quem precisa, temos o maior programa habitacional e habitação de interesse social, quem ganha um salário mínimo tem acesso a casa própria através do nosso programa da CDHU. E inovamos fazendo a APP da habitação aqui no centro de São Paulo, trazendo quem mora na periferia para poder mais perto do centro, mais perto do seu trabalho (BAND JORNALISMO, 2018).

No final, **fala de forma superficial e desconexa de suas propostas**: “saneamento básico e promoção de emprego, renda, agricultura, turismo, serviços, comércio”(BAND JORNALISMO, 2018). Na tréplica, respondeu aos ataques de Meirelles que falou sobre as críticas que o partido dele já fez ao programa Bolsa Família, chamando-o de Bolsa Esmola que não dá incentivos para a pessoa não precisar mais do programa. Inicia sua **fala atacando o adversário, mas sem exageros, mostrando-se ao lado dos oprimidos**, dizendo que irá:

[...] rememorar a memória do candidato Henrique Meirelles: o Bolsa Família é a junção de três programas de complementação da renda da Rede de Proteção Social do governo do PSDB, quem criou o Bolsa Escola havia um apoio para família com o único compromisso de que a criança frequentasse as aulas; o Bolsa Saúde com o único compromisso de que as crianças fossem ao pediatra e tivessem a vacinação; e o Vale Gás. Corretamente o governo unificou os três e criou o Bolsa Família (BAND JORNALISMO, 2018).

Encerra, **associando sua eventual vitória à esperança** com a seguinte afirmação: “nós vamos até ampliar o Bolsa Família. Agora, nós vamos usar que dinheiro? O dinheiro da ‘bolsa banqueiro’, vai ser o dinheiro da bolsa banqueiro que vai ajudar a expandir os programas da área social”(BAND JORNALISMO, 2018). **É claro simples e objetivo durante toda a sua fala.** O candidato é o quarto a perguntar e destina à Marina Silva seu questionamento sobre educação. Ele traz dados do PISA que mostram que o país tem uma situação educacional muito ruim, e pergunta qual a proposta da candidata para a questão educacional. Na réplica, diz que sua prioridade será a educação básica:

[...] no ensino infantil, nós fizemos, aqui em São Paulo, de maneira inovadora o Creche-Escola, foram quase 300 creches-escolas entregues e outras tantas estão em obras. Nós vamos zerar a fila, quero falar para as mães aqui, vamos zerar a fila das crianças para quatro e cinco anos. Na pré-escola nós queremos todas, todas as crianças do ensino infantil na EMEI e na pré-escola. Ampliar as vagas de creches e evidentemente a valorização do professor como fizemos em São Paulo para o professor de tempo integral com 75% a mais” (BAND JORNALISMO, 2018).

Durante todo esse discurso **associou sua eventual vitória à esperança e mostrou-se ao lado dos oprimidos, também foi claro, simples e objetivo.**

No último bloco é escolhido por Pannunzio para comentar quais serão seus critérios para nomeação em seu governo e qual sua política para a grande quantidade de cargos de confiança. Inicia afirmando que irá escolher dentro dos partidos públicos os melhores, cita o exemplo de Ana Amélia Lemos, como demonstração e prova de sua responsabilidade para escolher aqueles que farão parte do governo. Disse que não nomeará somente pessoas de partidos e que a seu critério é o da competência, que irá fazer um governo que funcione para poder criar emprego e renda. Disse que irá investir em agências reguladoras e diminuir o tamanho do Estado. Cita exemplo de coisas que fez enquanto governadore que cortará despesas com privatizações, agências reguladoras e marco regulatório e boa atuação o Estado que ficará mais forte, afirma. Portanto, toda a sua fala é voltada

para **associar sua eventual vitória à esperança, de forma razoavelmente clara, simples e objetiva**. Na réplica, **ataca o adversário, mas sem exageros** dizendo que ele e o PT são coisas diferentes. Fala que no Brasil o grande problema ao longo dos anos foi impunidade e que isso está começando a melhorar, e que ele fará uma reforma política para poder mudar tudo o que está acontecendo no país, **associando sua eventual vitória a esperança**. Colombo escolhe o candidato para comentar a resposta de Boulos sobre atualização da tabela de imposto de renda. Afirma que a reforma tributária é essencial para simplificar, diz que pretende substituir cinco impostos por um IVA, imposto de valores agregados, para poder produzir mais empregos e renda. Irá reduzir imposto das empresas jurídicas para ter mais empresas e investimentos no Brasil, e o país ter mais emprego. Finaliza afirmando que irá corrigir a tabela do imposto de renda e o dinheiro do FGTS, pois ele prejudica os ganhos do trabalhador. Alckmin **tenta associar sua eventual vitória à esperança e se mostrar ao lado dos oprimidos, no entanto, poderia ter sido mais simples e claro, usando menos termos e conceitos técnicos, apesar de sido objetivo, para tornar mais eficaz uma estratégia**.

Em sua última mensagem agradece emissora e os telespectadores. Afirma que é a sociedade que vai fazer a diferença. O candidato diz que está montando uma grande equipe para apresentar as melhores propostas. Depois ao falar sobre governabilidade diz que “uma coisa é falar, outra coisa é fazer. Nós precisamos é tirar as coisas do papel, eu fiz!”(BAND JORNALISMO, 2018)E dá exemplos de sua boa gestão em São Paulo. Diz que cortará gastos para o “Brasil vá ao encontro de seu destino de uma grande nação. Com muita fé em Deus e determinação nós vamos mudar o Brasil, emprego e renda”(BAND JORNALISMO, 2018). **Tenta algumas frases de efeito e associar sua eventual vitória à esperança**.

Se pudesse definir o candidato em uma palavra, sem fazer juízo de valor, seria compostura. Desde seu semblante até o conteúdo de suas falas. É seguramente o candidato que menos atacou o outro, é muito racional na sua forma de falar e de se expressar, procura dar explicações técnicas até na hora de se mostrar ao lado dos oprimidos. Seus gestos e tom de voz demonstram muito equilíbrio, transparecendo até uma rigidez. Suas vestimentas e preocupação em falar especificamente de suas propostas sempre mostrando exemplos daquilo que ele já fez demonstram que Alckmin encara um pleito de forma séria e talvez até conservadora, entendendo o momento quase que como uma entrevista de emprego.

Apesar disso, transmitir credibilidade e competência, limita o alcance de identificação por parte do eleitorado, uma vez que, apelos emocionais são muito importantes para cativar o público.

Marina Silva

No primeiro bloco, foi a quarta a falar. Depois de breve apresentação, afirma que o Brasil possui graves problemas e que um deles é o desemprego. Aponta o problema da criminalidade trazendo dados, e novamente retorna ao desemprego, isso fez com que metade de seu discurso, apesar de simples, não fosse **claro** nem **objetivo**, devido a essa mistura de assuntos sem uma correlação direta. Na segunda metade de sua fala conseguiu trazer mais **objetividade** e **clareza**: “para ter emprego é preciso ter investimento, para ter investimento é preciso recuperar credibilidade, para ter credibilidade é preciso ter uma mudança profunda nesse país”(BAND JORNALISMO, 2018). Implicitamente e **sutilmente ataca seu adversário, comprometendo a eficácia da estratégia**: “aqueles que criaram o problema não irão resolver o problema”(BAND JORNALISMO, 2018). O ponto forte foi ao demonstra-se **ao lado dos oprimidos** com a seguinte fala: “com certeza eu que tive que passar pelo problema do desemprego como mulher, como jovem, como alguém que viu diante de si a dificuldade de alimentar sua família”(BAND JORNALISMO, 2018).Ao final, **associa sua eventual vitória à esperança** dizendo que tem o compromisso de fazer o país voltar a crescer “com renda e vida digna”, ao mesmo tempo em que cuidará da sustentabilidade social.

No segundo bloco, Alckmin escolhe a candidata para ser a quinta a responder. Ela inicia mencionando a constituição, diz de modo vago que o Sistema Único de Saúde (SUS) não foi adequadamente implantado. Depois de modo assertivo, mostra-se **ao lado dos oprimidos** quando diz que está preocupada com o atendimento precário dos mais pobres no sistema público de saúde, apesar de não dizer porque, afirma que as mais prejudicadas são as mulheres. Novamente é superficial ao ponderar sobre algumas de suas soluções, afirmando, de modo genérico, que irá resolver o problema - inicialmente apontado - da má implantação do SUS. **Por essas razões não foi simples, nem clara, nem objetiva, fracassando, também, na provável tentativa que teve em associar sua eventual vitória à esperança**. Na tréplica, **ataca o adversário, mas sem exageros**:

[...] entra governo e sai governo e as promessas são as mesmas. Hoje, a população brasileira, a maior parte, não tem esgoto tratado e uma grande quantidade de crianças que são acometidas com problemas de saúde é em função da falta de tratamento de esgoto, que o PSDB, durante os anos em que ficou no governo, não deu conta nem no estado de São Paulo, nem no Brasil, quando não aumentou os recursos para o saneamento básico e, hoje, boa parte da nossa população padece, de fato, de problemas de saúde em função da falta do mínimo (BAND JORNALISMO, 2018).

Marina é a sétima a perguntar e dirige seu questionamento ao candidato Alckmin. Inicia **atacando o adversário, mas sem exageros de forma simples, clara e objetiva**, questionando a contradição que existe em ele dizer que quer melhorar o país, sendo que faz alianças políticas com o “centrão”, que abertamente apoia o governo vigente e que representa todas as mazelas do Brasil. Na réplica, a candidata **ataca o adversário**, tentando neutralizar a defesa de Alckmin referente a sua acusação. Ela diz:

[...] é exatamente isso que todos dizem, e é exatamente isso que prejudica o saneamento básico que você não tem, porque as alianças partidárias são sempre por tempo de televisão, para se manter o poder ou para chegar a ele e às vezes em nome de algumas pessoas de fato que são boas se pega o condomínio inteiro daqueles que ficam assaltando os cofres públicos (BAND JORNALISMO, 2018).

Contudo, teve **problemas quanto a objetividades e clareza** nesse ataque, não fazendo correlações de raciocínio muito claras no começo e no final do discurso. Encerra sua fala **conseguindo ser simples, clara e objetiva** com uma **frase de efeito atacando o adversário** com a seguinte afirmação: “a governabilidade é com base no exercício puro e simples do poder e é isso que nós temos que acabar. Aqueles que criaram o problema, não vão resolver o problema” (BAND JORNALISMO, 2018).

No terceiro bloco, responde à questão do jornalista Sérgio Amaral reconhecendo o problema grave do déficit fiscal. Faz uma crítica ao Teto dos Gastos, que congela investimentos públicos em áreas fundamentais com uma frase **que apesar de simples e objetiva, compromete a eficácia da transmissão de uma ideia, ou frase de efeito devido à falta de clareza**, pois não faz juízo de valor: “ou seja, a segurança como está, a saúde como está, vai ficar congelada” (BAND JORNALISMO, 2018). Contudo, afirma que pretende resolver o problema do déficit, mas sem prejuízos à população:

[...] queremos que nosso país possa ter recursos para poder investir corretamente, mas uma premissa fundamental: nós não vamos fazer isso em prejuízo da saúde, da educação, da segurança pública, de forma totalmente insensível com o sofrimento da população brasileira como está sendo feito pelo o atual governo (BAND JORNALISMO, 2018).

Nessa fala, é **extremamente simples, clara e objetiva**, além de **atacar o adversário e associar sua eventual vitória à esperança**. Depois, de forma diferente, repete as intenções das afirmações anteriores, mas peca, pois **neutraliza o ataque ao adversário**, devido às palavras **não tão simples, devido a esse mesmo problema também compromete a intenção de associar sua eventual vitória à esperança**: “minha proposta é de que o país volte a crescer, que a gente enfrente situações que são estruturantes como o problema da previdência, não com as propostas draconianas como foram feitas, em prejuízo de alguns”(BAND JORNALISMO, 2018). Tudo para que o país tenha credibilidade para crescer e o Brasil volte a ter investimentos e se revolva o problema do déficit, do desemprego e “da penúria que o povo brasileiro está passando com o atual governo”(BAND JORNALISMO, 2018). Na réplica faz o seguinte discurso: “baixar juros, controle de inflação é importante, não há dúvida, para que o país não prejudique tanto os trabalhadores, aqueles que são mais frágeis que são os mais prejudicados com a elevação de juros”(BAND JORNALISMO, 2018), **mostrando-se ao lado dos oprimidos**. Depois continua atacando **o adversário, mas sem exageros; conquanto compromete sua estratégia com sua falta de nexos e objetividade na resposta, apesar de ser bem simples em suas palavras**:

[...] mas obviamente que não na lógica do atual governo, em que o Ministro da Fazenda era o principal operador dessa atual política, que faz com que a maioria das pessoas tenham que pagar um preço altíssimo com uma saúde que não funciona, com uma segurança pública que está a beira do caos, com mais de 60 mil pessoas sendo assassinadas por ano e como se não bastasse temos o grave problema do desemprego em que as pessoas ficam mais frágeis. Esse tipo de lição não se deve aprender, pelo contrário, a gente deve mudar os que estão aí patrocinando a crise (BAND JORNALISMO, 2018).

Depois Marina Silva foi escolhida para comentar a questão sobre legalização do aborto que a jornalista Lana Canepa fez Boulos para responder.

[...] esse, de fato, é um tema que tem uma natureza bastante difícil e complexa. Envolve questões de natureza emocional, de natureza filosófica, de natureza moral e de natureza religiosa. E, obviamente, o que todos

queremos é que nenhuma mulher tenha que fazer um aborto porque isso não pode ser advogado como método contraceptivo e o que nós queremos e que se tenha planejamento familiar, educação para que nenhuma mulher tenha que lançar mão de uma forma extrema e que não é desejada. E eu defendo a forma que está prevista na lei se tiver que ampliar eu defendo que seja feito um plebiscito escutando o conjunto da população brasileira (BAND JORNALISMO, 2018).

A candidata **não foi nada objetiva, pois nem ao final deixou clara sua opinião, ao mesmo tempo em que disse que defende aquilo que já está na lei, fala que fará um plebiscito para saber o que a população quer. É simples nas palavras que usa, porém não possui muita clareza ao apresentar suas ideias sobre o assunto apresentando de forma superficial suas propostas.**

No quarto bloco, é escolhida por Geraldo Alckmin para responder sobre quais são as suas propostas para a educação. Fala da importância da educação na vida de uma pessoa e diz que sua história comprova isso.

[...] meu compromisso com a educação é um compromisso inarredável. Educação de qualidade, é por isso, que também estamos dialogando com Todos Pela Educação que está oferecendo a todos os candidatos uma proposta que se for implementada a gente pode iniciar um ciclo de prosperidade na educação. A gente já tem quantidade, mas nós vamos trabalhar a qualidade (BAND JORNALISMO, 2018).

Até aqui tem um discurso que, às vezes, não é simples devido à utilização de palavras difíceis, nem claro, devido à superficialidade de suas na apresentação de suas propostas e, devido à fala inicial, não é muito objetivo. Depois de apontar os problemas da educação, **associa sua eventual vitória à esperança:**

[...] nosso compromisso é que toda criança até os sete anos esteja alfabetizada, que todo jovem saia do segundo grau com o aprendizado adequado a sua escolaridade e que tenhamos recursos que sejam mais gerenciados e que os professores sejam bem remunerados, valorizados econômica e simbolicamente (BAND JORNALISMO, 2018).

Encerra **atacando os adversários, mas sem exageros** dizendo que a educação acaba sendo um discurso vazio de muitos candidatos, mas que para ela será de fato uma prioridade. Na tréplica, fala que sabe da importância de estimular uma criança na idade certa que é durante a primeira infância, por isso diz que irá focar na atenção do ensino básico, valorizando os professores, inclusive com salários dignos. Novamente lembra do discurso vazio de alguns candidatos e faz

uma **analogia um pouco estranha**: “o condomínio está cheio de lobo mal querendo comer o dinheiro da vovozinha” (BAND JORNALISMO, 2018). **Marina é simples e objetiva, contudo não muito clara, pois fala de forma superficial sua proposta para educação**. A candidata escolhe Ciro Gomes para respondê-la sobre os problemas quanto à transposição do Rio São Francisco que de acordo com ela é muito importante para as pessoas que tem dificuldade de ter acesso a água potável e lembra dos esforços para conseguir a licença para sua construção **demonstrando que está ao lado dos oprimidos**. Na réplica, fala da importância de retomar a obra do Rio São Francisco bem como sua revitalização, lamenta e afirma que “infelizmente esse projeto foi abandonado”(BAND JORNALISMO, 2018). Encerra afirmando que ele é importante economicamente, culturalmente e simbolicamente para os nordestinos e para todo o povo brasileiro, por isso irá retomá-lo. Portanto, **associa, mesmo que de forma não abrangente, sua vitória à esperança**.

No último bloco, a candidato é escolhida pelo jornalista Sergio Amaral com comentário de Jair Bolsonaro sobre o que pretende fazer para aumentar a competitividade dos produtos nacionais frente a concorrência internacional. Inicia seu discurso assumindo o problema de infraestrutura que faz diminuir a competitividade, menciona o exemplo do setor agrícola que tem perda de 30% de sua produção por falta de armazenamento, estradas, hidrovias e ferrovias e **associa sua eventual vitória a esperança** declarando que:

[...] no meu governo nós vamos investir sim para que a gente tenha os custos de produção reduzidos. Nós vamos trabalhar para que se aumente produção, por ganho de produtividade e aí é fundamental investir em ciência, tecnologia e inovação para o que o Brasil se torne cada vez mais competitivo, um país que tenha segurança jurídica, mas sem perder a qualidade de licenciamento ambiental, o cuidado com a saúde pública, agrotóxico não é remédio (BAND JORNALISMO, 2018).

Finaliza reiterando a importância de tomar essas medidas para o país se tornar competitivo e fala da importância de se investir em energia renovável em detrimento das energias fósseis. Na réplica, a candidata aproveita os comentários de Bolsonaro concordando com a questão das parcerias com empresas privadas e **atacando o adversário, mas sem exageros** falando sobre a indústria das multas que são uma verdadeira grilagem. Após é escolhido por Pannunzio para comentar a questão de Alckmin sobre critério para nomeação e cargos confiança. Inicia sua fala

atacando o adversário, mas sem exageros com algumas frases de efeito dizendo que:

[...] a forma como se ganha é a forma como se governa. E fica muito difícil acreditar que quem se junta aqueles que estão envolvidos em graves esquemas de corrupção que se somado todos, dá mais de 500 anos, é mais que o descobrimento do Brasil, que possa de fato ter critérios que sejam levados a sério na hora da composição do governo (BAND JORNALISMO, 2018).

Após, associa sua eventual à esperança, dizendo que ela terá critérios e que o primeiro será ético de nomear pessoas com conhecimento técnico para que possam agir de forma eficaz para os interesses da sociedade, caso contrário “contamina o governo e todas as ideias caem no vazio”(BAND JORNALISMO, 2018).

É clara, simples e objetiva.

Encerra sua participação agradecendo à emissora e a oportunidade de dialogar com os brasileiros afirmando que será presidente “para que esse país não fique apenas admirando as exceções que têm”(BAND JORNALISMO, 2018), como por exemplo, pessoas que passam no vestibular apesar das péssimas condições de estudos. Fala que ela foi uma exceção e que não quer mais ver as pessoas passando trabalho. Quer um país que admire a regra “que é serviço público de qualidade aonde o dinheiro não é roubado, aonde não se substitui a população pelo “centrão”, a regra onde a democracia é usada para mudar o Brasil e que a gente possa ter de fato um República de verdade”(BAND JORNALISMO, 2018). **Sua fala foi basicamente frases de efeito, associando sua eventual vitória à esperança e mostrando-se ao lado dos oprimidos.**

Marina mistura aspectos de fragilidade e força em sua imagem. Sua voz um pouco trêmula, aparência física mais frágil se misturam a sua história de luta e vitória, apesar das intempéries. Marina explora isso muito bem em seu discurso usando ao seu favor para dar credibilidade as suas investidas de mostrar-se ao lado dos oprimidos. A candidata fala algumas vezes sobre ética em seu discurso e talvez, para dar mais propriedade, tenha escolhido uma vestimenta branca, cor comumente associada à pureza. Durante quase todo o debate sustenta um semblante de preocupação, sisudo. Fala de modo muito formal, às vezes, chegando a utilizar palavras complicadas, ao mesmo tempo em que não aprofunda muito algumas de

suas propostas, deixando seu discurso um pouco confuso podendo deixar margem para descrença quando sua competência para governar o país.

Jair Bolsonaro

No primeiro bloco, foi o quinto a falar. Após breves cumprimentos, antes de entrar na questão do desemprego, dirige sua fala a Daciolo, corrigindo-o: “Daciolo, eu tenho na verdade 46 anos de vida pública, 16, de exército brasileiro com muita honra”(BAND JORNALISMO, 2018). Nessa fala, Bolsonaro **ataca o adversário, mas sem exageros** a ponto diminuir a possibilidade de degradação de sua imagem por Daciolo, ao mesmo tempo em que tenta aumentar a integridade/moralidade de sua imagem. Inicia sua resposta **de forma muito assertiva quanto à estratégia de emitir uma frase de efeito** e de **associar sua eventual vitória à esperança** na seguinte fala: “a nossa missão aqui é mais que dar esperança para o povo, é dar certeza que faremos um governo realmente diferente”(BAND JORNALISMO, 2018). É **bastante simples, claro e objetivo** ao responder a questão central, ele afirma: “entre outras medidas o Brasil precisa voltar a fazer comércio com o mundo todo sem o viés ideológico. Precisa agregar valor naquilo que tem, não só em seu subsolo bem como produtos do campo. O Brasil precisa ser desburocratizado, é um cipó de leis que desestimula qualquer um a abrir qualquer empresa. Tem que ser desregulamentado. Todos nós sabemos que o salário no Brasil é pouco para quem recebe e muito para quem paga. Sua última afirmação vai **diretamente contra o princípio de atacar o adversário, pois ele comete autodepreciação de sua própria proposta**: “a classe empresarial, tem dito também, e o que eu vou falar aqui é para perder voto, mas eu não quero ganhar sem poder governar”(BAND JORNALISMO, 2018)e a emenda com uma **frase de efeito**: “os empresários tem dito pra mim que o trabalhador vai ter que decidir um dia: menos direitos e emprego, ou todos os direitos e desemprego”(BAND JORNALISMO, 2018).

No segundo bloco, Guilherme Boulos o escolhe para ser o primeiro a responder. Inicia sua resposta aos ataques sofridos, de forma irônica, **atacando o adversário, mas sem exageros**: “Eu pensei que tivesse vindo discutir políticas nacionais aqui!”(BAND JORNALISMO, 2018), ou seja, afirmou que a conduta do adversário não foi propositiva. Depois responde as indagações afirmando que a Val não é funcionária fantasma, que houve equívoco do veículo de comunicação, pois

ela estava de férias, conforme divulgado no Diário Oficial, no período em que foram investigá-la. Quando aos imóveis, afirma que o Ministério Público já o investigou que Janot já disse que os imóveis são compatíveis com sua renda de parlamentar. Ao final, declara: “sou uma pessoa humilde como outra qualquer me orgulho, sim, da minha honestidade”(BAND JORNALISMO, 2018), mostrando-se **ao lado dos oprimidos**. Continua: “e não dos atos de invadir propriedade privada dos outros que sempre trabalhou e suou muito para conseguir aquele patrimônio e vai alguns desocupados invadir e levar terror na cidade”(BAND JORNALISMO, 2018). Conseguiu **atacar o adversário, mas sem exageros**, em quase toda a sua fala, mas ao final **atacou de forma exagerada o adversário**, afirmando que ele “levava terror”. Na tréplica, inicia com **frase de efeito**: “eu teria vergonha se eu tivesse invadido a casa dos outros”(BAND JORNALISMO, 2018). Explicou que o auxílio moradia é legale que sua imoralidade era outra história. Não usa todo seu tempo e encerra **atacando o adversário, de forma incisiva, quase exagerada** “dizendo que não iria debater com um cidadão desqualificado como esse”(BAND JORNALISMO, 2018). É o quarto a ser questionado e quem faz a pergunta é Alvaro Dias. Inicia sua resposta **atacando o adversário**, dizendo que com relação ao salário injusto das mulheres “é mais um rótulo que colocam na minha conta. O PT é o partido que mais me ataca nessa área. Ficaram trezes anos e nada decidiram” (BAND JORNALISMO, 2018). Sobre mortalidade infantil, aponta como sendo uma das soluções o saneamento básico, contudo, **sem aproveitar a oportunidade para, ao menos, mostrar-se de modo eficaz ao lado dos oprimidos**. Novamente **ataca o adversário, mas sem exageros** quando afirma que possui projeto de lei que propõe castração química voluntária aos estupradores com progressão de pena, mas que lamentavelmente a bancada feminista esquerdista de opõe. Encerra com uma **frase de efeito**: “tem muito local mulher que ganha mais do que homem. Deveríamos então lutar para diminuir o salário dessas mulheres competentes?” (BAND JORNALISMO, 2018). É **extremamente simples e objetivo** em suas respostas, contudo, **compromete algumas vezes a clareza** na explicação de suas propostas devido a algumas faltas nexos. Na tréplica, diz que não é necessário continuar o embate, pois já chegaram em um acordo e que o Estado não deve interferir nessas questões, uma vez que, como já é possível verificar em muitos concursos públicos, a mulher já está se saindo melhor que os homens, que em breve é o homem que buscará se igualar as mulheres. É possível afirmar que essa última declaração tem

características de uma **frase de efeito**. É **extremamente simples e objetivo**, demonstrando **mais clareza** em suas explicações. É o sexto a questionar e escolheu o candidato Alvaro Dias para respondê-lo. Questiona de modo amigável sobre o seu projeto para abrir as contas do BNDES. Na réplica, concorda com Alvaro e até o parabeniza, de forma **não muita clara e objetiva, apesar de utilizar palavras simples**, explica o porquê, **tornando ineficaz sua provável tentativa de associar sua eventual vitória à esperança**.

No terceiro bloco, comenta a resposta de Alckmin à questão do jornalista Rafael Colombo sobre segurança pública. Ele afirma:

[...] a violência só cresce no Brasil exatamente porque há uma equivocada política de direitos humanos. O Policial Civil, em especial o Militar, nunca foram tão desvalorizados, não tem uma retaguarda jurídica para poder cumprir o seu dever. O cidadão de bem, esse foi desarmado por ocasião do referendo de 2015, apoiado inclusive pelo partido do senhor ex-governadore o bandido continua muito bem armado (BAND JORNALISMO, 2018).

Atacou o adversário, mas sem exageros, mostrando-se ao lado dos oprimidos. Finalizou sua fala associando **sua eventual vitória a esperança**: “nós devemos fazer com que a vontade popular, por ocasião do referendo, se faça presente em nosso meio e o cidadão possa comprar armas de fogo para sua legítima defesa”(BAND JORNALISMO, 2018). Bolsonaro é **extremamente claro, simples e objetivo durante toda a sua resposta**. Depois é escolhido por Fabio Pannunzio para responder sobre investimento na educação pública. Concorda com os apontamentos do jornalista e diz que devemos investir mais em educação básica. Menciona os colégios militares como forma de resolver o problema devido ao seu rigor disciplinar e grau de exigência intelectual para a formação dos alunos. Aponta o problema da violência sofrida pelos professores na sala de aula **atacando o adversário, mas sem exageros**: “o que aconteceu ao longo do tempo? Retiraram a autoridade do professor em sala de aula... 70% dos professores já foram agredidos física ou moralmente por alunos ou pais de aluno” (BAND JORNALISMO, 2018). Conclui **associando sua eventual vitória à esperança** com a seguinte fala: “então eu entendo que restabelecendo a autoridade e invertendo essa pirâmide de gastos, nós podemos atingir o objetivo final que é dar uma educação de qualidade para a garotada do Brasil”. Na réplica, reconhece os méritos do partido de Ciro para melhorar a educação no Ceará, mas lembra que quem iniciou essa valorização do

ensino foi um integrante do ITA. Diz que conversou pessoas do exército e afirma “que nós devemos, sim, fazer um colégio militar em cada estado cuja capital não o tenha”(BAND JORNALISMO, 2018). “Aqui em São Paulo Boechat pretendemos fazer o maior colégio militar do Brasil”(BAND JORNALISMO, 2018). Finaliza **atacando o adversário, mas sem exageros e associa sua eventual vitória à esperança:**

[...] agora, a questão do chicote não existe, se me desculpa aqui, mas isso não existe, tá?! Nenhum pai, nenhuma mãe quer tirar o filho de lá e eu conversei com muitos pais e muitas mães. Fui lá, fui em Anápolis também, fui no estado de Manaus, nenhum pai quer tirar o filho de lá, a fila é enorme. Entendo que com hierarquia e disciplina e sem chicote chegaremos lá” (BAND JORNALISMO, 2018).

É claro simples e objetivo durante toda a sua fala.

No quarto bloco, é o terceiro a perguntar e escolhe Cabo Daciolo. **A pergunta é ataque ao adversário, mas sem exageros, com traços de frase de efeito:**

[...] nós estamos num teatro, nós sabemos que, por ventura, qualquer um que venha ganhar as eleições vai se reunir lá nos porões do jaburu com os líderes partidários e ratear o Estado: Ministério pra um, Secretaria, Estatal para outro, Diretoria de Banco pra outro. Essa forma de fazer governar, você acha que pode dar certo, Daciolo? (BAND JORNALISMO, 2018).

Na réplica, **ataca o adversário, mas sem exageros de forma extremamente clara, simples e objetiva ao mesmo tempo em que associa eventual vitória do adversário ao medo:**

[...] alguém que está em casa por acaso sabe o nome do Ministro da Educação? Da Saúde? Da Ciência e Tecnologia? Não! Sabe por quê? São pessoas insignificantes, que são colocadas lá para trabalhar para o partido político. É igual o candidato aqui que fez coligação com “N” partidos, caso ele chegue lá, sabe o que vai acontecer? Ele apenas ocuparia a cadeira do Temer. O resto dos Ministérios estão todos loteados e irá continuar fazendo aquilo que todos fizeram ao longo de 30 anos (BAND JORNALISMO, 2018).

Encerra com uma **frase de efeito:** “o único que pode romper essa barreira, o Establishment, a Máquina, o Sistema é Jair Bolsonaro. Nós temos moral e honestidade para cumprir essa missão”(BAND JORNALISMO, 2018).O candidato é escolhido por Ciro Gomes para responder sobre o problema dos 63 milhões de

brasileiros que estão no SPC. Inicia **atacando o adversário, mas sem exageros ao mesmo tempo em que se demonstra ao lado dos oprimidos** dizendo que:

[...] para deixar bem claro: muita gente honesta entrou no Serasa, no SPC porque acreditando na política do PT, acreditando que o emprego viria, ou que não perderia seu emprego. Veio a corrupção, veio a roubalheira e aqueles que compraram uma geladeira, uma máquina de lava-roupa até mesmo um ferro elétrico teve que devolver (BAND JORNALISMO, 2018).

Finaliza de forma irônica **atacando o adversário, mas sem exageros dizendo:**

[...] tem gente então honesta que tá no SPC, mas tem muito, muito bandido também. Eu desconheço aqui o volume, eu acho que talvez até Vossa Senhoria desconheça o volume também, que desse pessoal 63 milhões que deve no SPC, eu acho que equivale aí com toda certeza quase um PIB do Brasil isso eu tô curioso, eu quero saber também como você vai tirar essas pessoas do SPC. Eu acho que não vai ser botando dinheiro e nem dando uma canetada até porque nós não teríamos dinheiro para isso. Tô ansioso para aguardar a tua resposta (BAND JORNALISMO, 2018).

Foi o tempo todo claro, simples e objetivo. Na tréplica, de forma debochada, **ataca o adversário, mas sem exageros:** “é uma conta bilionária, realmente se o Ciro conseguir fazer aí, você vai ser um Santo aqui”(BAND JORNALISMO, 2018). Após, **associa eventual vitória do adversário ao medo:**

[...] mas olha só: no Brasil tem muita coisa a ser feita, sem honestidade, sem realmente colocar gente decente ao teu lado para governar o Brasil, a gente vai continuar vivendo esse monte de coisa que nós estamos vivendo aqui. Não dá mais para acabar as eleições, lotear os cargos para os amigos que entrar em sua coligação para eles cuidarem do futuro de si e não do Brasil (BAND JORNALISMO, 2018).

Finaliza **atacando o adversário, mas sem exageros:** “Boa sorte, Ciro! Deus ti ajude, pois eu confesso que eu não tenho como pagar a dívida de uma forma tão simplista como você está propondo”(BAND JORNALISMO, 2018). **É simples, claro e objetivo.**

No último bloco Bolsonaro é escolhido por Sergio Amaral para comentar a resposta de Marina sobre o que fazer para melhorar a competitividade dos produtos brasileiros. Todo seu comentário é basicamente **atacando o adversário, mas sem exageros** afirmando que o Ministério dos Transportes é um dos Ministérios mais corruptos e que isso reflete no comércio. Fala que devemos investir em infraestrutura

com parcerias com as empresas privadas “devemos acabar com a indústria da multa, é um vexame o que acontece na indústria da multa é um vexame só!”(BAND JORNALISMO, 2018). Afirma que irá rever os preços abusivos dos pedágios que são um absurdo. Depois Lana Canepa escolhe o candidato para responder sobre a questão dos privilégios de agentes públicos com comentário de Boulos. Usa todo o tempo para se defender e defender os militares que usa metade do dinheiro a que tem direito e que o auxílio moradia que ele utiliza está lei. Sobre a questão das filhas de militares, lembra que isso já extinto desde de 2000, contudo ainda existem aquelas que possuem o direito adquirido antes dessa mudança.

Agora, cortar privilégio de militares, que privilégio? Se nós não temos fundo de garantia, não temos hora extra, não temos direito a adicional noturno não temos direito a absolutamente nada. Nós trabalhamos em média 60, 70 horas por semana e não ganhamos nada além disso. E o militar é uma categoria à parte, está à disposição do chefe da nação do seu povo, 24h por dia e isso é uma grande realidade, vamos tentar agora substituir essa terceirização colocando capitão do exército como presidente e um militar como vice (BAND JORNALISMO, 2018).

Foi claro, simples e objetivo em todo seu discurso. Após, ganhou direito de resposta: Inicia afirmando que é bom para explicar um pouquinho da sua vida. Relembra sua jornada na vida pública, que ficou por 17 anos no exército, foi diplomando vereador assim que saiu, não foi expulso e nem jogou bomba em lugar nenhum como afirmam certas acusações que já foram arquivadas. Encerra fazendo um **ataque incisivo ao adversário**, dizendo que “colocar bomba, colocou a tua ex-chefe, ex-presidente Dilma Rousseff que matou gente inclusive”(BAND JORNALISMO, 2018). E encerra dizendo que é capitão do exército com muito orgulho.

Sua última fala só tem um que pode realmente mudar o destino do Brasil esse chama-se Jair Bolsonaro. **Foi uma grande frase de efeito:**

[...] nós precisamos de um presidente honesto que tenha Deus no coração, que seja patriota e seja independente para, pelo exemplo, governar esse grande país. Um presidente que honre e respeite a família que trate com consideração crianças em sala de aula, não admitindo ideologia de gênero, impondo o Escola Sem Partido. Um presidente que não dívida homos e héteros, pais e filhos, nordestinos e sulista, branco e negros, ricos e podres. Um presidente que deixe para traz o comunismo e o socialismo, que sepulte o Foro de São Paulo, que faça comércio com mundo todo, não mais com o viés ideológico, que pratique sim o livre mercado. Um presidente que jogue pesado na questão da insegurança pública para que as mães possam voltar a sorrir sem mais temer se seu filho vai chegar vivo em casa ou não.

Precisamos de um presidente que, acima de tudo, tenha palavra. Brasil acima de tudo, Deus acima de todos! (BAND JORNALISMO, 2018).

Dos candidatos analisados, Bolsonaro foi o que mais usou e transpareceu emoção em sua performance durante o pleito. Oscilou entre o nervosismo e a tranquilidade, apresentando momentos de maior agressividade e combatividade com momentos de humor, ironia e sarcasmo. Foi também o candidato mais polarizador, tanto é que a estratégia mais prevalente foi o ataque ao adversário. Por essas razões sua fala tem um tom de apelo mais emocional que racional, além disso é o candidato que usa mais frases de efeito. Diante de alguns questionamentos disse que não sabia o que fazer ou que não tinha proposta. Em suma, diante dessas características é possível inferir que os sentidos produzidos foram força, honestidade, veracidade, um candidato com diferencial, ao mesmo tempo em que transpareceu inexperiência e desqualificação.

Ciro Gomes

No primeiro bloco, foi o sétimo a falar. Cumprimenta a todos: “Boa noite à família brasileira, que apesar de já estar muito tarde para os trabalhadores ainda está com paciência para nos assistir” (BAND JORNALISMO, 2018), é possível dizer que tentou se mostrar **ao lado dos oprimidos**, uma vez demonstrou empatia a classe que esforçar-se diariamente para uma vida digna, apesar dos percalços. **Associa sua eventual vitória à esperança**: “Eu tenho a proposta de gerar no primeiro ano de governo, enquanto a gente cuida das reformas estruturais, 2 milhões de empregos” (BAND JORNALISMO, 2018). Afirma que o caminho é desestrangular os motores da economia, como por exemplo, o consumo das famílias, **associando, mais uma vez, sua eventual vitória à esperança**: “hoje o Brasil tem 63 milhões de pessoas com o nome sujo no SPC, eu vou ajudar a pagar essas dívidas e a limpar o nome dos brasileiros para que eles voltem a consumir” (BAND JORNALISMO, 2018). Depois fala do empresariado brasileiro que está colapsado e endividado, utiliza termos mais técnicos para dizer como irá resolver esses problemas, talvez pelo público a quem se dirija nesse momento, **não apresentou de forma simples sua proposta**. Depois disse que irá retomar as obras públicas paradas para gerar milhões de empregos, **associando, novamente, sua eventual vitória à esperança**. Tentou ser objetivo em todas as propostas, porém a **quantidade das soluções**

apresentadas e o excesso de dados apresentados, comprometeram a objetividade de sua resposta, em alguns momentos **não foi simples devido à utilização de termos técnicos, apesar de ter tentado ser claro na apresentação de suas ideias fazendo analogias.**

No segundo bloco, é o segundo a questionar e dirige sua fala ao Alckmin. Inicia amenizando a possibilidade de qualquer ataque mais incisivo e **associa a eventual vitória do adversário ao medo**, perguntando se o candidato pretendia continuar a Reforma Trabalhista, que seu partido defende, mesmo com todas as mazelas que ela trouxe para povo. Na réplica, novamente tentou ser objetivo em todas as propostas, porém a **quantidade das soluções apresentadas e o excesso de dados apresentados, comprometeu a objetividade** de sua resposta, em alguns momentos **não foi simples devido a utilização de termos técnicos, apesar de ter tentado ser claro na apresentação de suas ideias fazendo analogias.**

No terceiro bloco, o quarto a responder foi o candidato. A pergunta foi do jornalista Fabio Pannunzio, com comentário de Geraldo Alckmin. Inicia propondo uma nova reforma **sendo simples, claro e objetivo**: “vou propor uma nova Reforma Trabalhista que corrija as imperfeições da legislação que é antiga, mas, por exemplo, os abusos da Justiça do Trabalho”(BAND JORNALISMO, 2018). Depois, continua o raciocínio **atacando o adversário, mas sem exageros**: “mas essa que foi feita aí é uma selvageria! Que agravou dramaticamente a insegurança e o medo da imensa maioria povo brasileiro”(BAND JORNALISMO, 2018).Após, contextualiza a situação do país, **de forma simples, mas sem muita objetiva e clareza, pois, principalmente na frase final faz uma afirmação vaga.**

[...] vou lembrar: 32 milhões de brasileiros na informalidade, correndo do “rapa”, vivendo de bico, sem nenhuma proteção. 13 milhões e 700 mil brasileiros desempregados, mais 11 milhões de garotos que “nem nem”, que nem estudam, nem trabalham. Não é introduzir insegurança jurídica e insegurança econômica (BAND JORNALISMO, 2018).

Faz **tentativa de frase de feito, pois faltou complementar a ideia**: “nenhum lugar do mundo resolveu o seu problema assim”(BAND JORNALISMO, 2018). Dá exemplos a fim de defender sua ideia, contudo **sem clareza e simplicidade devido a utilização da palavra aviltando**: “eu lembro de novo: a China já paga salário-hora maior do que o Brasil, a Alemanha é o país mais competitivo do mundo e não foi aviltando salário”(BAND JORNALISMO, 2018).**Mostra-se ao lado dos oprimidos:**

“a gente tem que fazer uma reforma que proteja o trabalhador, que proteja, na luta do mais fraco contra o mais forte, aquele lado mais fraco. Essa é a maior verdade”(BAND JORNALISMO, 2018). **Apresenta uma fala com problemas de clareza, simplicidade e objetividade:** “a Previdência: esse sistema que tá aí é irreformável, porque a nossa população envelheceu e essa brutal quantidade de pessoas na informalidade simplesmente evadiu-se de qualquer financiamento na previdência” (BAND JORNALISMO, 2018). **Associa sua eventual vitória à esperança e a, do adversário ao medo, bem como ataca o adversário, mas sem exageros:**

[...] portanto nós temos que propor um novo modelo de previdência, a reforma que o Temer fez com toda a selvageria, obrigar um professor trabalhar 49 anos e que o PSDB apoiou, essa reforma não resolve nada, economizaria 360 bilhões em dez anos. Eu proponho um novo regime de capitalização e vou propor, ao longo da campanha, como se fazer a transição (BAND JORNALISMO, 2018).

De modo geral, poderia ter sido mais objetivo e claro, seu discurso além de denso, por vezes pecou pela falta conexões entre suas ideias. Na réplica, iniciou mostrando-se **ao lado do dos oprimidos:** “Um trabalhador rural no Brasil, tem como idade mínima 65 anos, só quem não conhece o Vale do Ribeiro em São Paulo pode defender uma selvageria dessa” (BAND JORNALISMO, 2018). Depois continua a **mesma estratégia** apontando outros exemplos:

[...] mas no Nordeste semiárido, no Sertão, que eu conheço bem; no fundão da Amazônia que eu conheço bem; na metade sul, do Rio Grande do Sul que eu conheço bem; no Vale do Jequitinhonha, Mucuri que eu conheço bem, nas Minas Gerais, isso é uma abominação! (BAND JORNALISMO, 2018).

Tenta associar sua eventual vitória à esperança, mas fracassa devido à falta de simplicidade e clareza com a seguinte frase:

[...] o Brasil precisa celebrar um regime de capitalização, porque a capitalização é que vai permitir uma poupança e a proposta que eu tenho zera, estabelecendo um teto único para o trabalhador da iniciativa privada e para o trabalhador do serviço público (BAND JORNALISMO, 2018).

Finaliza ressaltando que só poderão ser retirados os privilégios, mas que a lei não poderá retroagir. O jornalista Pannunzio novamente escolhe Ciro, mas agora

para comentar a pergunta sobre educação que ele formulou para Bolsonaro responder.

77% das escolas básicas do Brasil são no meu estado, no ceara e é um dos estados mais pobres do país, de cada quatro alunos do ensino médio no ceara um já está em escola profissionalizante em tempo integral, que é o legado de Leonel Brizola que é do meu partido de Anísio Teixeira e Darci Ribeiro e nós vamos universalizar. E o ceara mesmo juntando a iniciativa privada ganha quarenta de cada cem vagas do ITA, que é o vestibular mais difícil, ou do IME, Instituto Militar de engenharia Jair e isso nós não precisamos colocar a lei do chicote brabo dentro das escolas e evidente que eu concordo que é preciso respeitar os professor que há muita demagogia nesse assunto,mas o que resolver mesmo, se me permitir dois segundos é a mudança do padrão de ensino substituir decoreba por ensinar o aluno a pensar e reforçar o orçamento, sem reforça o orçamento não há educação que preste (BAND JORNALISMO, 2018).

No quarto bloco, é escolhido por Marina para responder sobre questões relativas à transposição do Rio São Francisco. Começa elogiando a candidata que atuou ao seu lado durante concessão da licença para início da obra e que, de acordo com ele, “inacreditavelmente, daquela época para cá, ainda não terminou. Falta 3% e é uma das 7.300 obras paradas que eu vou começar imediatamente tão logo desvencilhe algumas coisas de burocracia”(BAND JORNALISMO, 2018), **atacando o adversário**. Continua tentando **associar sua eventual vitória à esperança, sem ser muito simples, claro e objetivo afirmando** que:

[...] há um compromisso solene ali que é fazer a revitalização do São Francisco que eu comecei, por exemplo o município de Pirapora não tinha nem sequer projeto de saneamento básico, o rio das velhas, era o maior poluidor do rio São Francisco e nós trabalhamos em toda essa agenda interativamente com a turma do Ministério do Meio Ambiente e interativamente com as autoridades dos municípios, enfim (BAND JORNALISMO, 2018).

Já encaminhando seu discurso para o final faz uma fala que **não é clara, nem simples nem objetiva**: “e assim será o meu governo: nós vamos lançar a infraestrutura do país, mas sempre tendo atenção clara como foi possível trabalhando juntos com seriedade que não é possível fazer as coisas acontecerem sem o cuidado com o futuro” (BAND JORNALISMO, 2018). Cita exemplos de obras inacabadas e afirmar categoricamente **associando sua eventual vitória à esperança**: “tudo isso nós vamos terminar” (BAND JORNALISMO, 2018). Na tréplica, assim como Marina também fala do problema que é a falta de revitalização do Rio, pois mais de 100 municípios sofrem com o esgoto que é jogado diretamente

no Rio de Janeiro que ele foi responsável por iniciar essa obra e que se eleito irá retomá-la dizendo que a continuação de obras paradas será a sua prioridade, pois além de melhorar a qualidade de vida das pessoas gera emprego. Nessa fala, **Ciro usou a mesma estratégia de Marina de associar sua eventual vitória à esperança, contudo, estendeu a todo povo brasileiro melhorando sua eficiência e eficácia.** Depois, é escolhido por Daciolo para responder sobre o Foro de São Paulo e o plano URSAL. **Inicia atacando o adversário, mas sem exageros de forma clara, simples e objetiva:** “meu estimado Cabo eu tive muito prazer em conhecê-lo hoje pelo visto o amigo também não me conhece. Eu não sei o que é isso, não fui fundador do Foro de São Paulo e acho que tá respondido”(BAND JORNALISMO, 2018). Na tréplica, **novamente ataca o adversário, mas sem exageros:** “democracia é uma delícia, é uma beleza! Dei a vida inteira e continuarei dando, mas ela tem certos custos”(BAND JORNALISMO, 2018). Aproveitou o restante do tempo para falar sobre suas propostas para o desenvolvimento:

[...] uma: ajudarei os brasileiros que estão aos 63 milhões deles endividados no SPC, vou ajudar a pagar a dívida e restaurar o consumo das famílias. Dois: consertarei, apoiarei o esforço do desfazimento do cartel que hoje cobra de quem trabalhar e produz no Brasil a maior taxa de juros do mundo, na ponta. Três: vou consertar as contas públicas para dizer de onde o dinheiro para gente transformar o Brasil, não digo na primeira, mas na quinta, na sexta economia do mundo que eu já vivi. Quatro: vou celebrar uma política industrial e de comércio exterior na área de petróleo, gás, bioenergia, complexo industrial da saúde, complexo industrial da defesa, complexo industrial do agronegócio, começando com a construção civil (BAND JORNALISMO, 2018).

Comprometeu um pouco sua estratégia de associar sua eventual vitória à esperança, pois, apesar de ter sido simples, poderia ter sido mais claro em alguns momentos, pois falou de economia de forma um pouco mais técnica, também poderia ter sido mais objetivo. **Ciro Gomes mostra-se ao lado dos oprimidos** quando pergunta a Bolsonaro sobre o que ele pretende fazer para retirar da humilhação que 63 milhões dos brasileiros passam ao ter seu nome no SPC. Na réplica, afirma que não está preocupado com quem foi o responsável por essa “tragédia”, “de fato, da Dilma pra cá o Brasil tá descambando todo o dia”(BAND JORNALISMO, 2018). Fala que tomou posição de forma muito clara, embora:

[...] tenha defendido seu mandato contra o golpe, na medida em que um presidente deve ter a estabilidade no seu mandato a não ser que seja ladrão, e nem a oposição mais violenta acusou a Dilma de ser ladra, o que

acusaram ela foi de um truque contábil que todos os presidentes fizeram (BAND JORNALISMO, 2018).

Nessa fala **ataca o adversário, mas sem exageros**. Continua indo mais objetivamente a questão principal **associando sua vitória à esperança e mostra-se ao lado dos oprimidos**:

[...] mas deixa eu dizer Jair: a dívida é grande fato de soma de todos os 63 milhões, mas repare bem, a média é de 1.400 reais por pessoa. Se acha que não dá para pegar um conjunto de providências e ajudar essas pessoas financiando em outros prazos negociando com os titulares desses créditos que botaram aí juros, correção monetária, abusos. Eu sei fazer, vou permitir que todos possam duvidar, mas vou dar os detalhes (BAND JORNALISMO, 2018).

Encerra com uma **frase de efeito**: “Fique tranquilo! Eu vou tirar o seu nome do SPC”(BAND JORNALISMO, 2018).

No último bloco, Ciro Gomes é escolhido por Colombo para responder questões relacionadas ao déficit fiscal e o pedido do Supremo para aumento salarial com efeito cascata, com comentário de Alvaro Dias. Inicia demonstrando-se **ao lado dos oprimidos** com o seguinte discurso: “pedir reajuste salarial, numa hora como essa, me parece algo, para usar uma palavra respeitosa para as instituições, uma imprudência profundamente acintosa do estado de sofrimento e humilhação porque passam os milhões de desempregados pelo que fogem do “rapa das ruas envolta das cidades”(BAND JORNALISMO, 2018) que fazem bico e que estão tentando ainda “levar para casa alguma coisa decente para sustentar seus filhos”(BAND JORNALISMO, 2018). **Ao final não é claro, nem simples, nem objetivo fazendo cálculos complicados de despesas públicas, comprometendo toda a sua fala**. Na réplica a Alvaro Dias, **ataca o adversário, mas sem exageros**, dizendo o juiz Sergio Moro recebe auxílio moradia mesmo tendo apartamento na cidade onde ele trabalha. Depois **associa sua eventual vitória à esperança** afirmando que: “o déficit brasileiro tem saído e eu me comprometo, se me deixarem trabalhar a resolvê-lo em 24 meses, porque tecnicamente é perfeitamente praticável”(BAND JORNALISMO, 2018). Após, fica **ao lado dos oprimidos** com o seguinte discurso: “o Brasil tem a possibilidade de diminuir os impostos sobre o povão, população trabalhadora e a classe média e aumentar os impostos para os ricos para se definir de que lado você tá”(BAND JORNALISMO, 2018). **Ao encerrar o discurso**

compromete um pouco a sua tentativa de mostrar-se ao lado dos oprimidos, pois não é muito simples, claro e objetivo:

[...] só o Brasil e a Estônia, um pequeno país do leste europeu, não cobra o tributo sobre lucros e dividendos da classe empresarial. O imposto sobre a herança das grandes fortunas, no Brasil é 4%, por aí afora o mínimo, 29%. E o Brasil tem 354 bilhões de renúncia fiscal para frações do Baronato brasileiro, enquanto falta educação, saúde e segurança para o conjunto da sociedade (BAND JORNALISMO, 2018).

O candidato comenta a resposta de Meirelles ao jornalista Sergio Amaral sobre burocracia para liberação de medicamentos. Inicia **tentando associar a eventual vitória do adversário ao medo de uma forma nenhum pouco clara ou simples, pois usou muitos termos e conceitos técnicos**. Depois faz mais uma tentativa de **ataque ao adversário, mas sem exageros**, mais bem-sucedida dizendo que o candidato Bolsonaro queria aprovar de forma rápida uma nova droga que, apesar da incompetência, a Anvisa demora seis anos para aprovar, contudo seu objetivo é resguardar a saúde do povo.

Nas considerações finais, Ciro Gomes pede licença para pedir desculpas sobre um equívoco que cometeu ao falar do juiz Sergio Moro. Diz que irá combater os privilégios e que ele dá o exemplo para isso. Agradece a emissora e os telespectadores e **encerra com frases de efeito, associando sua eventual vitória à esperando e mostrando-se ao lado dos oprimidos:**

[...] se você acha que Brasil mudar, nós estamos juntos nessa batalha! Eu tenho uma ideia, um projeto, um sonho de servir ao e vou começar com o compromisso de restaurar a questão econômica gerando 2 milhões de empregos logo no primeiro ano. Vou fazer você ser apoiado e ajudado se estiver com nome sujo do SPC, vou lhe ajudar a tirar seu nome sujo e ao longo da campanha, irei lhe demonstrarei como objetivamente isso não é tão complicado de fazer. Pretendo, inclusive, reforçar a questão da saúde das contas públicas para retomar o desenvolvimento (BAND JORNALISMO, 2018).

Disse que o eleitor não deve se preocupar em decidir seu voto agora e que deve com calma analisar se são coerentes em seu discurso.

Ciro foi o candidato que menos apresentou expressão sisuda. Na maior parte do tempo se demonstrou seguro, tranquilo, com autocontrole gesticulando bastante, dando um ar agradável à sua performance. Demonstrou afetividade para com seu eleitorado, principalmente aos seus conterrâneos. As estratégias mais utilizadas por

ele foram associar eventual vitória à esperança e demonstrar-se ao lado dos oprimidos, contudo nem sempre foi claro, simples e objetivo, trazendo muitas informações de forma muito rápida, por vezes de maneira técnica prejudicando a eficácia das outras estratégias. As impressões que passou durante sua performance foi de competência, qualificação e credibilidade

6 ANÁLISE DO DEBATE NO 1º TURNO (TV GLOBO)

6.1 Descrição do debate

Foi transmitido dia 05/10/2018, pela emissora Rede Globo, com mediação do jornalista William Bonner. O candidato Jair Bolsonaro não compareceu pôr à recomendação médica, devido à facada que recebeu durante ato de campanha em setembro, na cidade de Juiz de Fora.

A ordem dos candidatos foi escolhida por sorteio. Respectivamente: Alvaro dias, Ciro Gomes, Henrique Meirelles, Guilherme Boulos, Geraldo Alckmin, Marina Silva e Fernando Haddad.

Figura 5 - Ordem e disposição dos candidato no debate da TV Globo



Fonte: Audiovisual disponibilizado no site oficial da emissora TV Globo (2018).

Antes de iniciar o debate William pede que a plateia se mantenha em silêncio para não prejudicar os candidatos, mas antes pede uma salva de palmas para os debatedores.

Ao longo de quatro blocos os candidatos fizeram perguntas entre si, no primeiro e no terceiro com tema livre, no segundo e quatro blocos com temas sorteados por Bonner. A ordem das perguntas já foi sorteada na presença de representantes dos candidatos. Ao final do quarto bloco, cada candidato terá direito a uma mensagem final para o eleitor e ordem também já decidida por sorteio.

Referente ao direito de resposta, o mediador afirma que o candidato que se sentir ofendido ou caluniado, terá seu pedido analisado por William e a produção e, caso concedido, o candidato terá um minuto para resposta.

A dinâmica do debate exigia que os candidatos que tivessem com a palavra se dirigissem a um púlpito.

No primeiro bloco, todos fizeram a pergunta uma vez e tinham que a dirigir para outro candidato que ainda não respondeu. A pergunta tem trinta segundos e a resposta um minuto e meio. Ciro pergunta à Marina, Alckmin pergunta a Fernando Haddad, Alvaro pergunta a Meirelles, Boulos pergunta ao candidato Alckmin, Meirelles pergunta a Ciro Gomes. Fernando Haddad pergunta para Boulos, Marina pergunta para Alvaro Dias.

No segundo bloco, novamente com confronto direto entre os candidatos, agora, com temas sorteados pelo mediador. Boulos escolhe Alckmin para falar de custo Brasil, Marina escolhe Meirelles para responder sobre Reforma Trabalhista. Meirelles pergunta sobre saúde para Alvaro. Este escolhe Fernando Haddad para falar sobre gastos públicos. Alckmin pergunta a Marina sobre transportes. Haddad pergunta Ciro Gomes sobre o meio ambiente. Ciro é o último a perguntar e escolhe o único candidato que sobrou para falar sobre drogas.

No terceiro bloco, o tema das perguntas volta a ser livre e cada candidato pode ser escolhido para responder no máximo até duas vezes. Maria Silva é a primeira a perguntar e escolhe Haddad para responder. Meirelles escolhe Ciro Gomes. Guilherme Boulos pergunta ao candidato Meirelles. Ciro Gomes escolhe Meirelles. Alvaro pergunta para Alckmin. Haddad pergunta a Boulos. Alckmin pergunta a Marina.

No quarto bloco, a dinâmica do segundo bloco se repete. Haddad é o primeiro a perguntar sobre o tema previdência e escolhe Ciro Gomes para responder. Ciro pergunta a Meirelles sobre segurança pública. Meirelles pergunta ao candidato Alckmin sobre políticas sociais. Boulos escolhe Alckmin para perguntar sobre saneamento básico. Alckmin escolhe Alvaro Dias para perguntar sobre educação. Marina pergunta a Boulos sobre impostos. Alvaro escolhe Haddad para falar sobre corrupção.

No final, cada candidato é chamado ao púlpito para a mensagem final de um minuto, a ordem definida por sorteio foi respectivamente: Alckmin, Alvaro, Ciro, Meirelles, Haddad, Marina, Boulos.

6.2 Análise

Ciro Gomes

Foi o primeiro a perguntar e escolheu Marina Silva para respondê-lo. A pergunta de Ciro é basicamente um **ataque ao adversário, mas sem exageros e uma associação da eventual vitória do adversário ao medo**. Após contextualizar de forma objetiva o cenário político das eleições passadas entre Dilma e Aécio, que de acordo com o candidato foi marcada pelo ódio, seguido pelo impeachment da presidente que colocou Temer no poder, “e a pior crise da história do Brasil. Parece que as coisas no Brasil caminham para uma repetição trágica dessa história. Você acha que um presidente eleito nessa mesma circunstância vai conseguir governar, ou será que haverá outro impeachment no Brasil?”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Na réplica, inicia elogiando as sábias palavras de Marina e fazendo um apelo a todos aqueles que ainda não decidiram ainda ou está disposto a mudar seu voto. **Associa eventual vitória do adversário ao medo:**

[...] o que está em jogo aqui não é paixão partidária, o que está em jogo aqui não é ódio muito menos, o que está em jogo aqui, meu irmão, minha irmã, brasileiros, são 13 milhões e 700 mil pessoas desempregadas, 32 milhões de brasileiros saindo de manhã, de madrugada para viver de “bico” desprotegidos de qualquer lei, o que está em jogo aqui são 63 milhões de brasileiros com o nome humilhado no SPC, 63 mil jovens brasileiros foram assassinados nos últimos 12 meses, 60 mil brasileiras mulheres que foram estupradas e nem sequer justiça temos (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Encerra **associando sua eventual vitória à esperança**: “eu acumulei ficha limpa, experiência e tenho um projeto, mas respeito outras forças que estão aqui, mas afirmo a você meu irmão, minha irmã: o Brasil precisa construir um novo caminho”(DEBATE DA GLOBO, 2018). **É claro, simples e objetivo em cada uma das estratégias aplicadas e, apesar de não se encaixar completamente devido à densidade, é possível afirmar que toda a fala de Ciro, na réplica, tem um tom bem-sucedido de frase de efeito, pela força do contexto criado medo versus esperança**. Ciro é escolhido por Meirelles para responder porque “essa história de salvador da pátria sempre termina em tragédia e sofrimento para a população”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Concorda que não existe salvador da pátria e que não é a favor dessa polarização, caracterizando um **ataque ao**

adversário. Contudo boa parte de sua fala é comprometida pela falta de simplicidade, clareza e objetividade. Na tréplica, faz um **ataque ao adversário, mas sem exageros** dizendo que apesar de admirá-lo não considera que sua passagem pelo governo Temer seja um mérito ou algo vantajoso para o seu currículo. Após, comenta alguma de suas principais propostas **tentando associar sua eventual vitória à esperança e mostrando-se ao lados dos oprimidos, contudo compromete um pouco essas estratégias pelo fato de não ter sido claro, nem simples em todos os momentos, apesar de ter sido objetivo.**

No segundo bloco, Haddad pergunta para Ciro sobre a contradição do agronegócio e meio ambiente. Ciro inicia dizendo que tem uma vice que entende muito do assunto que é a sustentabilidade do agro pastoreio do Brasil. Fala sobre o conhecimento sobre o assunto **apontando soluções de maneira técnica, comprometendo a clareza e simplicidade de seu discurso.** Na tréplica o problema persiste, contudo, consegue realizar com sucesso o princípio do **ataque ao adversário, mas sem exageros ao falar do PT e associar a eventual vitória do adversário ao medo** ao falar de Bolsonaro. Ciro pergunta a Guilherme Boulos sobre o problema que há no Brasil com relação as drogas e a prisão de adolescentes que acabam sendo presos com pequenas quantidades de drogas e sendo mortos ou corrompidos dentro da prisão, dessa **forma o candidato consegue se mostrar ao lado dos oprimidos.** Na réplica, **ataca o adversário** falando que quando saiu o resultado das pesquisas muitas pessoas ricas lucraram com a especulação enquanto trabalhador lucra somente 6% dos seus rendimentos deixando o dinheiro na poupança e que isso é um verdadeiro assalto. Encerra **mostrando-se ao lado dos oprimidos** falando sobre os problemas da lei que em vez de recuperar os adolescentes acaba fomentando a indústria dos crimes com esses jovens infratores e que ele irá resolver esse problema.

No terceiro bloco, responde a pergunta de Meirelles sobre creches públicas. Afirma que sua proposta contempla creche em tempo integral para todas as crianças de 0 a 6 anos, em seis anos. Afirma a importância de a criança ser bem assistida durante seus primeiros anos de vida e que isso refletirá no futuro da sociedade. E lembra que nesse contexto de desemprego é importante que as crianças tenham um lugar para que seja atendida suas necessidades básica enquanto a mãe sai para procurar emprego, **associando assim sua eventual vitória à esperança na mesma medida em que mostra ao lado dos oprimidos, contudo o candidato**

poderia ter sido um pouco mais objetivo não tornando tão densa sua fala. Na tréplica, afirma que quando governou o Ceará realizou ações positivas com relação ao assunto e foi eleito o melhor governador do estado: “abria uma creche a cada dois dias de governo”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Afirma que ganhou inclusive prêmio da ONU por redução da mortalidade infantil. Ao final faz um apelo ao eleitor dizendo que se ele fez pelo estado do Ceará ele pode e quer fazer por todo o Brasil. Sua fala foi basicamente **associação de sua vitória à esperando com frases de efeito.** Na sua vez de perguntar, Ciro escolhe Meirelles, mas diz que essa pergunta ele gostaria de fazer ao candidato Bolsonaro. Ele questiona se o candidato acha certo Bolsonaro não estar presente no debate sendo que no mesmo momento ele está dando uma entrevista para outra emissora de televisão, **atacando o adversário, mas sem exageros.** Na réplica, **faz um ataque ao adversário de forma clara, simples e objetiva, com algumas frases de efeito, associando a eventual vitória do adversário ao medo:**

[...] é importante isso brasileiro! O candidato a presidência que tem um candidato a vice que declara que vai acabar com o décimo terceiro e o adicional de férias. Tem o seu economista principal, a quem ele disse que vai consultar porque não entende de economia, dizendo que vai diminuir os impostos dos ricos e aumentar os impostos dos pobres unificando a alíquota do imposto de renda. Chegou a propor a CPMF. E o Bolsonaro quando vê a repercussão dessas coisas todas negam para imprensa. Aqui tem duas coisas: uma mentira, que eu precisava que ele tivesse aqui para que a gente pudesse esclarecer e eu acho que é uma mentira grossa, porque eu já ouvi o Bolsonaro dizendo que o brasileiro tem que optar entre emprego e direitos e apenas o general Mourão, como tosco que é, falou com sinceridade sem ter as habilidades políticas de um mentiroso, não é?! Mas o que me assusta não é só a mentira, o que me assusta é que uma equipe de três pessoas: Bolsonaro, Mourão e Guedes brigando na véspera da eleição. Você acredita que isso vai dar certo?! (DEBATE DA GLOBO, 2018).

No quarto bloco Ciro Gomes é escolhido por Haddad para responder sobre o tema da previdência. Diz que a Reforma de Temer **é injusta e uma grande aberração,** justifica as razões **mostrando-se ao lado dos oprimidos.** Novamente **ataca o adversário, mas sem exageros** dizendo que é essa Reforma que Bolsonaro defende. Encerra **associando sua eventual vitória a esperança,** dizendo que uma outra Reforma precisa ser feita e que não tire nenhum direito adquirido. Na tréplica, aponta de forma detalhada sua proposta para Reforma, **mostrando-se ao lado dos oprimidos, é relativamente claro, simples e objetivo em sua explicação.** Após, pergunta a Meirelles sobre segurança pública. Em sua

fala mostra-se **ao lado dos oprimidos** mencionando as milhares de mortes que acontecem no Brasil sendo que quase todas de jovens, negros ou pessoas da periferia, fala dos estupros das mulheres e lembra que poderia ser com algum familiar seu e que ele tem duas mulheres em sua família que são o seu orgulho e que não são fruto de nenhuma “fraquejada”, **atacando o adversário, mas exageros**. Na réplica, **ataca o adversário, mas sem exageros** falando da emenda de Temer que proíbe o Brasil de investir durante 20 anos em áreas básicas da sociedade. Finaliza **associando sua eventual vitória à esperança** dizendo que se ele for eleito irá acabar com isso para melhorar entre outras coisas a segurança do país.

Na mensagem final, Ciro fala que o Brasil está paralisado devido à crise política e que se os candidatos da polarização vencerem a situação continuará da mesma forma, o Brasil precisa escolher alguém que possa governar o país e fazê-lo sair da crise, “essa divisão não vai fazer o Brasil sair da crise” (DEBATE DA GLOBO, 2018), encerra falando sobre suas competências e pede o voto ao eleitorado. Portanto associa **sua eventual vitória à esperança**, na mesma medida em que **associa a eventual vitória do adversário ao medo**.

Ciro estava sério, apesar de em alguns momentos mostrar bom humor. Aparentava estar desanimado, transparecendo isso nos seus gestos, semblante e tom de voz. Suas falas estavam pessimistas, concentrando suas estratégias na associação da eventual vitória do adversário ao medo, bem como ataque ao adversário. Demonstrou-se preocupado com os rumos do Brasil, demonstrando-se ao lado dos oprimidos. Por vezes, comprometeu a eficácia de suas estratégias com falas densas com conceitos técnicos dificultando a compreensão de seu discurso. Sua performance transmitiu competência, experiência e qualificação.

Marina Silva

A candidata foi a primeira a ser escolhida para responder. Ciro Gomes a questiona sobre o problema da polarização para governar. A resposta de Marina é toda com o intuito de **associar a eventual vitória no adversário ao medo e a sua, à esperança**. Ela inicia afirmando que com essa polarização não é possível governar o Brasil.

Nós temos a oportunidade, agora, de poder fazer a mudança. O voto de uma pessoa pode ser usado para melhorar a saúde, melhorar a educação, melhorar sobretudo o sistema político que está degradado ao permanecer essa guerra, em que alguns estão votando por medo do Bolsonaro, ou, outros que estão votando por medo do Haddad, votando porque tem raiva um do outro. O Brasil vai ficar quatro anos vivendo uma situação de completa instabilidade econômica, política e social. Nós temos a oportunidade agora de fazer a diferença, mas essa diferença é a população que pode fazer (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Até aqui, a candidata consegue ser simples, clara e objetiva, depois, Marina perde objetividade ao repetir ideias e compromete a clareza devido à falta de nexos de algumas partes de seu raciocínio:

[...] nós temos alternativas para poder fazer essa escolha e é por isso que eu tenho me colocado como uma dessas alternativas, porque desde 2010, Ciro, eu estou dizendo que o Brasil ia para essa situação que estamos indo hoje de ódio, de separação. E, nesse momento agora, com as propostas que tenho apresentado para a saúde, eu estou preparada para unir o Brasil, porque graças a Deus tenho dito, desde 2010, que se ganhar, eu vou governar com os melhores porque não tenho preconceito com ninguém (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Na tréplica mais uma vez critica a polarização que dá um caráter plebiscitário as eleições e inicia fazendo um apelo:

[...] no dia sete de outubro você tem a oportunidade de pôr um basta nessa ideia de que a gente vai para a urna para decidir em função do medo ou em função do ódio. Você tem que decidir porque você tem a esperança em um Brasil que seja justo. Não feche as portas para o futuro, nós estamos fechando as portas para o futuro, se continuarmos fazendo a política do medo. É por isso que eu tenho comigo as melhores pessoas para governar o Brasil! Eu tenho a pessoa que realizou o SUS o Plano Real e o Bolsa Família. E é assim que nós vamos governar o Brasil. Com uma equipe competente (DEBATE DA GLOBO, 2018).

É clara, simples e objetiva durante todo seu discurso e, apesar de não se encaixar completamente devido à densidade, é possível afirmar que toda a fala de Marina nessa tréplica, assim como a de Ciro na réplica (fala anterior), tem um tom bem-sucedido de frase de efeito, pela força do contexto criado medo (vitória do adversário) versus esperança (sua vitória). Na sua vez de perguntar Marina escolhe Alvaro Dias e aproveita para se colocar **ao lado dos oprimidos** questionado o candidato sobre “quais os atributos que o vencedor dessas eleições deverá ter para conseguir retirar o povo brasileiro desse sofrimento?”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Na réplica, afirma que os melhores atributos em sua visão é

compromisso para cumprir tudo aquilo prometeu, depois competência para fazer as melhores escolhas e autoridade moral para poder combater a corrupção sem tréguas, **associando assim sua eventual vitória à esperança de forma clara, simples e objetiva.**

No segundo bloco escolhe Meirelles para responder sobre Reforma Trabalhista apontando alguns de seus erros mostrando **ao lado dos oprimidos**. Na réplica, afirma que a reforma é necessária para o trabalhador entrar na legalidade, contudo disse que vai corrigi-la para não cometer os mesmos erros que Meirelles, por exemplo, **atacando o adversário**. Ao final mostra-se **ao lado dos oprimidos e associa sua eventual vitória à esperança de forma clara, simples e objetiva**, apontando alguns de seus problemas afirmando: “eu vou mudar essas atrocidades”(DEBATE DA GLOBO, 2018). A candidata é escolhida por Alckmin para responder à pergunta sobre transportes. Inicia afirmando que sua proposta é que se tenha infraestrutura para o desenvolvimento sustentável, lembrando alguns desafios e projetos que realizou enquanto Ministra. Finaliza dizendo que investirá na melhoria das rodovias, hidrovias e principalmente ferrovias que possuem a grande vantagem de serem mais baratas e sustentáveis. Tudo isso ela fará econômica e socialmente responsável e sustentável. Toda sua fala é no sentido de **associar sua eventual vitória à esperança, porém expõe suas propostas de forma pouco enérgica, comprometendo um pouco sua estratégia**. Na tréplica a Alckmin, comenta de forma um pouco superficial como colocará em prática suas propostas, porém ao final consegue se mostrar **ao lado dos oprimidos** dizendo que pretende resolver o problema das pessoas que acabam ficando muito tempo no trânsito e, por isso, pouco tempo com sua família.

Inicia o terceiro bloco perguntando a Haddad. Começa **atacando o adversário, mas sem exageros**, afirmando que iria fazer a pergunta ao candidato Bolsonaro, mas que mais uma vez ele amarelou e deu uma entrevista a Record, em vez de comparecer ao debate. Sua questão gira em torno da polarização que há nessas eleições e que tem como grande responsável o PT, por isso questiona o candidato qual sua autocrítica diante desse cenário. Na réplica, **ataca do adversário com frase de efeito** lamentando que ele faça uma autocrítica, pois, seu partido “abriu as portas para os pobres, mas só no BNDES o bolsa empresário foi mais de um bilhão. Isso é equivalente a 35 anos de Bolsa Família”(DEBATE DA GLOBO, 2018). **Continua com a mesma estratégia** dizendo que o partido

participou de escândalos de corrupção e que agora o candidato perde a oportunidade de olhar para o povo e pedir desculpas e continua afirmando que Haddad continua elogiando aquilo que foi responsável pela crise que estamos vivendo, diz que não é feio pedir e o que problema deixar o país de lado em prol de projeto de poder. Encerra associando eventual vitória do adversário ao medo afirmando que tanto Bolsonaro quanto Haddad se ganharem vão levar o Brasil para o buraco. Marina é escolhida Alckmin para responder sobre segurança pública. **Associa sua eventual vitória à esperança, de maneira relativamente clara, simples e objetiva.** Na tréplica, responde de **maneira um pouco confusa e superficial ao apresentar algumas de suas propostas.**

No quarto bloco, Marina escolhe Boulos para perguntar sobre impostos. Inicia falando sobre o problema da polarização e que o grande responsável por isso é o PT, pois cobrou muitos impostos e deu em troca péssimos serviços, afirma que ela está concorrendo para dar esperança ao povo e, nesse sentido, pergunta quais as propostas de Boulos para dar retorno dos impostos à população. Na pergunta Marina consegue **usar as estratégias de atacar o adversário, mas sem exageros, e de associar de forma não muito enérgica sua eventual vitória à esperança.** Na réplica, afirma que usará o dinheiro do imposto para educação e saúde, cita exemplos que justificam sua preocupação **mostrando-se ao lado dos oprimidos e associando sua eventual vitória à esperança.**

Encerra sua participação **atacando o adversário, mas sem exageros,** dizendo que não é na força que se governa e se defende das acusações de que seria uma candidata fraca, de que na verdade ela é incompreendida. O que ela quer fazer é unir todos e fazer o Brasil sair da crise. Associando sua eventual vitória, mas sem exageros. **Por vezes, não fala de uma forma muito clara.**

Marina estava com uma expressão facial leve, com uma vestimenta colorida e penteados menos formais aparentando estar à vontade. A fala trêmula e aparência frágil transmitem certa fraqueza ao mesmo tempo e que suas falas demonstram força pela sua história de vida. Apesar de não falar de forma muito enérgica é combativa atacando o adversário e tenta associar sua eventual vitória à esperança. Sua fala demonstra empatia e preocupação com os oprimidos. Marina, às vezes, tem um discurso confuso devido às palavras complicadas e maneira formal de falar. Transmite firmeza e honestidade, apesar de não transmitir muita competência devido às confusões em sua fala.

Geraldo Alckmin

É o segundo a fazer a pergunta e escolhe Fernando Haddad para respondê-la. **Sua fala ataca o adversário, mas sem exageros de forma extremamente clara, simples e objetiva, funcionando praticamente como uma frase efeito:**

[...] nós estamos vivendo no Brasil, o resultado de um grande equívoco na política econômica. O PT acabou gastando mais do que arrecadava. Quem assumir ano que vem já assumi com um déficit de quase 139 bilhões de reais, 13 milhões de pessoas. O candidato vai insistir no modelo petista de governar? (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Na réplica, afirma que discorda completamente e que:

[...] o PT terceiriza a responsabilidade. O PSDB tá fora do governo há 16 anos, o que quê o Fernando Henrique tem que ver com isso? A não ser o fato de que ele fez o Plano Real e o PT votou contra o Plano Real, como o PT votou sempre contra e a favor do corporativismo. Quem escolheu o Temer foi o PT, foi a Dilma. Quem quebrou o governo foi o PT, foi a Dilma quando disse que ia fazer o diabo para ganhar a eleição. Ganharam a eleição dando um golpe no eleitor, porque depois ficou ingovernável o país. E eu não acredito que nem o PT, nem o Bolsonaro vão tirar o Brasil da crise (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Encerra afirmando que devemos unir o país para fazê-lo crescer se a “irresponsabilidade do PT”. **Usou praticamente todo o seu tempo para atacar o adversário, mas sem exageros, associando sua eventual vitória ao medo e foi muito claro simples e objetivo.** Responde à pergunta de Boulos sobre o fato de sua “turma” sempre cortar os direito do povo, em vez de cortar os privilégios dos políticos. Começa fazendo um **ataque ao adversário, mas sem exageros** de forma clara, simples e objetiva:

[...] aqui há uma grande diferença, o Boulos, como o PT, defende o corporativismo e nós, não. A Reforma Trabalhista foi necessária, foi importante para acabar com cartórios, ainda têm 17 mil sindicatos mamando lá no imposto sindical, né. Isso é um absurdo! Nenhum direito foi tirado, nem pode tirar, nenhum. Então é uma inverdade (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Fala que o Brasil precisa de reformas, **acusa novamente o adversário** de ter criado 43 estatais, “inclusive a TV do Lula que custou mais de dois bilhões de reais”(DEBATE DA GLOBO, 2018), enquanto hospitais estão sem verbas, **mostrando-se ao lado dos oprimidos.** Encerra **associando sua eventual vitória**

à **esperança** dizendo que irá fazer reformas e enxugar a máquina pública, para trazer investimos e o país voltar a crescer “o que a população quer é empregos e nós vamos trabalhar para ter emprego na veia”(DEBATE DA GLOBO, 2018). **É claro, simples e objetivo**. Na tréplica, **ataca o adversário, mas sem exageros**, dizendo que Boulos não citou nenhum direito que foi retirado, pois não é possível e diz que nós precisamos falar as coisas verdadeiras. Dá exemplos do porque as reformas são necessárias e que devido as questões tecnológicas nós não podemos ter leis da década de 30. Depois, **ataca o adversário, mas sem exageros**, dizendo que ao contrário do Haddad afirmou “o Temer é responsabilidade do PT”(DEBATE DA GLOBO, 2018), e que o partido é inclusive reincidente já que o escolheu em 2010 e 2014. Continua afirmando que é a terceirização da responsabilidade e que ele nem votou no Temer. Encerra **associando sua eventual vitória à esperança** dizendo que seu governo será do emprego, da renda do desenvolvimento no país.

No segundo bloco, Alckmin é escolhido para responder a questão de Boulos sobre a desoneração que ele dá para os grandes empresários e que significa um valor muito maior do que é investido nas universidades. Inicia se defendendo das acusações e que a Reforma Trabalhista não tira nenhum direito, mas que pretende sim corrigir a questão de a permissão para mulheres grávidas trabalhares em lugares insalubres. Menciona a questão da terceirização, que isso é da economia moderna e que não há nenhum problema quanto a isso. **Ataca o adversário, mas sem exageros** respondendo mais objetivamente a questão do custo Brasil, afirma que o PT criou muitas estatais, “até a do trem bala, que não tem trem, não tem linha, mas tá aí a estatal”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Diz que fará a reforma política como fez em São Paulo e que São Paulo conseguiu, dessa forma, ter superávit, isso tudo diminuindo impostos, inclusive sobre remédios e alimentos básicos, **associando, portanto, sua eventual vitória à esperança, de forma, clara simples e objetiva**. Na tréplica, afirma que irá reduzir cinco impostos e substituí-lo por um só, que é o imposto de valor agregado. Reafirma que fará várias reformas: tributária, política e trabalhista para melhorar a situação do país, de **forma um pouco técnica tornando não muito eficaz sua tentativa de associar eventual vitória à esperança**. Ao final, **ataca o adversário, mas sem exageros**, dizendo que o povo não deve votar nem em Bolsonaro, nem Haddad, porque eles não fazer nada para diminuir o custo Brasil. Depois escolhe a Marina para responder sua questão sobre o transporte. Ele afirma que o Brasil possui muitos problemas de infraestrutura e que

aumentam o custo Brasil, portanto qual seria sua proposta nesse sentido. **Na réplica, fala de suas propostas cometendo o mesmo erro de Marina tentando associar sua eventual vitória à esperança, porém de forma pouco enérgica.**

No terceiro bloco, é escolhido por Alvaro Dias para responder qual sua proposta para mudar o sistema que está vigente. O candidato inicia **atacando o adversário, mas sem exageros** afirmando que “o PT ficou anos no poder e nós vimos o que deu: 13 milhões de desempregados, criminalidade nas alturas, saúde deteriorada, ensino público com o problemas e empresas fechando”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Contudo, continua **atacando o adversário** afirmando que o caminho também não é o radical de direita que não tem a menor sensibilidade e diz que a saúde não precisa de mais dinheiro “como se a população está ficando mais velha e o medicamento mais caro” (DEBATE DA GLOBO, 2018). Quer voltar a CPMF que é um imposto ruim porque tem um efeito em cascata que atinge aos trabalhadores e que não tem sensibilidade com as mulheres. Na tréplica, **ataca do adversário, mas sem exageros** afirmando que o Brasil já tem problemas demais e que devemos escolher um presidente que melhore nossa situação. Se a gente votar nos extremos irá continuar tudo ruim. O Brasil precisa de reforma: reforma política, previdenciária, tributária e de Estado, aponta os problemas e suas soluções, **associando sua eventual vitória à esperança na mesma medida em que associa a eventual vitória do adversário ao medo.** Pergunta a Marina sobre o problema da segurança pública ao mesmo tempo em que **associa sua eventual vitória à esperança** apontando suas ações para melhoria nesse setor enquanto governador. Na réplica, continua falando de seus feitos e diz que salvou 10 mil vidas, caindo a morte de jovens negros e mulheres. **Associando sua eventual vitória à esperança mostrando-se ao lado dos oprimidos.** Encerra apresentando propostas de maneira **relativamente clara, simples e objetiva.**

No quarto bloco, é escolhido por Meirelles para responder sobre o que ele pretende fazer na área de políticas sociais para fazer com que menos pessoas precisem do Bolsa Família. Responde que o único caminho é o do emprego, **dá explicações um pouco técnicas** sobre como fazer isso acontecer e lembra da importância de realizar as reformas. Finaliza dizendo que não irá cortar o Bolsa Família, mas que irá melhorá-lo, **associando sua eventual à esperança.** Na tréplica, fala que pretende dar emprego e casa para quem precisa, **mostrando-se ao lado dos oprimidos.** Após, menciona saneamento básico e salário mínimo para

diminuir a desigualdade, **mostrando-se** novamente ao lado dos oprimidos e associando sua eventual vitória à esperança. É escolhido por Boulos para responder se saneamento é um negócio ou é um direito. Fala que apesar de ainda estar ruim, a situação melhorou. **Apresenta propostas de forma técnica, dificultando a eficácia de sua estratégia em associar sua eventual vitória à esperança.** Na tréplica, **associa sua eventual vitória à esperança se mostrando ao lado dos oprimidos** ao falar que o saneamento é prioridade absoluta, diz que irá investir nessa área o que irá gerar muitos empregos, **novamente fala tecnicamente sobre a forma como irá resolver a questão.** Após, lembra de seus feitos na área da habitação enquanto governador **associando sua eventual vitória à esperança.** Depois escolhe Alvaro para perguntar sobre o problema da inversão de prioridades que tem como característica o pouco investimento sobre educação infantil e o que ele pretende fazer para resolver o problema. Na réplica, **mostra-se ao lado dos oprimidos associando sua eventual vitória à esperança** dizendo que irá zerar a falta de vagas para crianças da primeira idade, além de fazer melhoria para os jovens que ainda não foram para a universidade.

Na fala final faz agradecimentos, pediu votos ao eleitor para que a gente saia dessa triste realidade de polarização de ódio, radicalização, preconceito que vai levar a nada e afirma que ele possui experiência e vontade para ajudar o Brasil. **Associando a eventual vitória do adversário ao medo e de forma pouco eficaz a sua à esperança.**

É o candidato que parece mais se preocupar com a formalidade. Sua vestimenta, postura, semblante e falas demonstram isso. Talvez, por isso, suas investidas em apelos emocionais acabem não sendo muito bem-sucedidas. Foi combativo e atacou o adversário, mas sem exageros. Parecia não estar confiante, demonstrando menos energia em seu discurso. Suas explicações as vezes eram muito técnicas. Sua performance transmitiu experiência e competência.

Fernando Haddad

Foi escolhido por Alckmin para ser o segundo a responder e ele o questiona sobre o problema financeiro deixado pelo PT. Inicia **associando sua eventual vitória à esperança:** “os nossos governos foram responsáveis pela melhor

economia já feita nas finanças públicas do país”(DEBATE DA GLOBO, 2018).

Depois **associa a eventual vitória do adversário ao medo**:

[...] enquanto quem governava era Fernando Henrique Cardoso, partidário do Geraldo Alckmin, a carga tributária dobrou, perdão, a carga tributária aumentou de 26 para 32% e a dívida pública dobrou no mesmo período. Detalhe, a carga tributária aumentou 6% do PIB no “lombo” do trabalhador, imposto sobre consumo (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Novamente associa sua vitória à esperança: “no nosso período, a dívida pública caiu à metade. Nós pagamos o FMI, acumulamos quase 400 bilhões de dólares de reservas cambiais”(DEBATE DA GLOBO, 2018). E encerra **associando a vitória do adversário ao medo**:

[...] o que o candidato Geraldo Alckmin não reconhece é que depois que o seu partido foi derrotado em 2014 e, felizmente um correligionário dele admitiu em entrevista recente, o PSDB se associou ao Michel Temer para sabotar o governo, aprovando as chamadas pautas bomba: gastos desnecessários, aumento para a cúpula do funcionalismo público. Um absurdo! Aumentando, acima do teto, o auxílio dos mais diversos de quem já ganhava bem e foi isso que levou o país a crise e não a política responsável como as políticas públicas que nós fizemos (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Apesar da fala um pouco densa, foi objetivamente na questão, tentando diminuir ou até mesmo neutralizar a tentativa de ataque do outro candidato ao questioná-lo. Contudo teve problemas quanto à simplicidade e clareza de seu discurso, pois, em muitos momentos, usou palavras difíceis e conceito técnicos de economia. Na tréplica, afirma que irá recuperar as finanças públicas, mas não do jeito que o adversário quer cortando direitos **associando a eventual vitória do adversário ao medo**: “você estão cortando direitos do trabalhador, você estão cortando direitos sociais, apoiando o governo Temer”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Depois **ataca do adversário, mas sem exageros**, ao falar dos Ministros indicados por Temer e o fato de que não há representantes do PT indicados por ele, mas há representantes do PSDB. Encerra **mostrando-se ao lado dos oprimidos, associando sua eventual vitória a esperança e a, do adversário ao medo**, dizendo que para acertar as contas públicas “tem que cobrar do andar de cima e não dar privilégio para o andar de cima como você recentemente fizeram aprovando reajuste do judiciário que o funcionário público que mais ganha. E querendo aprovar uma Reforma Previdenciária no “lombo” do trabalhador rural, da

pessoa com deficiência. Isso não se faz! Isso o PT jamais fará!”. **Consegue ser claro, simples e objetivo.** Na sua vez escolhe Boulos para respondê-lo e, logo no início, faz um **ataque aos adversários** dizendo que escolheu Boulos porque ele é sério. De forma pejorativa, citou Bolsonaro, Alckmin e Meirelles como apoiadores de Temer. Afirmou também que Bolsonaro está retirando direitos do povo e prejudicando os mais pobres e pergunta o que o candidato achava disso. Dessa forma, **se coloca ao lado dos oprimidos e associa eventual vitória do adversário ao medo.** Na réplica, ao agradecer os **ataques de Boulos ao adversário, mas sem exageros** usa a mesma estratégia. Fala que foi a democracia que permitiu todos os avanços sociais realizados pelo PT e que sem democracia não é possível continuar melhorando o país porque o povo não terá voz para reivindicar. **Nessa fala Haddad consegue associar a eventual vitória do adversário ao medo, na mesma medida em que associa a sua à esperança e coloca-se ao lado dos oprimidos. Durante toda a sua fala é claro simples e objetivo emitindo algumas frases de efeito.**

No segundo bloco, é escolhido por Alvaro para responder sobre gastos públicos. Alvaro afirma que o governo do seu partido levou o país a crise, quebrou de tanto que roubou, a Petrobras e pergunta objetivamente o que o candidato pretende fazer especificamente sobre a questão última dos acionistas americanos. Haddad inicia atacando **o adversário, mas sem exageros** afirmando que o candidato deveria ter mais compostura nesse debate, pois “não respeita tempo, não respeita seus adversários, não respeita as regras do debate, faz brincadeira com coisa séria, coisa muito séria”(DEBATE DA GLOBO, 2018). Quanto aos gastos público, responde que “o PT foi o primeiro governo que colocou o pobre nos gastos públicos”(DEBATE DA GLOBO, 2018), mostrando-se ao lado dos oprimidos. Mencionou todos os programas e afirma que “o que o senhor imaginar foi feito nos governos nossos, **associando sua eventual vitória à esperança.** Ataca o **adversário associando novamente sua eventual vitória à esperança,** ao afirmar que irá retomar muitas coisas que o adversário destruiu:

[...] nós vamos retomar o crescimento do Brasil, diminuindo os impostos dos mais pobres, para que eles possam voltar a comprar e ativar a economia, gerar empregos. Nós vamos enquadrar os bancos, porque os bancos estão cobrando juros extorsivos da população (DEBATE DA GLOBO, 2018).

Encerra dizendo que fará a reforma fiscal para retomar o crescimento no governo de 2019. É extremamente claro, simples e objetivo, apesar de não ter respondido a pergunta central de Alvaro Dias. Na tréplica, novamente **ataca o adversário, mas sem exageros** dizendo que ele não está situado no tempo e no espaço “o senhor precisa se situar aqui”(DEBATE DA GLOBO, 2018), pois quando o governo do PT assumiu a Petrobras ela passou a valer de 15 milhões para 80 bilhões e questiona “sabe por quê? Porque nós multiplicamos por dez o investimento da Petrobras, sem isso nós jamais acharíamos o pré-sal que foi o passaporte para o futuro”(DEBATE DA GLOBO, 2018), **associando sua eventual vitória à esperança**. Para Haddad o adversário precisa parar de querer vender a Petrobras para outros países. Afirma que continuará investindo na Petrobras para melhorar a saúde e a educação e reitera que ele não deixará o adversário vendê-la. Conclui **atacando o adversário, mostrando-se ao lado dos oprimidos, associando sua eventual vitória à esperança com frases de efeito** falando sobre sua atuação no Ministério da Educação: “você não sonha com o que eu fiz, o governo que você apoiou não fizeram 10% do que eu fiz para o filho do trabalhador entrar na universidade pela primeira vez na história do país”(DEBATE DA GLOBO, 2018). **É o tempo todo muito claro, simples e objetivo**. Haddad pergunta a Ciro sobre a contradição que existe entre agronegócio e meio ambiente. Na réplica, diz que concorda com as ideias de Ciro, **contudo explica de maneira mais clara, simples e objetiva que Ciro**.

No terceiro bloco Haddad responde Marina sobre a autocrítica que o partido pode fazer por ser um dos responsáveis por essa situação de polarização e crise política que o país vive. O candidato diz que está na disputa há poucos dias, mas quem deveria estar em seu lugar é Lula que está preso injustamente e que é considerado por todo o mundo um preso político. Após **associa sua vitória à esperança** dizendo que ele representa um governo que saiu com índices muitos altos de aprovação devido a sua boa gestão, que Lula pensou e ajudou os mais necessitados **mostrando-se ao lado dos oprimidos**. Encerra afirmando que Lula governou para todos e é justamente o que ele pretende fazer no dia primeiro de janeiro: “reabrir as portas do Palácio para todos e, de preferência, para aqueles que mais precisam da ação do Estado. Essa é minha formação de professor e esse é o meu valor maior”(DEBATE DA GLOBO, 2018), dessa **forma associa sua eventual vitória à esperança ao mesmo tempo em que demonstra estar lados dos**

oprimidos lançando frase de efeito. Na tréplica, **ataca o adversário, mas sem exageros**, dizendo que Marina está equivocada, pois ele dá entrevistas em que reconhece sim os erros do PT, contudo ele não rejeita as coisas boas que o partido fez como “gerar 20 milhões de empregos”(DEBATE DA GLOBO, 2018). **Associa sua eventual vitória à esperança** quando fala que ele tem ética, “não existe nada que não seja na minha vida produzir o bem, trabalho e educação”(DEBATE DA GLOBO, 2018). **Mostra-se ao lado dos oprimidos** dizendo que trabalhava 18 horas por dia para poder abrir as universidades para o pobre e que vai fazer agora em relação ao trabalhador desempregado. Depois pergunta ao candidato Boulos o que ele pretende fazer para o ensino médio, uma vez que foi o setor da educação que menos agiu aos estímulos dados. Na réplica, menciona as melhorias que fez para os estudantes do ensino superior, **associando sua eventual vitória à esperança.**

No quarto bloco, escolhe Ciro Gomes para respondê-lo sobre previdência. Fala que a atual Reforma da Previdência que tramita no Congresso é nefasta, pois não diferencia os brasileiros de acordo com a sua realidade, **mostrando-se ao lado dos oprimidos** e pergunta a Ciro qual sua proposta para a Reforma. Na réplica, disse que uma Reforma que olhe as peculiaridades de cada pessoa precisa ser feita para não ser injusta, **associando sua eventual vitória à esperança. Ataca o adversário, mas sem exageros** criticando a reforma de Temer. Finaliza com **frase de efeito mostrando-se ao lado dos oprimidos dizendo que** “o trabalhador e a classe pobre não vão pagar a conta”(DEBATE DA GLOBO, 2018). É escolhido por Alvaro para responder sobre o que ele pretende fazer quanto aos rumos da Lava-Jato. O candidato responde dando exemplos de ele fará o que o partido fez até agora que é combater a corrupção associando sua eventual vitória à esperança, encerra dizendo o que ele não concorda quando há partidização da justiça, fazendo alusão a prisão do ex-presidente Lula. Na tréplica, responde a indagação de Alvaro sobre como o partido que está cheio de líderes presos por corrupção pode garantir que irá combatê-la. Ele diz que pessoas da própria Lava-Jato elogiaram a conduta do partido e citou exemplos de crimes que foram combatidos, **associando sua eventual vitória à esperança.**

Na mensagem final, **mostra-se ao lado dos oprimidos e associa sua eventual vitória à esperança**, falando que seu foco será na educação e no trabalho.

Sua postura e falas são firmes e enérgicas, ao mesmo tempo em que demonstram bastante confiança e tranquilidade. Faz bastante apelo emocional usando a estratégia de demonstrar-se ao lado dos oprimidos. É muito claro, simples e objetivo para falar sobre suas ideias e propostas. Essas características fazem com que frases de efeito sejam muito frequentes em seu discurso. Também usa de forma muito eficaz as estratégias de associar sua eventual vitória à esperança e a do adversário ao medo. Consegue, portanto, transmitir confiança, segurança, competência e qualificação.

7 ANÁLISE COMPARATIVA

De modo geral, não houve muita evolução das performances dos candidatos entre o primeiro e último debate. Alckmin e Marina foram os que apresentaram maior evolução, mesmo que sutis. Alckmin conseguiu falar de um modo um pouco mais claro e usou mais as estratégias de Horowitz (2001), a principal delas foi a de atacar o adversário, mas sem exageros. Marina conseguiu transparecer mais tranquilidade e firmeza. Ciro, apesar de usar mais as estratégias de ataque ao adversário e associação da vitória do adversário ao medo, pareceu estar mais desanimado, sua falta de confiança pode ter refletido negativamente na capacidade de transmitir segurança aos eleitores. Reiterando que não é possível fazer essa análise com o candidato Bolsonaro e Haddad, devido às razões citadas anteriormente.

Seguem por ordem os candidatos que se saíram melhor observando como critério a utilização das estratégias de Horowitz e proposta de análise de Weber: Haddad, Bolsonaro, Ciro, Marina e Alckmin. Abaixo as justificativas:

Haddad: foi o que utilizou com maior maestria todas as estratégias de Horowitz (2001). Seu ponto forte foi mostrar-se ao lado dos oprimidos e falar, de modo claro, simples e objetivo, com apelo emocional. Mostrou-se muito tranquilo, firme e confiante, transmitindo confiança, segurança, competência e qualificação.

Bolsonaro: foi o melhor em usar as estratégias de ataque ao adversário e frases de efeito, também usou, de forma satisfatória, as estratégias de associar sua eventual vitória à esperança e de ser claro, simples e objetivo. No entanto, sua oscilação emocional pode prejudicá-lo um pouco, ao mesmo tempo em que facilita quando o candidato usar estratégias com apelo emocional. Conseguiu transmitir força, honestidade, veracidade e transmitir a ideia de um candidato com diferencial.

Ciro: no primeiro debate seu ponto forte foi associar sua eventual vitória à esperança e demonstrar-se ao lado dos oprimidos, já no segundo exerceu mais o ataque ao adversário e associação da eventual vitória ao medo. Nos dois debates transpareceu certa segurança e tranquilidade. Às vezes não deixava seus discursos e falas muito simples, claros e objetivos. Conseguiu transmitir competência, qualificação e credibilidade.

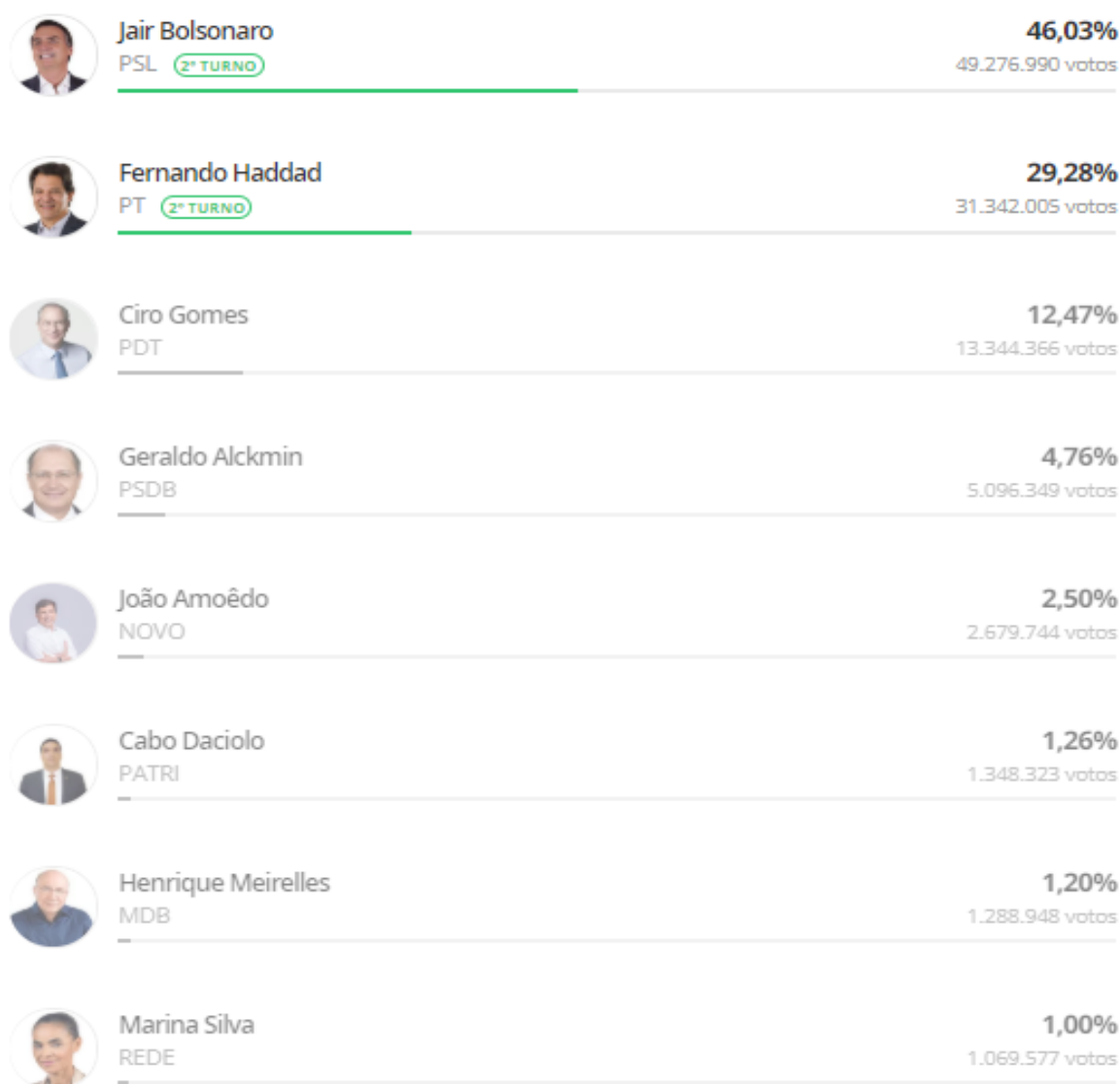
Marina: a estratégia que a candidata utiliza de forma mais recorrente e bem-sucedida é a de mostrar-se ao lado dos oprimidos, apesar da firmeza usada, principalmente no último debate, ao demonstrar-se defensora da ética atacando o

adversário, mas sem exageros, compromete suas investidas em associar sua eventual vitória à esperança por não ser muito e ser confusa na apresentação de suas ideias e propostas. Consegue transmitir honestidade, apesar de não transmitir muita competência devido às confusões em sua fala.

Alckmin: no primeiro debate foi o que menos usou as estratégias de Horowitz (2001), apropriando-se basicamente da estratégia de associar sua eventual vitória à emoção de forma pouco emotiva. No último debate, conseguiu melhorar um pouco e começou a aplicar de forma mais recorrente o ataque ao adversário, mas sem exageros, bem como falou sobre suas propostas e ideias de forma menos técnica. Com perfil discursivo predominantemente racional, consegue transmitir credibilidade e competência, limitando o alcance de identificação por parte do eleitorado, uma vez que apelos emocionais são muito importantes para cativar o público.

Os resultados das eleições no primeiro turno mostraram: Jair Bolsonaro com 46%, Fernando Haddad com 29%, Ciro Gomes com 12%, Geraldo Alckmin com 4%, Marina Silva com 1%, conforme Figura 4.

Figura 6-Resultado eleições 1º turno



Fonte: Da autora (2018).

Considerando que a estratégia mais importante e determinante para influenciar o eleitorado seja ouvir a voz do povo, pode-se deduzir que os candidatos que se saíram melhor por ordem foram: Bolsonaro, Haddad, Ciro, Alckmin, Marina.

Diante do exposto, não é possível inferir que a utilização das estratégias de Horowitz (2001) são exclusivamente determinantes para influenciar o resultado das eleições, contudo é possível considerar que, devido a semelhança entre os resultados das eleições com o resultado da performance avaliada a partir de suas estratégias, haja uma considerável influência para os rumos das eleições seguir os princípios da Guerra Política proposto por Horowitz (2001).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As eleições de 2018 para presidente do Brasil foram, sem dúvida, umas das mais importantes dos últimos anos, alguns especialistas em política chegaram a afirmar, inclusive, que essas seriam as eleições mais importantes desde a redemocratização. As causas para tanto são diversas: primeiras eleições após dezesseis anos de PT, polarização política, onda conservadora, crise política e econômica, Lava-jato, grandes líderes políticos presos por corrupção, fatos, estes, que contribuíram para o caráter plebiscitário dessas eleições (Lula versus Bolsonaro, esquerda versus direita) e, talvez, a mais interessante de todas - ao menos do ponto de vista da comunicação - o protagonismo da Internet. Foi a primeira vez que pôde-se compreender a sua força para influenciar a opinião pública. O filósofo Luiz Felipe Pondé (2018) afirmou em seu canal no YouTube que já se sabia a algum tempo que quem iria ganhar as eleições eram as mídias sociais, atribuindo a vitória de Bolsonaro a sua competente forma de usá-la a seu favor.

Devido a esta nova ferramenta de comunicação, opiniões mais plurais e discussões mais aprofundadas conquistam abarcamento e relevância no debate público, fazendo com o que o pleito não se restrinja e dependa da vontade de algumas poucas pessoas, sob exíguos pontos de vista.

[...] os grandes grupos de comunicação [...] eram estruturas monopolistas, dominadas por um número restrito de proprietários, vinculadas a regras altamente competitivas de acumulação do capital, que, pela dinâmica da competição e dos custos, restringiam ou eliminavam organizações de comunicação independentes que poderiam competir livremente umas com as outras e, em tese, garantir a expressão de um diversificado contingente de opiniões (THOMPSON, 2002, p.328 apud MANTOVANI, 2017, p. 31).

Dessa maneira, é importante considerar que o advento trazido pela modernidade, além de ter exigido mais manobras retóricas nos discursos dos políticos, principalmente aqueles em campanha eleitoral, pode ter sido um dos responsáveis pela surpreendente vitória de Bolsonaro e inesperado significativo fracasso de Alckmin, por exemplo, um político tradicional que investiu milhões em propaganda e, mesmo assim, conquistou apenas 4% das intenções de voto.

Entretanto, certamente a Internet e as mídias sociais são apenas ferramentas, que obviamente sozinhas não ganham nada, apenas ajudam a disseminar, de forma mais efetiva e eficaz, estratégias de comunicação política bem construídas. E o fator

mais determinante em uma eleição, de acordo com Horowitz (2001), é ouvir a voz do povo, compreender o que a opinião pública deseja no momento. Talvez tenha sido o erro crucial do PT, que, apesar de ter aplicado de forma brilhante todos os outros princípios, não soube compreender e dar ao povo brasileiro aquilo que ele desejava. Mano Brown disse no comício do PT, algo que vai ao encontro dessa afirmação:

Deixou de entender o povo já era. Se somos o Partido dos Trabalhadores tem que entender o que o povo quer. Se não sabe, volta pra base e vai procurar entender. Se em algum momento a comunicação falhou aqui, vai pagar o preço. A comunicação é alma. Se não conseguir falar a língua do povo, vai perder mesmo. Falar bem do PT para torcida do PT é fácil. Tem uma multidão que precisa ser conquistada ou vamos cair no precipício (RANGEL; VETTORAZZO, 2018).

Diante da arena pública em que o Brasil se encontrava no momento da eleição, Bolsonaro soube, mesmo que não intencionalmente, usar as estratégias de Horowitz (2001) e dar ao povo aquilo que ele desejava.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA SENADO. CCJ analisa projeto que torna obrigatória a impressão dos votos na urna eletrônica. **Senado Notícias**, 23 jan. 2018. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/01/23/ccj-analisa-projeto-que-torna-obrigatoria-a-impressao-dos-votos-na-urna-eletronica>>. Acesso em: 29 abr. 2018.
- ALCÂNTARA, José Carlos. O homem é um animal político. **Brasil 247**, 19 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/247/artigos/137294/O-homem-%C3%A9-um-animal-pol%C3%ADtico.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2018.
- ALVARO DIAS. **Home**. 2018. Disponível em: <<https://alvarodias.com.br/>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- ARENDR, Hannah. **O que é política?**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- BAND JORNALISMO. Debate na Band: reveja na íntegra o 1º confronto entre os presidencialistas. **YouTube**, 09 ago. 2018. (4h 16min 49s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c>. Acesso em: 26 ago. 2018.
- BAQUERO, Marcello; RANINCHESKI, Sonia; CASTRO, Henrique Carlos de O. A formação política do Brasil e o processo de democracia inercial. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 87-106, jan./abr. 2018.
- BOLSONARO. **Biografia**. 2018. Disponível em: <<https://www.bolsonaro.com.br/>>. Acesso em: 12 out. 2018.
- BOULOS, Guilherme. Massacre midiático. **Observatório da Imprensa**, 21 out. 2014. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/_ed821_massacre_midiatico/>. Acesso em: 26 jun. 2018.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 16 out. 2018.
- _____. Lei Complementar nº 135, de 4 de junho de 2010. Altera a Lei Complementar nº 64, de 18 de maio de 1990, que estabelece, de acordo com o § 9º do art. 14 da Constituição Federal, casos de inelegibilidade, prazos de cessação e determina outras providências, para incluir hipóteses de inelegibilidade que visam a proteger a probidade administrativa e a moralidade no exercício do mandato. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 04 jun. 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp135.htm>. Acesso em: 05 jul. 2018.
- CAMPOS, João Pedroso de. Quem são os treze candidatos à Presidência da República em 2018. **Veja**, 07 out. 2018. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/politica/quem-sao-os-13-candidatos-a-presidencia-da-republica-em-2018/>>. Acesso em: 27 out. 2018.

CANAL LIVRE. Fake News - Parte 1. **YouTube**, 03 mai. 2018. (15min 11s).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sNPz9tMsdto>>. Acesso em: 20 ago. 2018.

CANAL NOSTALGIA. Ainda não sabe em quem votar? Assiste esse vídeo!. **YouTube**, 28 set. 2018. (30min 14s). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=gdZWjJ6vqCl>>. Acesso em: 26 ago. 2018.

CARGOS POLÍTICOS no Brasil: Vereadores, deputados, governadores e outros.

Educação, 2018. Disponível em: <<https://www.educacao.cc/politica/cargos-politicos-no-brasil-vereadores-deputados-governadores-e-outros/>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2. ed., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2013.

CIRO GOMES. **Quem é Ciro Gomes?**. 2018. Disponível em:

<https://todoscomciro.com/ciro-gomes/?locale=pt_br>. Acesso em: 13 out. 2018.

DEBATE DA GLOBO: presidente. **G1**, 05 out. 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/ao-vivo/debate-da-globo-presidente.ghtml>>. Acesso em: 26 out. 2018.

DIAS, Reinaldo; MATOS, Fernanda. **Políticas públicas: princípios, propósitos e processos**. São Paulo: Atlas, 2012.

EM SP, Ibope aponta para presidente: Lula, 23%; Jair Bolsonaro, 18%; Geraldo Alckmin, 15%. **G1**, 04 ago. 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/08/04/em-sp-ibope-aponta-para-presidente-lula-23-jair-bolsonaro-18-geraldo-alckmin-15.ghtml>>. Acesso em: 23 out. 2018.

FERREIRA, Manoel Rodrigues. **A evolução do sistema eleitoral brasileiro**.

Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2001.

GARTNER, Heitor. Egito e Síria: o papel das tecnologias digitais na Primavera Árabe. **Blog PUC-SP**, 17 jun. 2013. Disponível em:

<<http://blog.pucsp.br/culturadigitalri/?p=84>>. Acesso em: 12 mai. 2018.

GERALDO ALCKMIN. **Home**. 2018. Disponível em:

<<https://ideias.geraldoalckmin.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2018.

GOMES, Helton Simões. Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à Internet, diz IBGE. **G1**, 21 fev. 2018. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-Internet-diz-ibge.ghtml>>. Acesso em: 26 set. 2018.

GUILHERME BOULOS. **Home**. 2018. Disponível em:

<<http://guilhermeboulos.com.br>>. Acesso em: 12 out. 2018.

HADDAD. **Home**. 2018. Disponível em: <<https://haddadpresidente.com.br/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

HENRIQUE MEIRELLES. **Home**. 2018. Disponível em: <<http://www.henriquemeirelles.com.br/>>. Acesso em: 09 out. 2018.

HOROWITZ, David. A arte da guerra política. Tradução: Luciano Ayan. **Ceticismo Político**, 2001. Disponível em: <<https://ceticismopolitico.com/2018/05/06/como-acessar-o-material-de-saul-alinsky-e-david-horowitz-publicado-por-aqui/>>. Acesso em: 23 set. 2018.

JAIR BOLSONARO é eleito presidente com 57,8 milhões de votos. **G1**, 29 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

KUNTZ, Ronald Amaral; LUYTEN, Joseph M. **Marketing político**: a eficiência a serviço do candidato. São Paulo. Ed. Global, 1982.

LOPO, Gabriel. As redes de comunicação digital como ferramentas da democracia. **Observatório da Imprensa**, 29 jan. 2016. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/as-redes-de-comunicacao-digital-como-ferramentas-da-democracia/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

MAMÃE FALEI. Fake News Marielle e Cia - Luciano Ayan. **YouTube**, 19 jul. 2018. (28min 58s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=24PQ_j8Ghxg>. Acesso em: 13 set. 2018.

MANTOVANI, Denise. **Mídia e eleições no Brasil**: disputas e convergência na construção do discurso político. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

MANHANELLI, Carlos Augusto. **Estratégias eleitorais**: marketing político. São Paulo: Summus, 1988.

MARINA SILVA. **Conheça Marina**. 2018. Disponível em: <<https://marinasilva.org.br/biografia/>>. Acesso em: 13 out. 2018.

PARTIDOS POLÍTICOS registrados no TSE. **Tribunal Superior Eleitoral**, 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/registrados-no-tse>>. Acesso em: 12 abr. 2018.

PESQUISA IBOPE para presidente: Bolsonaro, 32%; Haddad, 23%; Ciro, 10%; Alckmin, 7%; Marina, 4%. **G1**, 03out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/03/pesquisa-ibope-para-presidente-bolsonaro-32-haddad-23-ciro-10-alkckmin-7-marina-4.ghtml>>. Acesso em: 10out. 2018.

PONDÉ, Luiz Felipe. Bolsonaro presidente 2018. **YouTube**, 29 out. 2018. (5min 12s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=y-JG6xNzXQs>>. Acesso em: 03 nov. 2018.

RANGEL, Sérgio; VETTORAZZO, Lucas. Em comício no Rio, Mano Brown critica PT e é defendido por Chico e Caetano. **Folha de São Paulo**, 23 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/em-comicio-no-rio-mano-brown-critica-pt-e-e-defendido-por-chico-e-caetano.shtml>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

RAMALHO, Renan; OLIVEIRA, Mariana. Por 8 a 2, STF derruba voto impresso nas eleições de 2018. **G1**, 06 jun. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/relator-no-stf-admite-impresao-de-votos-mas-diz-que-implantacao-pelo-tse-pode-ser-gradual.ghtml>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

RIBEIRO, Renato Janine. **A democracia**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.

RUA, Maria das Graças. **Políticas públicas**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; Brasília: CAPES/UAB, 2009.

SISK, Timothy. **Democracia em nível local**. São Paulo: Atuação, 2015.

TENENTE, Luiza. Funciona Assim: o que faz o governador?. **G1**, 14 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/14/funciona-assim-o-que-faz-o-governador.ghtml>>. Acesso em: 01 out. 2018.

TSE. Tribunal Superior Eleitoral. **Home**. 2018. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/>>. Acesso em: 08 out. 2018.

WEBER, Maria Helena; ABREU, Carmen R. Debate político-eleitoral na televisão: jogo de cena e dispositivo estratégico. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. (Org.). **Mídia, representação e democracia no Brasil** - estudos sobre comunicação política. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. v. 1, p. 162-194.